

Poderá uma língua natural ser sexista?

Avaliação do impacto de informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados com sujeitos masculinos genéricos em Português Europeu

João Soares Gonçalves de Matos

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

Especialização em Linguística

Agosto de 2020

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, área de especialização em Linguística, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Susana Correia e da Professora Doutora Matilde Gonçalves.

Para a minha mãe, criadora de primaveras.

Retribuindo R e M pelas lições de outubro.

Recordando CC em memórias de luz.

AGRADECIMENTOS

A suposta autoridade que um plural majestático projeta na semântica de um texto é, para qualquer jovem adulto que esboce os seus primeiros ensaios de ideias, o adorno ideal para maquilhar as suas inseguranças. Embora saiba que não sou exceção a esta tendência, muito me alegra admitir que a redação deste texto me permitiu, pela primeira vez, pluralizar uma voz enunciativa numa dimensão que era, até o terminar, por mim inexplorada: longe de qualquer exercício de autoridade, pretendo constatar que esta voz

(que este texto)

não me pertence apenas a mim, mas também a várias outras suas pares. As vozes enunciativas pluralizadas que neste trabalho encontrarão reconhecem a minha infinita gratidão para com todas as vozes

(para com todas as bocas)

para com todas as mãos que sustentam este texto. É nesse sentido que não poderia deixar de mencionar, lembrar e agradecer

à minha tia, ao meu tio e à minha prima, que chegaram para nunca partir,

à minha irmã, exemplo de coragem, de perspicácia e de resiliência,

à Rita Correia, por todas as mais que relevantes perguntas e pelos pertinentes comentários que fez sobre a Experiência II, por me ter feito repensar vários aspetos da mesma,

ao Alexandre Mergulhão, ao Ricardo Henriques e à Leonor Freitas, pelo cheiro a café pela manhã, pelos risos e sorrisos, pela motivação, por todas as conversas, pelo cuidado com que partilham comigo um espaço no qual nos conseguimos sentir em casa,

à Tatiana Fernandes, ao Filipe Braga, à Cláudia Santos, ao Ricardo Garcés Velasco, à Sara Seabra, à Margarida Vargas, à Ann-Elisa Sgrazzutti, à Mariana Andrade, à Carolina Almeida, ao Yuri Wentink, ao Carlos Ramirez, à Rita Cunha, ao André Marques, à Sara Bento, ao Pedro Martins e a toda a restante equipa da Take Lisboa, sem os quais não teria tido recursos para me dedicar a este projeto, por lhes dever os últimos três anos da minha vida, por fazerem do meu quotidiano uma sequência de dias plenos de carinho, atenção, cooperação e esforço, por tudo o que me ensinam, por fazerem de mim uma pessoa diferente e que eu cuido ser melhor,

à Cristina Duarte, à Emília Paco, ao Francisco Pereira, à Claudina Coelho e ao João Jaime Pires, pelo exemplo de docência que espero, algum dia, poder incorporar,

ao Eduardo Castro, meu colega de mestrado que se fez amigo, pelos passeios, pelas conversas, pelas discussões, pelas críticas, pela perspicácia, pelos chás e pelos cafés,

ao Daniel Cardoso pelas pistas de leitura, pelas várias dicas úteis, pelas conversas, pelo desconcerto e desorientação que sinto sempre que tenho oportunidade de o ouvir falar,

ao Luís Robert, sempre presente na edificação de sentidos no meu caos,

ao Pascal Gygax, por todos os conselhos e pela prestável prontidão do seu apoio,

à Paula Luegi, pela inesperada amizade, pela inexplicável e impagável dedicação com que me abraçou a mim e a este projeto, por me ter inspirado a explorar novas competências, por toda a paciência que teve para poder lidar com os meus desatinos,

à Matilde Gonçalves, pela lufada de ar fresco e de outras fragrâncias epistemológicas, pela escuta ativa e pelo diálogo sem paralelo neste meu curto percurso, pela perspectiva crítica, pelo apoio, pelo ânimo, pela infinita atenção,

à Susana Correia, a “pequenina luz bruxuleante” dos últimos anos da minha vida que me ensinou – que me tem ensinado – mais do que eu alguma vez conseguiria conceber, por toda a atenção, por toda a diligência, pelo Norte que me traz,

à Marta Marques, à Margarida Cerqueira, ao Rafael Silva e ao Daniel Veloso, por todo o amor que consumiu esta última década, por serem a minha segunda família, por aturarem todos os meus dramas, por serem sol de amizade, companheirismo e camaradagem,

à Rebeca Csalog, meu pilar de ouro e de ternura,

à Margarida Assis, minha cúmplice na semiótica do conforto, minha eterna interlocutora na intimidade, na Linguística e na vida,

à Sofia Pancada, o meu cravo, o meu sustento, o meu pequeno paraíso animado,

à minha Mãe, de quem gosto até ao sol, até à lua, até ao arco-íris e até sempre,

e a muitas outras, por vários motivos que não conseguiria enumerar nesta página: Francisco Morgado Gomes, Diogo Ferreira, Margarida Andresen, Rafael Traquino, Vanessa Casanova, Marta Fraga, Inês Felício, Meire Celedônio da Silva, Margarida Vaz, Catarina Letria, Inês Garcia, Inês Brito, Maria da Paz Carvalho, Carolina Gramacho, Simão Cortês, Joana Amorim, Luísa Negreiros, Vasco Negreiros, Juliana Senra, Indira Leão, Joana Feijó, Pedro Feijó, Constança Cardoso, Teresa Serra Nunes, Inês Tielas da Silva, companheiras da AEFCSH em 2016 e 2017, André Portas, Ricardo Sequeira, Chiara Giusti, Adriana Ventura, Henrique Janeiro, Tesla Lee, Stefani Papa, Mateo Reyes, Eleftheria Kapourani, Ivana Maričić, Francisco Nogueira e Cláudia Mendes. Não me esquecerei do vosso contributo para este meu percurso.

Agradeço, com o devido destaque, à Susana, à Matilde e à Paula: são elas a principal razão de uma primeira pessoa no plural neste trabalho.

E à Carolina Couto, minha semente de luz, embora já não o possa ler.

*What shall we do with you,
Our Cornish words?
Shall we dance with you
Or portray icons,
Speak wise sayings, simple childish rhymes,
Argue politics or philosophy?

Why not write love letters – perhaps
More intended by them than is revealed?

Sometimes I think all this
Is a waste of time and effort:
For all words disguise what
We truly wish to say.*

*How then can we use
Our foolish fond words,
Beloved and enchanted words,
Wild words which run away with us?
Hold up the mirror to our thoughts,
Breathe on it, wipe it clean:
Let us begin again.
Perhaps, year after year,
Age after age, we shall find
At least the true lost meaning
Not in our bardic lines,
But between those lines,
Shadowed, hinting at the essence,
Something of what we hope to signify.*

Donald Rawe, “Geryow Kernewek” (“Cornish Words”).

Traduzido por Tim Saunders.

Poderá uma língua natural ser sexista?

Avaliação do impacto de informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados com sujeitos masculinos genéricos em Português Europeu

João de Matos

RESUMO: Um dos tópicos mais discutidos na literatura relativa à interseção de fenómenos gramaticais e do género humano é a análise de nomes Masculinos Genéricos (MG). Nas línguas de género gramatical, os MG são formas linguísticas nas quais o género é marcado morfossintaticamente, exibindo a marcação dos traços [+Humano], [+Masculino] e [+Plural], mas cuja semântica é ambígua, podendo significar coletivos de homens, na sua interpretação específica, ou coletivos de homens e de mulheres, na sua interpretação genérica. Vários trabalhos recentes (Esaulova *et al.*, 2015; Gygax *et al.*, 2012; Horvath *et al.*, 2016; Stahlberg *et al.*, 2007; Vervecken *et al.*, 2013) têm verificado que, nas línguas indo-europeias de género gramatical, a leitura preferencial de MG é específica e não genérica. Até onde o nosso conhecimento nos permite afirmar, a interpretação dos MG do Português Europeu (PE) nunca foi estudada. Esta dissertação propõe-se a fazê-lo através de dois paradigmas experimentais.

A Experiência I tem como objetivo normatizar os estereótipos de género associados a nomes do PE. Adaptámos a metodologia utilizada por Gabriel *et al.* (2008) e Miserky *et al.* (2014). Criámos uma lista de 93 nomes de papéis sociais cuja estereotipicidade de género foi avaliada por 342 falantes de PE. Manipulámos a direção da escala (mulheres à esquerda vs. mulheres à direita) e a informação gramatical presente nos itens (nomes masculinos e femininos vs. nomes MG). As classificações foram, na generalidade, enviesadamente masculinas. Obtivemos classificações menos masculinas quando os nomes foram explicitamente marcados com o género gramatical feminino, e quando estes nomes estavam localizados no lado esquerdo da escala.

A Experiência II pretende avaliar a interpretação preferencial dos MG do PE e perceber se estereótipos de género podem interferir na interpretação destas formas nominais. Adaptámos o paradigma de avaliação de sequências de enunciados utilizado por Gygax *et al.* (2008) para o PE. Os itens de teste foram sequências de dois enunciados cujos sujeitos sintáticos estavam referencialmente ligados. O primeiro sujeito sintático era um MG; o segundo podia ser um nome concetualmente masculino (“homens”) ou feminino (“mulheres”). Cada participante tinha de decidir se a segunda frase era uma continuação plausível da primeira. Foi controlado o estereótipo de género associado ao nome da primeira frase (masculino, feminino ou neutro) e o género concetual do sujeito sintático da segunda frase. Os estereótipos dos nomes não influenciaram as interpretações das frases, sendo que estas foram determinadas pela qualidade do género gramatical presente na morfologia nominal.

Os nossos resultados evidenciam que: (1) a leitura preferencial dos MG do PE é específica e não genérica; (2) é possível contrariar a invisibilidade concetual das mulheres fazendo referência morfológicamente explícita à sua presença na morfologia nominal, sobretudo se o termo feminino estiver localizado na periferia esquerda da coordenação sintática (p. ex.: “alunas e alunos”). Acreditamos, para além disso, ter reunido evidências da importância do contexto sociopraxeológico da produção linguística e do impacto que a estrutura de uma língua natural, o PE, pode ter na cognição humana. Estes achados e as suas repercussões socioculturais e políticas são amplamente discutidas pelo nosso trabalho no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, do Neo-Whorfianismo e da Linguística Feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Género Gramatical; Género e Linguagem; Linguística Feminista; Linguagem Inclusiva; Masculinos Genéricos; Processamento Linguístico.

Can a natural language be sexist?

Evaluation of the impact of grammatical information and gender stereotypes in the comprehension of sentences with masculine generic subjects in European Portuguese

João de Matos

ABSTRACT: One of the most debated topics in the literature regarding the intersection of grammatical phenomena and human gender is the analysis of Masculine Generic (MG) nouns. In grammatically-gendered languages, MG nouns are linguistic items in which grammatical gender is morpho-syntactically expressed, bearing [+Human], [-Feminine] and [+Plural] semantic features, despite being semantically ambiguous: they can signify both groups of men (in their specific interpretation), and mixed-gender groups (in their generic interpretation). Several recent studies (Esaulova *et al.*, 2015; Gygax *et al.*, 2012; Horvath *et al.*, 2016; Stahlberg *et al.*, 2007; Vervecken *et al.*, 2013) have proposed that within Indo-European grammatical gender languages (German, English, French, and others), MG nouns are preferentially interpreted as specific, not as generic. However, to the best of our knowledge, no previous research has investigated whether this is the case in European Portuguese (EP). The present dissertation will directly address this shortcoming by using two experimental paradigms.

Experiment I provided norms on gender stereotypes associated with EP nouns. We adapted the methodology developed by Gabriel *et al.* (2008) and Miserky *et al.* (2014). We created a list of 93 social role names which were rated for their gender stereotypicality by 342 native EP speakers. We manipulated the scale's direction (with female versions of names being expressed on the left side vs. the right side) and the grammatical information incorporated by the evaluated nouns (feminine and masculine versions of nouns vs. MG nouns). Our results show there was an overall tendency in the stereotypicality ratings to judge the role names as being male. This tendency was less pronounced, however, when the feminine version of nouns was presented, and even less so when this version was presented on the left side of the scale.

Experiment II evaluated the preferential interpretation of EP MG nouns and the influence of gender stereotypes in such interpretations. We adapted the sentence evaluation paradigm used by Gygax *et al.* (2008) to EP. Test items were sequences of two sentences whose syntactic subjects were referentially bound. The first subject was an MG noun; the second subject was either a conceptually masculine noun or a conceptually feminine noun (respectively “homens” or “mulheres”). Each participant had to decide whether or not the second sentence was a possible continuation for the first. We controlled the gender stereotype of the evaluated noun (which could be masculine, feminine or neuter) as well as the conceptual gender of the second sentence's subject. The role names' stereotypicality had no relevant influence in the interpretation of these nouns, since such interpretations were determined by their grammatical gender. Our results confirm that: (1) the preferential reading of EP MG nouns is specific, and not generic, and that (2) it is possible to reduce women's conceptual invisibility by explicitly referring them within nominal morphology, especially if the feminine term is located on the left periphery of the syntactic coordination (for instance, “alunas e alunos”). Further, our findings highlight the importance of the socio-praxeological context of linguistic performance, and of how the structure of a natural language can influence human cognition. We discussed these insights and their sociocultural and political repercussions are discussed in this work within the frameworks of Socio-Discursive Interactionism, Neo-Whorfianism and Feminist Linguistics.

KEYWORDS: Grammatical Gender; Gender and Language; Feminist Linguistics; Inclusive Language; Masculine Generics; Linguistic Processing.

Índice

Lista de Abreviaturas.....	xiii
Lista de Figuras	xiv
Lista de Gráficos.....	xv
Lista de Tabelas.....	xvi
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1: Revisão da Literatura.....	7
1.1 – Polivalência Terminológica do Conceito de Género.....	7
1.2 – Multidimensionalidade da Noção de Género	10
1.2.1 – Género Lexical	10
1.2.2 – Género Gramatical.....	11
1.2.3 – Género Concetual	12
1.2.4 – Género Social	15
1.2.5 – Masculinos Genéricos.....	16
1.3 – Dimensão Sociopraxeológica da Significação Linguística	17
1.4 – Relatividade Linguística	22
1.5 – Influência da Gramática e de Estereótipos na Significação Linguística	25
1.6 – Uma Conceção Plural de Estratégias de Processamento Linguístico.....	27
1.7 – Sumário.....	28
1.8 – Questões de Investigação e Hipóteses do Trabalho Experimental.....	29
CAPÍTULO 2: Experiência I (Teste 1).....	33
2.1 – Método.....	34
2.1.1 – Materiais	34
2.1.2 – Estrutura da Experiência e Desenho Experimental	35
2.1.3 - Pilotagem.....	38
2.1.4 – Procedimento	40
2.1.5 – Participantes	41

2.1.6 – Tratamento dos Dados	43
2.2 – Resultados.....	45
2.3 – Discussão	48
2.4 – Sumário.....	51
CAPÍTULO 3: Experiência II (Testes 2 e 3).....	53
3.1 – Método.....	53
3.1.1 – Materiais	54
3.1.2 – Estrutura da Experiência e Desenho Experimental	56
3.1.3 – Pilotagem	63
3.1.4 – Procedimento	65
3.1.5 – Participantes	67
3.1.6 – Tratamento e Análise dos Dados	69
3.2 – Resultados.....	70
3.3 – Discussão	77
3.4 – Sumário.....	80
CAPÍTULO 4: Discussão Geral dos Resultados	83
Considerações Finais	93
Bibliografia.....	97
Lista de Referências.....	97
ANEXO I – Lista de nomes de categorias sociais avaliados pela Experiência.....	109
ANEXO II – Formulário de Consentimento da Experiência I	112
ANEXO III – Dispersão de Itens em cada uma das Versões do Teste 1 em Função de CM e DP	113
ANEXO IV – Formulário de Consentimento da Experiência II	114
ANEXO V – Estímulos da Experiência II.....	115

Lista de Abreviaturas

Adj – Adjetivo

AFP – Frase A cujo sujeito sintático é um nome Feminino Plural

AMG – Frase A cujo sujeito sintático é um nome Masculino Genérico

BML – Frase B cujo sujeito sintático é um nome lexicalmente feminino (“mulheres”)

BHM – Frase B cujo sujeito sintático é um nome lexicalmente masculino (“homens”)

CM – Classificação Média

EF – Estereótipo Feminino

EM – Estereótipo Masculino

FN – Feminino Neutro

G – Índice de Grau de Estereotipicidade

L – Valor Limite

MD – Escala de Likert cuja extremidade direita significa uma população exclusivamente feminina

ME – Escala de Likert cuja extremidade esquerda significa uma população exclusivamente feminina

MG – Masculino(s) Genérico(s)

MN – Masculino Neutro

N – Nome / Neutro

P – Preposição

PC – Ponto Central da Escala

PRL – Princípio da Relatividade Linguística

Lista de Figuras

Figura 1 - Exibição do Bloco 1 da Versão A1 do Teste 1	36
Figura 2 - Exibição do Bloco 1 da Versão B2 do Teste 1	38
Figura 3 - Excerto do Questionário Utilizado por Gabriel et al. (2008).....	50

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Caracterização etária de participantes na Experiência I.....	42
Gráfico 2 - Caracterização da escolaridade de participantes na Experiência I.....	43
Gráfico 3 - Dispersão global dos itens do Teste 1 em função de CM e DP	46
Gráfico 4 - CM global de cada versão do Teste 1	48
Gráfico 5 - Caracterização etária da amostra total da Experiência II.....	67
Gráfico 6 - Caracterização da escolaridade da amostra total da Experiência II.....	68
Gráfico 7 - Caracterização etária de participantes na Experiência II	69
Gráfico 8 - Caracterização da escolaridade de participantes na Experiência II	69
Gráfico 9 - Respostas às perguntas de controlo da Experiência II.....	71
Gráfico 10 - Taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II.....	72
Gráfico 11 - Tempos de reação brutos na Experiência II.....	74
Gráfico 12 - Tempos de reação (log) na Experiência II	75

Lista de Tabelas

Tabela 1- Duração (em segundos) das participações na sessão de pilotagem da Experiência I.....	39
Tabela 2 - Distribuição de itens do Teste 1 por categoria de género social	46
Tabela 3 - Caracterização do género social de itens EF e EM	47
Tabela 4 - Caracterização de itens com maior grau de estereotipicidade ($G > 30$).....	47
Tabela 5 - Lista de sujeitos sintáticos possíveis nas Frases B da Experiência II	55
Tabela 6 - Nomes utilizados na Experiência II.....	56
Tabela 7 - Distribuição de participantes por lista de itens da Experiência II.....	68
Tabela 8 - Taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II	71
Tabela 9 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados do Teste 2.....	72
Tabela 10 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados do Teste 3.....	73
Tabela 11 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II.....	73
Tabela 12 - Tempos de reação brutos na Experiência II	75
Tabela 13 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados do Teste 2	76
Tabela 14 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados do Teste 3	76
Tabela 15 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados da Experiência II	76

Introdução

Linguistic imbalances are worthy of study because they bring into sharper focus real-world imbalances and inequities.

(Lakoff, 1973: 73)

Na década de 60, William Labov demonstrou, com a sua análise linguística do público dos armazéns de Nova Iorque (Labov, 1966), uma característica da linguagem que viria a revolucionar a Linguística do século XX: o seu trabalho evidenciava claras assimetrias na distribuição estatística das realizações de certos parâmetros de variação linguística e correlacionava tais diferenças com a pertença de falantes a categorias sociodemográficas. Embora alguns ensaios filológicos de dialetologia do século XIX (Schmeller, 2008 [1872-1877]; Wright, 1898-1905) se dedicassem já a estudar a circunscrição geográfica da variação lexical das línguas germânicas, a novidade que o trabalho de Labov introduziu no domínio teórico das Ciências da Linguagem foi incontestavelmente promissora, pois iniciava uma nova tradição de investigação metodologicamente enraizada na análise da performance linguística e empiricamente sustentada por métodos quantitativos da sociologia conhecida como *sociolinguística*.¹ Assim, o termo *mulher* ganhou destaque neste domínio científico na qualidade de categoria de variação sociolinguística e, com ele, a promessa de que seria possível estudar e descrever de uma forma cientificamente informada as idiossincrasias linguísticas do sexo feminino.

Embora Labov possa ser considerado como o fundador da Sociolinguística, em rigor se dirá que só na década de 70 é que as questões de género (consideradas como basilares pela maior parte das disciplinas científicas que lidam com cognição, ações, instituições ou culturas humanas) foram acolhidas no seio da Linguística, em grande medida devido aos contributos científicos de Robin Lakoff. No seu trabalho seminal, Lakoff avançou uma perspetiva crítica da *Woman's Language* (Lakoff, 1973, 1975) que Labov identificara. De acordo com Labov (2006), o facto de as mulheres utilizarem

¹ No decorrer deste texto, serão utilizados *itálicos* para diferenciar noções específicas ainda não introduzidas do restante corpo do texto com o propósito de desambiguar eventuais dificuldades de leitura e compreensão. Aspas serão utilizadas para assinalar terminologia específica já referida ou em contextos de citação.

menos regularmente certas formas linguísticas pode ser lido como um reflexo da subalternidade feminina na sociedade, já que a frequência de uso de tais práticas, na perspectiva do autor, pode ser um *índice de prestígio social*; por outras palavras, taxas de frequência de uso de variantes de prestígio social mais baixas são, de acordo com Labov, um indicador de práticas linguísticas próprias das mulheres. A oposição entre os objetivos dos postulados teóricos de Labov e Lakoff é clara e reveladora de um debate que se prolonga até à contemporaneidade: para o primeiro, a Linguística poderia ser utilizada como sustento teórico para descrever empiricamente factos ou realidades das categorias sociais, ignorando os papéis e posições sociais de homens e mulheres; para Lakoff, esses factos e realidades têm de ser confrontados com uma perspectiva crítica das línguas naturais e das sociedades humanas, enfatizando a forma como as diferenças de género refletem práticas e orientações sexistas na sociedade.

Lakoff denunciou que a utilização da linguagem não só reflete, mas também reproduz o papel subalterno das mulheres na sociedade. Na visão da autora, a manutenção linguística da subalternidade feminina é refletida na linguagem humana devido às expectativas comportamentais que determinam a conduta convencionada como correta para as mulheres durante o processo da sua socialização e que, conseqüentemente, circunscrevem as suas possibilidades de manifestação linguística; tal significa, portanto, que, segundo Lakoff, o *woman's speech* (isto é, o facto de as mulheres escolherem e utilizarem com maior ou menor frequência uma série de itens lexicais, de estruturas sintáticas e fonológicas e de padrões prosódicos de acordo com as expectativas de género que lhes são impostas) não é o resultado de uma suposta *essência feminina*, como o trabalho de Labov parece indicar, mas antes de uma *condição feminina*: das mulheres é esperado que se comportem como mulheres e, por conseguinte, que falem como mulheres (Lakoff, 1973: 49-57)².

Por outro lado, Lakoff alega, ainda, que os mecanismos linguísticos disponíveis para falar sobre mulheres são, eles próprios, reprodutores de sexismo: várias construções fixas, conotações semânticas e regras da gramática descrevem as mulheres como secundárias, como objetos sexuais dos homens, ou até mesmo como responsáveis pela sua subserviência (Lakoff, 1973: 57-73). Evidenciando o esboço de uma pragmática

² Esta observação de Lakoff reitera epistemologicamente o célebre mote de Beauvoir: “one is not born, but rather becomes, a woman” (Beauvoir, 1953: 273).

feminina inerente às línguas naturais, Lakoff não deixa de definir o escopo do seu método de análise como integrando o domínio da Linguística:

My feeling is that language use by any other name is still linguistics, and it is the business of the linguist to tell why and where a sentence is acceptable, and to leave the name-calling to the lexicographers.

(Lakoff, 1973: 77)

As ideias de Lakoff foram – e ainda são – objeto de controvérsia. No entanto, é inegável que, apesar de polêmico, o pensamento de Lakoff iniciou uma nova tradição acadêmica dedicada ao estudo de fenômenos de inter-relação entre gênero e o dinamismo das línguas naturais. Com efeito, as ideias até agora apresentadas podem ser compreendidas como partes integrantes de diferentes (e nem sempre complementares) paradigmas de investigação dentro desta nova tradição acadêmica: o *paradigma da diferença*, focado na descrição de diferenças linguísticas como resultantes do facto de homens e mulheres serem socializados em subculturas diferentes; e o *paradigma da dominância*, que enquadra essas diferenças num sistema linguístico que é subproduto de uma mesma cultura – uma sociedade patriarcal (Litosseliti, 2006: 27).

A investigação no paradigma da dominância estabelece a polarização das categorias *masculinidade* e *feminilidade* como diretriz construtora da dicotomia sexual através da qual a experiência humana é organizada. Todavia, tal não significa que uma e outra categoria tenham um estatuto de igualdade na interlocução humana: enquadrada neste paradigma teórico, a Linguística Feminista tem denunciado as práticas linguísticas androcêntricas demonstrativas da natureza patriarcal de tal organização na comunicação quotidiana (Baron, 1986; Cameron, 1985; Meseguer, 1977; Pauwels, 1998; Stahlberg *et al.*, 2007). Uma das mais debatidas questões no seio deste paradigma é definida por Deborah Cameron como “perhaps the oldest and most familiar example of a male/female dichotomy in language” (Cameron, 1985: 62): o *gênero gramatical* das línguas naturais

enquanto espaço de semiotização não-paritário destas categorias dicotômicas³, ou, por outras palavras, a interpretação de *Masculinos Genéricos*⁴.

Nas línguas naturais de género gramatical, a marcação e a concordância de género é obrigatória (Corbett, 2001) e permite, entre outras propriedades, estabelecer fenómenos de ligação entre formas nominais e pronominais, assegurando, por exemplo, a sua coesão interfrásica (Hellinger & Bußmann, 2001-2003; Hellinger & Motschenbacher, 2015) como demonstrado nos exemplos (1) a (4). Os Masculinos Genéricos (MG) são formas linguísticas das línguas indo-europeias caracterizáveis por duas propriedades: estruturalmente, são formas e proformas nominais nas quais o género é marcado morfossintaticamente, exibindo a marcação dos traços [+Humano], [-Feminino]⁵ e [+Plural]; a sua semântica, no entanto, é ambígua, sendo caracterizáveis pela possibilidade de referência a coletivos de homens, na sua interpretação específica, exemplificada por (1), ou pela possibilidade de referirem coletivos de homens e de mulheres, na sua interpretação genérica, exemplificada por (3).

- (1) [O Filipe, o André e o Pedro]_i foram correr. Todos eles_i voltaram exaustos.
- (2) [A Cláudia, a Mariana e a Margarida]_j foram correr. Todas elas_j voltaram exaustas.
- (3) [A Rita, o Ricardo e o Carlos]_k foram correr. Todos eles_k voltaram exaustos.
- (4) *[A Mónica, a Inês e o Manuel]_l foram correr. Todas elas_l voltaram exaustas.

As críticas até agora reunidas condenam a significação de mulheres por recurso a MG, argumentando que o objeto de referência destas formas é tendencialmente interpretado como específico e desprovido do seu valor genérico, inviabilizando, por tal motivo, a possibilidade de inclusão de mulheres na sua semiotização. Estas críticas

³ O debate aqui apresentado não diz respeito à possibilidade de semiotização de masculinidade e feminilidade no seio das línguas naturais, mas apenas ao carácter paritário de tais semiotizações.

⁴ No original, *Masculine Generics* ou *Androcentric Generics* (Bodine, 1975; Cameron, 1998; Pauwels, 2003; Stahlberg *et al.*, 2001).

⁵ Não ignorando que os traços de género são convencionalmente marcados pela oposição [±Masculino], recorde-se a crítica de Dale Spender a esta taxonomia semântica ao classificá-la como congruente com uma visão androcêntrica da gramática: “Masculinity is the unmarked form: the assumption is that the world is male unless proven otherwise” (Spender, 1990: 20). Note-se também que, como Cameron corretamente observa, a representação canónica do traço de género feminino como [-Masculino] é logicamente equivalente à marcação do traço de género masculino como [-Feminino] (Cameron, 1985: 60). Assim, no decorrer deste texto, os traços de género serão sempre representados pela oposição [±Feminino].

encontram sustento empírico numa série de estudos que têm evidenciado, socorrendo-se de diferentes metodologias, que a interpretação dos MG é resolvida através da atenuação da possibilidade de representação de referentes femininos (Gabriel *et al.*, 2008; Gygax *et al.*, 2008; Gabriel *et al.*, 2018).

Seguindo tais conclusões, várias instituições europeias têm procurado implementar práticas linguísticas de inclusão social no seu seio. Apesar de o Parlamento Europeu ter elaborado um conjunto de recomendações estilísticas para os representantes dos países-membros da União Europeia com vista à utilização de Linguagem Neutra⁶, e apesar de estas já terem sido formalizadas em Portugal por iniciativa da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG)⁷, na forma de um Manual de Linguagem Inclusiva para a Administração Pública⁸, não existe, até onde o nosso conhecimento nos permite afirmar, nenhuma evidência empírica que sustente a pertinência da introdução de políticas linguísticas de inclusão social que desencorajem a utilização de MG do Português Europeu.

Esta dissertação pretende, por um lado, avançar um quadro teórico e epistemológico para o estudo de questões de género, cognição e linguagem, e, por outro, testar empiricamente diferentes dimensões da significação do género humano no Português Europeu (PE). Para o fazer, isolámos dois fatores psicolinguísticos distintos: os estereótipos de género que estão associados a determinados nomes do PE e o impacto da utilização de MG do PE na compreensão de enunciados nos quais estes sejam sujeitos sintáticos. Com esse propósito em vista, apresentamos, no Capítulo 1 deste trabalho, vários dos conceitos operativos fulcrais para a leitura deste texto e discutimos os fundamentos empíricos e epistemológicos que justificam o trabalho experimental por nós executado. No Capítulo 2, descrevemos o método, os resultados e uma breve discussão da Experiência I; no Capítulo 3, fazemos o mesmo para a Experiência II. A discussão geral dos resultados das nossas experiências pode ser lida no Capítulo 4. As nossas conclusões são discutidas no último capítulo do presente trabalho.

⁶ https://www.europarl.europa.eu/cmsdata/151780/GNL_Guidelines_EN.pdf

⁷ <https://www.cig.gov.pt/>

⁸ https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2017/06/Guia-Ling-Inclusiva-Adm-Publica_CIG_G-Abranches.pdf

CAPÍTULO 1: Revisão da Literatura

Ultimately, the concern about gender-neutral language is about representation and inclusion: does our language use lead us to ignore people in ways that promulgate inequality?

(Kramer, 2016: 76)

Neste capítulo, apresenta-se uma revisão acerca do que poderá sustentar como um quadro epistemológico para o estudo de questões de Género e Linguagem, assim como a apresentação e discussão de alguns conceitos operativos mobilizados para a investigação nesta área de conhecimento⁹. Partindo de uma descrição do funcionamento do sistema de género gramatical do Português Europeu, apresentada na primeira secção deste capítulo (1.1), discutiremos, na segunda secção (1.2), os vários conceitos (e respetiva aplicação ao Português Europeu) que problematizam a análise tradicional do género gramatical neste contexto linguístico. Na terceira secção (1.3) serão discutidas questões de natureza semiótica relativas ao carácter sociopraxeológico da significação linguística, e, na quarta secção (1.4), serão explorados os consequentes pontos de contacto entre significação linguística e cognição humana. Estas ligações serão discutidas em maior pormenor no âmbito do objeto de estudo do nosso trabalho na quinta secção (1.5), sendo explicada, na sexta secção (1.6), a estratégia de processamento linguístico que viabiliza a análise que aqui avançamos. Na sétima secção (1.7) apresenta-se um breve sumário das questões discutidas, e, por último, delimitam-se, na secção final (1.8), os objetivos da nossa investigação na qualidade de questões e de hipóteses empiricamente atestáveis.

1.1 – Polivalência Terminológica do Conceito de Género

A análise tradicional do género gramatical do Português Europeu (Costa *et al.*, 2015, Raposo *et al.*, 2013) assume que a flexão dos nomes em género não existe, que a variação nominal em género é morfologicamente imprevisível e que “o género [gramatical] é uma categoria arbitrária e, por isso, não estabelece uma correlação com a

⁹ Uma parte considerável do trabalho apresentado neste capítulo foi desenvolvido no âmbito do Seminário de Teoria do Texto da FCSH-NOVA no ano letivo de 2018/2019.

noção de sexo” (Choupina, 2011: 66). Os argumentos mais frequentemente mobilizados para sustentar estas afirmações são que:

a) a percentagem de nomes variáveis em género cujo contraste de índice temático e género gramatical está correlacionado com o contraste de género extralinguístico é residual na classe de formas nominais do PE, não sendo, como exemplificado por (1), uma correlação exaustiva nas formas nominais deste contexto linguístico;

(1) o ovo vs. a ova, o copo vs. a copa.

b) há nomes, como os apresentados a seguir, em (2), que tomam referentes humanos, mas cuja variação de contraste de índice temático e de género gramatical não é possível;

(2) o cônjuge, a testemunha vs. *a cômjuga, *o testemunho (se [+Humano]).

c) o índice temático das formas nominais do PE não corresponde de forma previsível à marcação morfológica de género gramatical, como observável pelos nomes listados em (3), (4) e (5);

(3) o cinema, o papa.

(4) a tribo, a moto.

(5) a morte, o dente.

d) o contraste de género extralinguístico pode ser marcado no PE através de uma série de outros mecanismos que não exclusivamente o contraste de índice temático, tais como a variação fonológica das formas nominais, exemplificada em (6), contrastes lexicais, como em (7), ou processos morfológicos como a composição, observável em (8) ou a derivação, exemplificada por (9).

- (6) o irmão vs. a irmã, o avô vs. a avó.
- (7) homem vs. mulher, nora vs. genro, padrinho vs. madrinha.
- (8) lontra-macho vs. lontra-fêmea.
- (9) judeu vs. judia, barão vs. baronesa.

Todos estes fenómenos são frequentemente citados pela literatura para justificar o facto de o género gramatical e o género extralinguístico serem, na realidade, duas categorias autónomas, independentes e não correlacionáveis. Segundo Berkum (1996: 3):

(...) if native speakers are aware of gender at all, it is most likely not grammatical, but natural gender. Whereas the former is a linguistic property of words, the latter is a biological property of animate referents of words. The natural gender of a boy, for instance, is male, and that of a girl is female. These are just facts of biology.

A nosso ver, o que motiva a tradicional dissociação categórica entre a variação de género gramatical das formas nominais do PE e os contrastes de género extralinguístico é o reconhecimento de que a complexidade da relação entre uma e outra categoria não pode ser reduzida à linearidade de um juízo de simples correlação entre as mesmas. Este facto é um truísmo verificável por qualquer descrição sistemática do funcionamento do PE. Neste trabalho, a visão que se pretende avançar é a de que o reconhecimento da complexidade (e da impossibilidade da generalização universal) da relação que se estabelece entre estas categorias não equivale a afirmar a impossibilidade de tal relação: com efeito, os contrastes de género gramatical na grande maioria das formas nominais variáveis em género relativas a referentes humanos correspondem a contrastes de género extralinguístico, como em (10).

- (10) aluno vs. aluna, operário vs. operária.

Este comportamento complexo dos nomes do PE indicia dois fatores fundamentais para a compreensão da relação que aqui qualificamos: (1) ainda que não seja generalizável para toda e qualquer forma nominal, a relação que aqui descrevemos existe num conjunto específico de nomes do PE (nomes variáveis em género semanticamente especificados como [+Humano]); (2) que a multifacetada complexidade de tal relação, aqui descrita pelos exemplos (1)-(10), não pertence ao escopo semântico dos termos até agora mobilizados.

1.2 – Multidimensionalidade da Noção de Género

Para que a complexidade da relação entre os géneros linguísticos e extralinguísticos possa ser compreendida em maior detalhe, é necessário mobilizar recursos terminológicos que nos permitam fazê-lo. Neste trabalho serão utilizadas as categorias propostas pelo projeto *Gender Across Languages: the Linguistic Representation of Women and Men* (Hellinger & Bussman, 2001-2003; Hellinger & Motschenbacher, 2015), que reúne mais de uma década de investigação sobre a relação entre género linguístico e género extralinguístico em várias dezenas de línguas naturais. Os conceitos que pretendemos utilizar para a análise do sistema de significação linguística da masculinidade e da feminilidade no PE são: *género lexical*, *género gramatical*, *género concetual*, *género social* e *masculinos genéricos*. Uma vez que pretendemos explorar a semiotização do género humano na linguagem, é importante notar que a aplicação destes conceitos deverá ser circunscrita ao subconjunto das formas nominais especificáveis com o traço [+Humano].

1.2.1 – Género Lexical

O termo *género lexical* refere-se à especificação lexical do género humano inerente a certos nomes do PE. Os contrastes lexicais exemplificados em (7) ilustram claramente manifestações do género lexical de uma série de nomes do PE: por exemplo, o termo “homem” está lexicalmente especificado como masculino e o termo “mulher” como feminino. Esta especificação pode ser observada em fenómenos de concordância sintática sintagmaticamente circunscritos, como em (11), ou, ainda, na manutenção da coesão interfrásica de enunciados, como em (12).

- (11) a) O meu padrinho sueco adora cantar nos almoços de família.
b) *A minha padrinho sueca adora cantar nos almoços de família.
- (12) a) A minha nora_i comprou um carro. Ela_i adora fazer viagens espontâneas.
b) O meu genro_j comprou um carro. *Ela_j adora fazer viagens espontâneas.

A especificação lexical dos nomes do PE é verificável, como nas restantes línguas indo-europeias, na terminologia de parentesco, em títulos nobiliárquicos e em vários nomes de categorias sociais. A morfologia nominal do PE também pode contribuir para a especificação lexical dos seus nomes, como exemplificado em (6), (8), (9) e (10). Tal significa que a maior parte dos nomes [+Humano] variáveis em género do PE estão lexicalmente especificados, por oposição, por exemplo, aos nomes epicenos, como em (14a) ou comuns de dois, como em (14b). Este contraste é observável em (13) e (14):

- (13) Pintora (Lexicalmente Feminino)
- (14) a) Pessoa (Lexicalmente Neutro)
b) Cliente (Lexicalmente Indeterminado)

1.2.2 – Género Gramatical

O *género gramatical* é uma propriedade estrutural das línguas indo-europeias de género gramatical, cuja marcação é obrigatória e, na generalidade dos casos, semanticamente arbitrária. Esta propriedade é substanciada na forma de traço sintático que pode, ou não, ser realizado na morfologia nominal, e cuja função é definir o parâmetro de concordância sintática entre a classe da forma nominal e o material linguístico com o qual esta concorda.

Quando falamos de uma motivação semântica para a atribuição e distribuição do género gramatical das formas nominais do PE, referimo-nos somente à relação de equivalência entre as noções de masculinidade e feminilidade e os traços sintáticos correspondentes. A justificação que avançamos para este fenómeno é a de que a

distribuição dos traços de género das formas nominais do PE segue, na generalidade dos casos, um critério estritamente formal, embora estes também possam ser atribuídos de acordo, como temos vindo a demonstrar, com um critério semântico. Desta forma, a distribuição dos traços de género do PE parece seguir um duplo critério (um critério estritamente formal e outro semântico), ainda que o critério formal prevaleça, motivo pelo qual o género gramatical da grande maioria dos nomes do PE não é semanticamente motivado.

Como já indicado, a relação de equivalência acima descrita verifica-se num subconjunto diminuto dos nomes do PE (nomes varáveis em género que significam noções humanas ou humanizáveis), ilustrado pelo exemplo (15), embora possa ser uma generalização extensível a outros conjuntos de formas nominais: nos nomes comuns de dois especificados como humanos, por exemplo, a determinação da masculinidade ou da feminilidade do objeto de significação da forma nominal é coincidente com a qualidade sintática do traço de género que está marcado nos itens concordantes com esta, embora tal não aconteça nos nomes epicenos. Compare-se o exemplo (16) com o exemplo (17):

(15) a) Aquele aluno escreve poemas maravilhosos. (gramaticalmente masculino, concetualmente masculino)

b) Aquela aluna escreve poemas maravilhosos. (gramaticalmente feminino, concetualmente feminino)

(16) Aquela pessoa é simpática. (gramaticalmente feminino, concetualmente neutro)

(17) Aquela cliente é simpática. (gramaticalmente feminino, concetualmente feminino)

1.2.3 – Género Concetual

O termo *género concetual* remete para uma categoria psicossocial dos referentes nominais humanos, ou seja, classifica uma qualidade exclusivamente extralinguística (o género humano) da semântica das formas nominais do PE. O termo original é *referential gender*, pelo que “género referencial” traduziria o termo de forma mais literal. A nossa opção por traduzi-lo como “género concetual” reflete a consideração de que o género humano, como considerado pela psicologia, pela biologia e pelas neurociências contemporâneas, não reflete uma essência biológica (nem tão-pouco, como discutido em

Roughgarden, 2004, e demonstrado por Hyde *et al.*, 2019, um suposto dimorfismo sexual do corpo humano) linguisticamente representável, mas tão somente um espaço de semiotização intersubjetivamente construído, produzido e validado. Tal significa que o género humano não é algo inerente a uma essência da biologia humana, mas antes, segundo West & Zimmerman (1987: 127), a um conjunto de práticas semióticas que traduzem a experiência da sexualização do corpo humano: “gender (...) is the activity of managing situated conduct in light of normative conceptions of attitudes and activities appropriate for one’s sex category”. Veja-se, a propósito desta questão, Dreger (1998) para um fascinante relato no âmbito da bioética sobre os critérios que as ciências biomédicas têm utilizado ao longo da história para classificar os dois “géneros” da anatomia humana e sobre os desafios que a observação empírica da fisiologia humana coloca a tais classificações, ou, ainda, a obra seminal de Fausto-Sterling (2000) para uma crítica assombrosamente informada sobre a construção social da morfologia humana. De igual interesse poderá ser a leitura de Meyer-Bahlburg (2002) para uma revisão de literatura relativa a práticas clínicas de reconfiguração genital no mundo ocidental contemporâneo. A chamada “prescrição de sexo” (através da configuração cirúrgica dos órgãos genitais das crianças) é sistematicamente discutida por Kessler (1990) que conclui que “accepting genital ambiguity as a natural option would require that physicians also acknowledge that genital ambiguity is «corrected» not because it is threatening to the infant's life but because it is threatening to the infant's culture” (Kessler 1990: 25).

Embora a percepção das categorias de género concetual seja a de que se trata de uma realidade fundamental do corpo humano, a verdade é que tal realidade é apenas aparente, e que esta aparência é reforçada pela consistência reiterada da sua produção. A noção de que o género humano encontra fundamento em aparentes factos da biologia é criticada por Butler (2017: 27), quando afirma que “(...) o que tomamos como uma essência interna de género é fabricada mediante um conjunto sustentado de atos, postulados pela estilização do género no corpo”. Como descrito por West & Zimmerman (1987: 137): “Doing gender means creating differences between girls and boys and women and men, differences that are not natural, essential, or biological. Once the differences have been constructed, they are used to reinforce the "essentialness" of gender.” Esta observação reflete-se, em parte, no facto de as pessoas se organizarem e categorizarem nas práticas linguísticas da vida quotidiana de acordo com categorias

gramaticais relativamente estáveis: homens como gramaticalmente masculinos e mulheres como gramaticalmente femininas.

Seguindo esta linha de pensamento, podemos concluir que qualquer suposta correlação entre género gramatical e sexo humano não tem fundamento empírico, na justa medida em que a verificação dos critérios utilizados para a classificação da morfologia sexual humana (segundo Blackless *et. al.*, 2000, a presença e composição de características sexuais primárias e secundárias, a caracterização cromossomática do código genético e a distribuição dos balanços hormonais do corpo humano) não é um parâmetro de categorização gramatical entre falantes do PE. O problema que aqui descrevemos encontra um paralelo na crítica de Butler (1993: 31) à possibilidade de representação gramatical do sexo humano: “can language simply refer to [the] materiality [of the body], or is language also the very condition under which [such] materiality may be said to appear”? Por outras palavras, será o corpo uma categoria contingente e gramaticalmente representável? Ou será que a materialidade do sexo humano é governada por práticas semióticas – práticas que policiam os corpos humanos e a expressão sociossexual e linguística das suas fisiologias?

Neste trabalho, definimos género concetual como uma categoria de natureza semiótica, atestável, em parte, pela estabilidade da categorização gramatical que se verifica entre falantes, mas, também, pelo que motiva a instabilidade da mesma: por norma, assimetrias entre categorias de género gramatical e de género concetual em referentes humanos costumam codificar valores pejorativos relativos ao não cumprimento de papéis de género tradicionais, como exemplificado por (18).

- (18) a) Que bicha! (gramaticalmente feminino, concetualmente masculino)
b) Não sejas menina! (lexicalmente feminino, concetualmente masculino)

Veja-se, a propósito deste tema, a descrição detalhada que Bengoeachea (2015) faz das questões que a emergência de géneros concetuais no Estado Espanhol tem trazido para o panorama linguístico do Castelhana.

1.2.4 – Género Social

O termo *género social* descreve a distribuição de géneros conceituais por diferentes categorias sociais, ou, por outras palavras, descreve a circunscrição pragmática¹⁰ da significação nominal. Nas línguas sem género gramatical (e.g. Inglês ou Finlandês), o género social dos nomes é um dos principais mecanismos linguísticos responsáveis pela manutenção da coesão pronominal entre diferentes enunciados: uma vez que, nestas línguas, as formas nominais que tomam referentes humanos não apresentam marcas morfológicas de género gramatical, a perceção de género conceitual é ativada por expectativas socioculturalmente determinadas sobre os papéis sociais executados por homens e por mulheres.

Este fenómeno foi descrito, entre várias outras pessoas, por Kerr & Underwood (1984), que reportam, num estudo de *eye-tracking*, que a relação de correferência estabelecida entre certos nomes do Inglês (“surgeon” ou “engineer”) e pronomes masculinos (“he”) é processada muito mais facilmente do que com pronomes femininos (“she”). Estes resultados indicam que a informação pragmática (a avaliação da probabilidade de um determinado papel social ser cumprido por um homem ou por uma mulher) é necessária para o processamento linguístico, podendo, nestes contextos linguísticos, assumir um papel central neste processo. As mesmas observações foram confirmadas por Kennison & Trofe (2003) e incrementadas pelo paradigma experimental utilizado por Gabriel *et al.* (2008) e, posteriormente, por Misersky *et al.* (2014) para apurar dados de referência relativos aos valores de género social de várias estruturas nominais do Francês, do Alemão, do Inglês, do Checo, do Italiano e do Eslovaco.

É possível que o termo “estereótipo de género” seja um equivalente mais direto do potencial significado da noção de *género social* já que, como reportado por Gygax *et al.* (2016), os graus de estereotipicidade reportados por Misersky *et al.* (2014) estão bastante distantes da distribuição de género conceitual observada na realidade. Este facto parece corroborar a tese de que esta medida representa expectativas de género relativas ao papel que homens e mulheres devem (ou supostamente conseguem) cumprir em sociedade, e não uma medida de distribuição de género conceitual por papéis sociais

¹⁰ Não ignorando que a noção de *pragmática* é frequentemente utilizada para categorizar qualquer fenómeno linguístico justificável num nível de análise superior ao da semântica, a nossa utilização do termo será mais específica: neste trabalho, falar-se-á de pragmática para referir uma dimensão da gramática que descreve a transmissão do significado em função do conhecimento do mundo.

radicada numa visão factual do mundo. Tal asserção é sustentada pelo trabalho de Vervecken *et al.* (2015), no qual foram reavaliados certos itens de Misersky *et al.* (2014), acrescentando, a cada um deles, uma questão na qual era pedido a cada participante que avaliasse numa escala de Likert de 5 pontos o género (conceitual) que pensavam ter mais oportunidades de ser bem sucedido em cada uma das ocupações. Seguindo a linha destes trabalhos, é possível afirmar que facto de o enviesamento das respostas a estas perguntas ter sido análogo aos achados reportados por Misersky *et al.* (2014) pode ser tomado como indicador para sustentar a ideia de que a medida frequentemente discutida na literatura como *género social* é, na verdade, um índice de estereotipicidade de género.

1.2.5 – Masculinos Genéricos

Os *Masculinos Genéricos* (MG) são formas nominais gramaticalmente masculinas cujo escopo conceitual não está circunscrito à significação da masculinidade. A ativação do valor conceitualmente genérico destas formas nominais torna-se particularmente evidente quando são especificadas por artigos indefinidos, como no exemplo (19):

(19) Um bom vizinho_i não faz barulho à noite.

Neste exemplo, o género gramatical de “vizinho” é masculino, embora o seu género conceitual seja indeterminado. A hipótese da indeterminação do seu género conceitual é atestável observando a gramaticalidade das cadeias correferenciais exemplificadas em (20a) e (20b).

- (20) a) E é por isso que eu odeio o locutor de rádio_i que vive no terceiro andar.
b) E é por isso que eu odeio a locutora de rádio_i que vive no terceiro andar.

Os MG têm estado na base de muita da polémica relativa a questões de Género e Linguagem: há quem defenda que estas formas são conceitualmente indeterminadas e há quem defenda que estas formas são conceitualmente masculinas; no fundo, este debate

representa o facto de haver quem pretenda priorizar a dimensão formal da atribuição do género sintático, universalizando a arbitrariedade da sua atribuição, e, por outro lado, quem pretenda problematizar a dimensão semântica da sua atribuição, conferindo-lhe (e denunciando a sua) relevância social:

“Deparamo-nos então, neste debruçar, com as regras de género do plural e com o binarismo de género instituído, com o ortho que regula simultaneamente que numa assembleia com 300 mulheres e um homem se deve falar de «todos os participantes» (...).”

(Coletivo Acordo Queerográfico, 2012: §6)

Na verdade, ambas as leituras indicadas parecem ser leituras possíveis destas formas nominais do PE, como atestado pelo exemplo (20). Ora, sendo que a especificação do seu género lexical é ambígua, é necessário que se compreenda qual a leitura preferencial destas formas nominais do PE. É também por isso que estas formas nominais são particularmente interessantes no contexto do PE: caso a sua leitura preferencial seja a genérica, o género lexical destas formas deverá ser classificado como indeterminado; caso a sua leitura preferencial seja a específica, o género lexical destas formas deverá ser classificado como masculino. Sabe-se, no entanto, que existe um vasto conjunto de evidências empíricas que sugerem que, nas línguas indo-europeias de género gramatical, a leitura preferencial dos MG é específica, e não genérica (Carreiras *et al.*, 1996; Cacciari & Padovani, 2007; Chatard *et al.*, 2005; Irmen, 2007; Irmen & Rossberg, 2004; Stahlberg *et al.*, 2001; Stahlberg *et al.*, 2007).

1.3 – Dimensão Sociopraxeológica da Significação Linguística

Temos, até agora, utilizado de forma recorrente os conceitos *semiotização* e *significação* para descrever o processo através do qual a realidade extralinguística é manifestada nas línguas naturais. Estas noções suscitam vários outros debates de longa data na literatura, muitos dos quais informam os pilares teóricos que sustentam a análise do presente trabalho: fala-se, pois, do carácter eminentemente social da natureza linguística e, por conseguinte, das línguas naturais.

A noção de *signo*, assim como a sua natureza, como explicaremos mais adiante, tem sido contestada ao longo do século XX. Neste debate, que é essencial para a compreensão da semiotização linguística do género concetual, opõem-se, por um lado, proponentes de uma visão funcionalista da construção do significado, que advogam enquadramentos do processamento semântico como fenómeno interno do sistema linguístico e, por outro, proponentes de explicações mais contextualistas, que priorizam as circunstâncias praxeológicas¹¹ da produção linguística para a compreensão do seu significado, atentando, particularmente, na sua componente sociocultural.

O signo linguístico é tradicionalmente entendido como uma entidade linguística resultante da relação de identidade estabelecida, num determinado sistema linguístico, entre um significante¹², isto é, uma unidade fonética ou gráfica (aqui representada como X) e um significado, isto é, um conceito (aqui representada como x); a associação de um a outro resultaria, então, na dimensão completa do signo, configurável na sua totalidade como $\frac{x}{X}$. Por exemplo: se $\frac{a}{A}$ = “cão”, então $A = c + \tilde{a} + o$ (e respetivos equivalentes fonéticos) e a = noção ou conceito de cão. Nesta aceção, o signo é concebido como unidade primitiva do processo de significação, estando esta circunscrita à assimilação de um significante (a), uma entidade gráfica ou fonética, a um significado (A), uma entidade concetual.

Esta noção de signo é frequentemente atribuída a Saussure, já que é proposta pelo *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 1916). Importa, no entanto, esclarecer que esta obra não foi redigida por Saussure, tendo sido integralmente escrita (e publicada após o seu falecimento) por dois dos seus alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye (Bulea-Bronckart, 2009: 136). Com efeito, foi apenas em 1996 que foi descoberta uma série de manuscritos de Saussure, compilados e publicados como *Écrits de Linguistique Générale* (Saussure, 2002). Ainda que a discussão relativa à real correspondência entre esta

¹¹ Note-se que neste trabalho utilizamos a noção de *praxeologia* como complementar (embora não sinónima) da noção de *pragmática* para descrever a contextualização da significação: se a segunda contempla um nível de análise estritamente linguística (i.e, indiferente ao contexto da sua enunciação), a primeira contemplará um nível de análise relativo ao contexto sociocultural da produção linguística.

¹² Existe, em Saussure (2002), variação na terminologia empregue na descrição de uma e outra dimensão do signo: *significante* é frequentemente referido como “forma”, “figura”, ou “figura vocal” e *significado* como “significação” ou “ideia”. Assumiremos, neste trabalho, consistência no emprego dos termos *significante* e *significado* para descrever as duas dimensões do signo linguístico, utilizando o termo *significação* para referir o processo de semiotização – salvaguardando a redundância, visto que, como será explicado, os signos têm sempre um carácter processual.

primeira obra e o pensamento de Saussure seja de maior importância, tal discussão não pertence ao escopo do presente trabalho: este apontamento pretende apenas referir a existência de dois estruturalismos saussureanos diferentes. Assim, e embora a aceção de signo previamente mencionada esteja patente em quase todas as descrições do estruturalismo saussureano, a verdade é que este autor não só não propôs tal ideia, como ainda avançou uma perspectiva da significação linguística muito mais complexa do que a anteriormente descrita: “(...) la langue ne consiste pas en un ensemble de valeurs positives et absolues mais dans un ensemble de valeurs negatives ou de valeurs relatives n’ayant d’existence que par le fait de leur opposition” (Saussure, 2002: 77).

A hipótese avançada por Saussure que aqui pretendemos destacar é a de que a construção do significado é suportada por uma rede de relações entre unidades semióticas que, coletivamente, constroem sentidos entre si. Tal significa que, recuperando os exemplos anteriores, a hipótese da significação de a , A e $\frac{a}{A}$ está dependente de outras tantas que lhes sejam análogas ($b, B, \frac{b}{B}; c, C, \frac{c}{C} \dots x, X, \frac{x}{X}$): significantes constroem valores no sistema por contraste e semelhança a outros significantes, significados constroem valores no sistema por contraste e semelhança a outros significados, e, por analogia, todo e qualquer processo de significação é estabelecido no contraste com outros seus congêneres. A rede de relações que aqui referimos é definida por Bulea-Bronckart (2009: 138) como o *mecanismo diferencial-associativo* das línguas naturais, termo que procura destacar o caráter inter-relacional da significação linguística:

- (...) L’union de ce qui a une signification pour la langue, c’est:
- a) la différence ou l’identité de l’idée SELON LES SIGNES.
 - b) la différence ou l’identité des signes d’après l’idée; et les deux choses étant de plus indissolublement unies.

(Saussure, 2002: 73)

Nesta ótica, o signo é concebido por cada falante como unidade de natureza processual (Saussure, 2002: 19, 64)¹³, uma vez que não resulta somente da assimilação de unidades gráficas ou fonéticas a unidades semânticas, sendo, na verdade, constituído por três dimensões distintas: o valor diferencial construído negativamente na diferença que se estabelece entre um significante e um outro, o valor diferencial construído negativamente na diferença que se estabelece entre um significado e um outro; mas também o valor associativo estabelecido entre um significante e um significado. A dupla qualidade do mecanismo de relação entre constituintes de um signo, a tridimensionalidade da constituição do mesmo, e os seus quatro constituintes¹⁴, compõem, segundo Saussure (2002: 42), a totalidade do signo linguístico, seguindo a configuração mapeada em (21):

$$(21) \frac{\text{Um Significado} \quad \text{Diferença geral de significados}}{\text{(relativo a um significante)} \quad \text{(existente apenas segundo diferenças entre significantes)}} \leftrightarrow \frac{\text{Um Significante} \quad \text{Diferença geral de significados}}{\text{(relativo a um significado)} \quad \text{(existente apenas segundo diferenças entre significados)}}$$

Os quatro elementos (“quaternion final”) identificados por Saussure são os constituintes primitivos de qualquer significação linguística. O signo, nesta perspetiva, é legitimado através da relação que estabelece com outros signos por intermédio do mecanismo diferencial-associativo, como esquematizado em (22):

$$(22) \quad \frac{\text{Significado } x}{\text{Significante } x} \begin{array}{c} \leftarrow \\ \rightarrow \end{array} \frac{\text{Significado } y}{\text{Significante } y} \rightarrow \frac{X}{Y} \quad 15$$

Ora, da mesma forma que os signos de um sistema linguístico necessitam de se relacionar entre si através de uma rede de ligações para poderem construir significados, a visão que aqui assumimos, à semelhança da reflexão que Jean-Paul Bronckart e colegas fazem sobre a natureza do funcionamento das línguas naturais no quadro teórico do

¹³ É, também, por ser um “fait de conscience pur” (Saussure, 2002: 19) que se admite, na linha de Coutinho (2016), que nenhum signo representa um objeto, mas que tão somente o semiotiza.

¹⁴ “C’est là ce que nous appelons le QUATERNION FINAL (...)” (Saussure, 2002: 39).

¹⁵ Sendo $\frac{X}{Y}$ uma significação configurada pela relação de signo X com signo Y .

Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart *et al.*, 2004: 68-71), é a de que não existe linguagem “que dans les pratiques verbales” (Bronckart *et. al.*, 2004: 68) e que estas, por sua vez, não existem se não em contextos de interação social¹⁶: as línguas naturais são, na abordagem aqui proposta, entendidas como intermediários organizadores das relações sociais entre seres humanos. É neste sentido que Bronckart propõe a noção de *atividade de linguagem* como complementar à noção de *língua* como sistema abstrato, sendo a primeira correspondente à execução empírica da segunda. O caráter essencialmente social da significação linguística é evidenciado por Saussure quando afirma que:

Quelle que soit sa nature plus particulière la langue (...) est avant tout un système de valeurs, et cela fixe sa place au phénomène. En effet toute espèce de valeur quoique usant d'éléments très différents n'a sa base que dans le milieu social et la puissance sociale. C'est la collectivité qui est créatrice de la valeur, ce qui signifie qu'elle n'existe pas avant et en dehors d'elle, ni dans ses éléments décomposés ni chez les individus.

(Saussure, 2002: 290f.)

Seguindo tal linha de pensamento e destacando o papel central que a linguagem humana ocupa no processo de socialização (i.e., da integração sociocultural) de cada falante numa determinada comunidade linguística, é possível assumir que as atividades de linguagem no contexto de qualquer língua natural são influenciadas pelo sistema de crenças e práticas socioculturais dessa mesma comunidade. Sabendo, ainda, que, de acordo com o *Global Gender Gap Report 2020*, as mulheres continuam a ocupar uma posição socialmente subalterna nas sociedades europeias¹⁷, não será, pois, descabido assumir que as práticas linguísticas através das quais as mulheres são conceitualmente invisibilizadas são consequentes com as práticas socioculturais encorajadoras da subalternidade feminina. Com efeito, esta hipótese foi verificada pela análise de 111 países diferentes reportada por Prewitt-Freilino *et al.* (2012), revelando, na linha das

¹⁶ Seguindo esta lógica, optámos por utilizar o termo *sociopraxeológica* ao invés de “social e praxeológica” precisamente para reforçar a indissociabilidade de uma e outra dimensão das línguas naturais.

¹⁷ Embora a Europa Ocidental seja, segundo o relatório, a região do mundo mais próxima de erradicar a desigualdade de género, ainda se encontra bastante distante de tal objetivo, já que a estimativa do relatório aponta para que “gender gaps can potentially be closed in 54 years in Western Europe (...) [and] 107 years in Eastern Europe” (Schwab, 2020: 6).

conclusões de Sczesny *et al.* (2016), que a promoção de práticas linguísticas de inclusão social é um desafio particularmente complexo em contextos socioculturais nos quais são faladas línguas de género gramatical.

Neste ponto da discussão, é premente reforçar que não pretendemos avançar a hipótese de uma relação de causalidade onde ela não foi verificada: nenhum destes estudos indica que a desigualdade social é motivada por aspetos estruturais das línguas naturais, nem tão-pouco faria sentido conceber uma relação inequívoca entre desigualdade social e línguas de género gramatical, uma vez que, por exemplo, a primeira se encontra presente em vários contextos socioculturais nos quais são faladas línguas com outro tipo de propriedades estruturais. Reconhecer isto, no entanto, não exclui a possibilidade de que a estrutura patriarcal da organização das sociedades humanas esteja codificada, como várias linguistas feministas já citadas têm denunciado, em atividades de linguagem da vida quotidiana, nem tão-pouco a possibilidade de que tais práticas possam, ainda que inadvertidamente, contribuir para a invisibilidade concetual das mulheres na comunicação humana.

1.4 – Relatividade Linguística

É importante referir que os temas até agora mencionados levantam, direta ou indiretamente, uma questão crucial relativa a epistemologia linguística: os trabalhos acima descritos parecem suportar a ideia de que a linguagem influencia a cognição humana. A polémica *Hipótese de Sapir-Whorf* (termo cunhado por Carroll, 1956) advoga uma inter-relação entre linguagem e cognição humana e está indiscutivelmente associada a dois percussores da Linguística do início do século XX: Edward Sapir e o seu aluno Benjamin Lee Whorf. Embora este termo se tenha popularizado (e, não surpreendentemente, descredibilizado) nos círculos académicos da Linguística, a verdade é que este termo é simbólico de uma categoria terminologicamente vazia ou, no mínimo, sem fundamento gnosiológico (como defendem Zlatev & Blomberg, 2015), pois: (1) nem Sapir, nem Whorf defenderam uma tese que pudesse ser formulada na qualidade de hipótese empírica; (2) muitas das intuições destes autores não eram partilhadas entre si; e (3) o essencial dos seus trabalhos não foi escrito conjuntamente, já que o grosso das publicações de Whorf foi posterior à morte de Sapir.

A maior parte das ideias associadas a este termo deveria ser circunscrita ao que Whorf (1956: 213) chama de Princípio da Relatividade Linguística (PRL) e que corresponde, na verdade, a um programa de investigação empírica, ao invés de, como é frequentemente relatado, uma hipótese empiricamente atestável¹⁸ (Zlatev & Blomberg, 2015). Como esclarecido por Heynick (1983), o PRL deve o seu nome às suas semelhanças com o Princípio da Relatividade Geral, de Albert Einstein, em particular devido à sua formulação de noções relativizadas (de um ponto de vista estritamente cognitivo) de tempo e de espaço em função de diferentes contextos. Por exemplo: nas línguas indo-europeias, a progressão no tempo é concebida num eixo unidimensional seccionável, por intermédio de configurações de modo e de aspeto, em pontos e intervalos de um contínuo temporal no qual a ação descrita é situada em função do momento enunciativo; por este motivo, é, por norma, representado por uma linha cuja direção (da esquerda para a direita) representa a progressão temporal (do passado para o futuro). No entanto, há evidências de que em certas línguas Bantas o tempo seja codificado como um conjunto multidimensional de mundos temporais possíveis, sendo, por isso, representado como um conjunto tridimensional de planos temporais, cuja interseção poderá marcar a progressão temporal numa perspetiva estritamente egocêntrica ou, pelo contrário, cognitivamente dissociada do sujeito enunciativo (Botne & Kershner, 2008). Assim, da mesma forma que a perceção da experiência da realidade extralinguística é relativa, como nos mostra o Princípio da Relatividade Geral, ao quadro de referência das condições físicas através do qual a própria realidade é observada, o PRL promove um programa de investigação científica que se dedique a estudar a forma como a perceção da experiência da realidade extralinguística é relativa ao quadro de referência das condições linguísticas através das quais a própria realidade é observada.

Embora os trabalhos enquadrados no PRL sejam totalmente pertinentes no âmbito das ciências da cognição e da linguagem, a verdade é que estes têm sido ampla e abertamente desvalorizados no seio destas disciplinas. Tal desvalorização tem origem no enquadramento epistemológico predominante desde o início da segunda metade do século XX nestes domínios científicos, que adota uma visão da mente como um sistema computacional e que, conseqüentemente, legitima explicações redutoramente fisicalistas e universalistas para qualquer fenómeno de natureza social, relegando, nesse processo, as

¹⁸ O que não significa que manifestações do PRL não possam ser empiricamente atestáveis.

humanidades para um campo seletivamente marginalizado. Neste enquadramento, imperam os proponentes de visões cartesianas¹⁹ sobre a relação que falantes mantêm com a realidade extralinguística, tais como Chomsky (2009) ou Pinker (1994, 2007). Estes autores argumentam em defesa de concepções universalistas de tal relação, invocando a natureza biológica destes fenómenos: Chomsky advoga que a tarefa da Linguística contemporânea é descrever as faculdades linguísticas inatas (Chomsky, 2009: 98) de todos os seres humanos, ou seja, universais linguísticos; e Pinker (1994: 56) defende que a cognição humana é processada numa dimensão paralinguística da mente (um sistema de comunicação interno que o autor chama de *mentalese*) diferenciado da linguagem natural.

Abstendo-nos de entrar em maior detalhe sobre as considerações tecidas por ambos estes autores (assim como pelo postulado epistemológico no qual se enquadram), é importante sublinhar que trabalhos recentes têm evidenciado lacunas nos seus programas teóricos: Evans & Levinson (2009) mostraram que a diversidade linguística se manifesta em tantas (e tão diferentes) dimensões da linguagem, que a tarefa de universalizar propriedades linguísticas se torna impossível; Wolff & Holmes (2011) detalharam as diferentes formas documentadas pela literatura através das quais a cognição humana é linguisticamente condicionada e acomodada; Zlatev & Blomberg (2015) sistematizaram-nas num enquadramento geral da teoria neo-whorfiana; Benítez-Burraco & Longa (2010) apresentam inconsistências entre o papel central atribuído ao fator genético pelos fundamentos da biologia evolutiva do desenvolvimento (*evolutionary developmental biology*) e a abordagem biolinguística defendida pelo Programa Minimalista de Chomsky; e Pleyer & Hartmann (2019) reuniram um conjunto de evidências que apontam para uma concepção não modular da linguagem, destacando a contemporânea mudança de paradigma no domínio das neurociências para uma “composite or mosaic conception of language”, que a entenda “as part and parcel of a broader cognitive basis” (Boeckx, 2017, apud Pleyer & Hartmann, 2019: 6). Com efeito, manifestações do PRL têm sido substancialmente verificadas por um conjunto recente e crescente de evidências empíricas produzidas por investigação de carácter interdisciplinar (Boroditsky, 2001; Boroditsky & Gaby, 2010; Casasanto, 2008; Casasanto & Boroditsky,

¹⁹ Radicadas na ideia de que a realidade extralinguística é computada e processada num domínio específico da mente: aquilo que Dennett (1991: 107) define como *Teatro Cartesiano*.

2008; Gentner & Goldin-Meadow, 2003; Lupyan, 2012; Zlatev & Blomberg, 2015; entre vários outros trabalhos).

1.5 – Influência da Gramática e de Estereótipos na Significação Linguística

A orientação metodológica do nosso trabalho toma como referência parte da investigação em psicolinguística que se tem debruçado sobre a intersecção de questões de género, cognição e linguagem. Por exemplo, Sczesny *et al.* (2019) argumentam que falantes internalizam expectativas de género por intermédio da semiotização e da reprodução de tais expectativas no quotidiano e nos grandes meios de comunicação. Kesebir (2017) demonstra que certos padrões de coordenação sintática refletem processos de ordenação lexical de base semântica, espelhando hierarquias de relevância contextualmente determinadas. Isto significa que, segundo a autora (e confirmando os achados reportados por Gabriel *et al.*, 2008, assim como a tese de Hegarty *et al.*, 2016), variações na ordenação de significantes (“homens e mulheres” vs. “mulheres e homens”) se podem repercutir no destaque concetual de parte do seu significado, e que esses efeitos refletem uma perceção de maior relevância atribuída à periferia esquerda da sequência de nomes quando nela se coordenam diferenças de género concetual.

De igual forma, são vários os estudos neurolinguísticos e psicolinguísticos (Cacciari *et al.*, 2011; Duffy & Keir, 2004; Gygax *et al.*, 2008; Kennison & Trofe, 2003; Siyanova-Chanturia *et al.*, 2012) que indicam que o género social de formas nominais pode ser um fator crucial no processamento de cadeias anafóricas das línguas indo-europeias. Este fenómeno está documentado por estudos de *Event-Related Potentials* (ERP)²⁰ que estão a ser levados a cabo desde, pelo menos, o final do século XX (vd., por exemplo, Osterhout, 1997). Para além de estudos de imagiologia, Carreiras *et al.* (1996) demonstraram, por intermédio de uma *self-paced reading task*, que a resolução de cadeias anafóricas pronominais é dificultada quando existem incongruências entre as expectativas de género concetual geradas pela estereotipicidade das formas nominais e uma forma pronominal não antecipada, e que este efeito é notório no Inglês e no Espanhol. Garnham *et al.* (2002) confirmaram estes achados, verificando que as dificuldades de processamento se deviam à leitura estereotípica dos nomes e não devido limitações

²⁰ Os estudos de ERP documentam medidas eletroencefalográficas que identificam as atividades neuronais do cérebro humano síncronas à exposição a determinados estímulos.

referentes ao desenho da própria tarefa. Reali *et al.* (2014) atestaram a robustez destas evidências empíricas no contexto do Alemão, empregando, para tal efeito, dois desenhos experimentais diferentes: um paradigma de *reaction time priming* para averiguar efeitos de estereotipicidade associados a determinados nomes de papéis sociais; e uma metodologia de *eye-tracking* para averiguar o impacto do género social destes nomes na resolução de cadeias anafóricas. Neste estudo, é, ainda, reportado que os tempos de fixação e os processos de regressão do olhar aumentam significativamente assim que encontram uma forma pronominal não esperada, facto que indica que este impacto pode ter efeitos manifestamente significativos em etapas precoces do processamento linguístico. Reali *et al.* (2015) concluíram que estes resultados são generalizáveis para o Inglês.

Por outro lado, existe um extenso corpo de literatura referente à interpretação de MG que suporta a tese de que, em línguas indo-europeias de género gramatical, a leitura preferencial de MG é específica, e não genérica (Esaulova *et al.*, 2015; Flaherty, 2001; Stahlberg *et al.*, 2007; Vervecken *et al.*, 2013). São vários os trabalhos (Gygax *et al.*, 2008; Gygax *et al.*, 2012; Horvath *et al.*, 2016) que têm atestado a leitura específica dos MG de várias línguas indo-europeias de género gramatical (e.g. Francês, Alemão e Italiano), dos quais resultam evidências empíricas de que a consistência da utilização dos MG provoca análises enviesadamente masculinas do género concetual destas formas linguísticas, e que tal afirmação é generalizável para outras línguas com propriedades linguísticas análogas – nomeadamente, contextos nos quais se verifique a marcação morfológica de traços gramaticais de género (Esaulova & Stockhausen, 2015; Gygax *et al.*, 2008).

A literatura que sustenta as nossas opções metodológicas é, em grande medida, resultante (ou complementada pelos achados) da rede europeia *Marie Curie Initial Training Network - Language, Cognition, and Gender* (ITN LGC)²¹. Esta rede de investigação em psicolinguística e neurolinguística tem dedicado os seus esforços a analisar a interseção de questões de género, cognição e linguagem em variados contextos linguísticos da Europa. Foi com base nos resultados empíricos produzidos por esta rede de trabalho que produzimos os materiais que aqui documentamos. De todos os achados reportados por esta rede, destacamos a hipótese teórica que sustenta o nosso trabalho: a

²¹ <https://www3.unifr.ch/psycho/en/itn-lcg/home/>.

plausibilidade de uma relação ambivalente entre género gramatical e género concetual nas formas nominais subespecificadas como [+Humano] das línguas indo-europeias de género gramatical e, em particular, do PE.

1.6 – Uma Conceção Plural de Estratégias de Processamento Linguístico

Muitos dos trabalhos de que se dedicaram a investigar a forma como o género social de formas nominais condiciona processos de resolução anafórica de cadeias correferenciais fizeram-no avaliando a interpretação de formas nominais do Inglês, recorrendo, para esse propósito, a pronomes reflexivos. Com efeito, o facto de estes achados se terem multiplicado especificamente no contexto do Inglês não é uma coincidência: falantes de línguas indo-europeias como o Inglês recorrem com maior frequência a informação pragmática contextualmente definida para desambiguar o género concetual de certos nomes e pronomes nos processos de resolução anafórica devido, como os trabalhos desta rede de investigação revelam, à falta de marcação morfossintática de género gramatical. Este fenómeno contrasta com as observações registadas nos contextos de línguas indo-europeias de género gramatical, já que, em tais contextos, essa informação se encontra amplamente distribuída na morfologia nominal.

A hipótese que aqui descrevemos é suportada, por exemplo, pelos resultados de Cacciari *et al.* (2011) referentes às diferenças no processo de resolução anafórica de formas nominais comuns de dois e epicenas do Italiano: os resultados deste estudo comprovam que falantes de línguas de género gramatical como o italiano recorrem, numa primeira fase do processo de compreensão, à informação gramatical disponível nas formas que compõem a cadeia anafórica para desambiguar o género concetual do nome avaliado e, posteriormente, à informação pragmática veiculada pelos enunciados. Este facto indicia que falantes de línguas de género gramatical podem recorrer à informação especificada pelo género social das formas nominais quando a informação gramatical não está disponível ou apresenta algum tipo de incongruência. Tais evidências confirmam o modelo de integração de informação em processos de resolução anafórica proposto por Garrod & Sanford (1990), no qual são distinguidos dois tipos de informação semântica relativa aos referentes das formas nominais: *entity-individuating information* (como a especificação do género lexical ou do género gramatical), cujo processamento é mais simples, sendo, por isso, procurada numa etapa mais precoce da resolução anafórica; e

role-individuating information (como a especificação do género social), cujo processamento é mais complexo e cuja integração acontece numa etapa posterior do processamento linguístico.

Particularmente relevantes para a justificação desta tese são as evidências provenientes de estudos com falantes bilingues de línguas indo-europeias: Sato *et al.* (2013) demonstram que falantes bilingues constroem imagens diferentes do género concetual de formas nominais em função da língua utilizada para participar na tarefa. Este efeito tornava-se evidente no seu estudo, sendo notório o contraste estabelecido entre os resultados reportados por falantes bilingues quando a tarefa era executada numa língua de género natural (Inglês) e quando a tarefa era executada numa língua de género gramatical (Francês). A discussão dos resultados de Gygax *et al.* (2008) relativos à comparação do processo de resolução anafórica de três línguas diferentes (Inglês, Francês e Alemão) utilizando o mesmo paradigma experimental e o mesmo tipo de estímulos evidencia, de forma clara, que a aceitabilidade de cadeias anafóricas é condicionada, no Francês e no Alemão, pelo género gramatical dos nomes ligados, e, no inglês, pelo seu género social. Estes resultados evidenciam que, na ausência de *entity-individuating information*, a determinação do género concetual das formas e proformas nominais pode ser condicionada pela especificação de género social integrada como *role-individuating information*. Caso, no entanto, tal informação esteja lexicalmente ou gramaticalmente codificada, será a ela que falantes recorrerão para desambiguar o género concetual das formas em questão.

1.7 – Sumário

Nas línguas indo-europeias de género gramatical, a semiotização linguística da masculinidade e da feminilidade tem sido objeto de grandes polémicas. Reconhecendo o carácter complexo das questões relativas a este assunto, pretendeu-se, antes de definir o escopo teórico do presente trabalho, clarificar as categorias utilizadas para o fazer. Parece-nos que uma parte substancial da polémica gerada em torno desta questão se deve a imprecisões produzidas pela utilização de categorias incorretas para descrever este fenómeno. Foi nesse sentido que, tomando como referência o mais recente programa europeu de investigação destas questões, discutimos e propusemos uma reformulação destas mesmas categorias.

A literatura até agora revista esclarece as fundações teóricas do nosso trabalho de investigação. Há, ainda, uma dimensão empírica da análise dos MG no contexto das línguas indo-europeias de género gramatical que não pode ser ignorada, pois alicerça a análise dos MG do PE que, com este trabalho, pretendemos verificar. Esta dimensão é substanciada por várias décadas de investigação em psicolinguística e neurolinguística, assim como por uma série de paradigmas experimentais que evidenciam empiricamente o reconhecimento da complexidade da relação que se estabelece entre a gramática das línguas naturais e a cognição humana.

1.8 – Questões de Investigação e Hipóteses do Trabalho Experimental

O nosso trabalho pretende informar o processo de compreensão dos MG do PE, contribuindo, assim, para um debate fundamental da Linguística Portuguesa. Caso se verifique que a leitura preferencial destes MG é a genérica, e não a específica, os nossos dados contribuiriam para a classificação do PE como exceção no domínio das línguas indo-europeias de género gramatical, uma vez que existe um largo conjunto de evidências empíricas já referidas de que nestes contextos linguísticos a sua leitura preferencial é específica (Esaulova *et al.*, 2015; Flaherty, 2001; Gygax *et al.*, 2008; Stahlberg *et al.*, 2001; Stahlberg *et al.*, 2007). Caso tal não se verifique, como a literatura sugere, os dados por nós obtidos comprovarão, pela primeira vez, a existência dos valores concetualmente específicos dos MG do PE.

Este fator pode ser verificado através da avaliação da compreensão de cadeias anafóricas que liguem MG a nomes lexicalmente masculinos ou femininos. No entanto, e como já referido, o género social das formas nominais está identificado pela literatura como sendo informação crucial para determinar o género concetual das formas nominais de línguas nas quais tal informação não esteja gramaticalmente codificada. Assim, a nossa investigação pretende dar resposta às seguintes questões:

Questão 1: Será a semântica das formas nominais do PE sensível ao contexto sociocultural da sua produção e circulação?

Questão 2: Será a ordenação de significantes um fator determinante para o destaque concetual de parte do seu significado?

Questão 3: Será a informação gramatical (género gramatical) mais relevante do que a informação pragmática (género social) para a determinação do género concetual das formas nominais especificadas como [+Humano] variáveis em género do PE?

Questão 4: Terão os MG do PE uma leitura preferencial específica?

Questão 5: Poderá a estrutura de uma língua natural (i.e., o PE) influenciar a cognição humana?

Uma vez que contextualizadas pela discussão até agora desenvolvida, podemos avançar algumas hipóteses empiricamente verificáveis para esboçar respostas possíveis para as perguntas acima apresentadas.

Sobre a **Questão 1:**

Hipótese 1.1: Se a semântica das formas nominais do PE for sensível ao contexto sociocultural da sua produção e circulação, esperamos que a aferição do género social destes itens do PE resulte numa quantidade superior de itens avaliados como estereotipicamente masculinos, refletindo, assim, a organização patriarcal da sociedade portuguesa.

Hipótese 1.2: Se a semântica das formas nominais do PE não for sensível ao contexto sociocultural da sua produção e circulação, esperamos que a aferição do género social destes itens do PE resulte numa quantidade superior de itens avaliados como estereotipicamente femininos, ou, ainda, de itens avaliados como menos estereotípicos (neutros).

Sobre a **Questão 2:**

Hipótese 2.1: Se, como reportado por Kesebir (2017), a periferia esquerda de sequências de nomes com géneros lexicais opostos for concetualmente destacada, esperamos obter resultados na aferição do género social das formas nominais do PE que reflitam valores mais femininos nas condições experimentais que localizem a significação da feminilidade à esquerda.

Hipótese 2.2: Se, por outro lado, a hipótese de Kesebir (2017) não se verificar, esperamos obter resultados na aferição do género social das formas nominais do PE que reflitam valores mais masculinos nas condições experimentais que localizem a significação da feminilidade à esquerda ou valores mais femininos nas condições experimentais que localizem a significação da masculinidade à esquerda.

Sobre a **Questão 3**:

Hipótese 3.1: Se a informação gramatical for mais relevante do que a informação pragmática para a determinação do género concetual das formas nominais especificadas como [+Humano] variáveis em género do PE, esperamos que:

- a aferição do género social destas formas nominais seja condicionada pela informação gramatical presente nas formas nominais avaliadas; e que
- a informação gramatical seja o principal fator responsável pela resolução de cadeias anafóricas.

Hipótese 3.2: Se, por outro lado, a informação pragmática for mais relevante do que a informação gramatical para a determinação do género concetual das formas nominais especificadas como [+Humano] variáveis em género do PE, esperamos que:

- a aferição do género social destas formas nominais não seja condicionada pela informação gramatical presente nas formas nominais avaliadas; e que
- a informação pragmática seja o principal fator responsável pela resolução de cadeias anafóricas.

Hipótese 3.3: Caso, no entanto, ambos os tipos de informação sejam igualmente relevantes, esperamos, como previsto em Gygax *et al.* (2008: 471) que um e outro tipo de informação se cancelem mutuamente.

Sobre a **Questão 4**:

Hipótese 4.1: Caso a leitura preferencial dos MG do PE seja específica, esperamos observar valores superiores nos juízos de aceitabilidade e na velocidade de processamento de cadeias anafóricas que liguem MG a nomes lexicalmente masculinos.

Hipótese 4.2: Se, por outro lado, a leitura preferencial dos MG do PE for genérica, esperamos observar valores superiores nos juízos de aceitabilidade e na velocidade de processamento de cadeias anafóricas que liguem MG a nomes lexicalmente femininos, ou, ainda, que não haja diferença entre estes valores e os observados em cadeias anafóricas que liguem MG a nomes lexicalmente masculinos.

Sobre a **Questão 5**:

Hipótese 5.1: Caso a estrutura linguística do PE influencie aspetos da cognição humana, esperamos, por um lado, observar classificações enviesadamente masculinas na

aferição do género social de MG, e, por outro, que o género gramatical (e não o género social) dos antecedentes determine o processo de resolução de cadeias anafóricas.

Hipótese 5.2: Se a estrutura linguística do PE não influenciar aspetos da cognição humana, esperamos, por um lado, observar classificações consistentes em todas as condições experimentais que testem os efeitos da presença de informação gramatical na aferição do género social dos itens avaliados, e, por outro, que o género social (e não o género gramatical) dos antecedentes determine o processo de resolução de cadeias anafóricas.

Com a Experiência I, esperamos, por um lado, obter dados que atestem empiricamente uma resposta para as questões 1 e 2 e, por outro, obter informação que utilizaremos para responder, por intermédio da Experiência II, às restantes questões.

CAPÍTULO 2: Experiência I (Teste 1)

What are the implications of a society which has a language based on the premise that the world is male unless proven otherwise?

(Spender, 1990: 146)

Neste capítulo, será feita a descrição de uma das experiências deste trabalho. A experiência aqui apresentada tem como objetivo obter dados de referência sobre o grau e a qualidade do género social (ou, por outras palavras, da associação de estereótipos de género) de expressões nominais do Português Europeu. Por esse motivo, pediu-se a cada participante que avaliasse várias formas nominais variáveis em género através de uma escala de Likert de 11 pontos, na qual cada ponto correspondia a uma determinada proporção de homens para mulheres. A direcção da escala e a informação gramatical presente na tarefa foram manipuladas como variáveis independentes desta experiência. Caso a semântica dos nomes do PE seja sensível ao contexto sociocultural da sua produção, espera-se que a aferição do género social destes nomes transpareça a natureza patriarcal da organização da sociedade, resultado em mais itens avaliados como estereotipicamente masculinos do que como estereotipicamente femininos ou neutro. Para além disso, se a direcção da escala influenciar a aferição do género social, espera-se que as versões do teste nas quais a significação da feminilidade se localiza na extremidade esquerda da escala resultem em classificações menos enviesadamente masculinas. Por último, se a informação gramatical presente na tarefa condicionar a interpretação do género concetual destes nomes, espera-se que as versões do teste nas quais constem apenas masculinos genéricos resultem em classificações enviesadamente masculinas.

Na primeira secção deste capítulo (2.1), apresenta-se a metodologia desta experiência. Os resultados deste teste são apresentados na segunda secção (2.2), seguidos, na terceira secção deste capítulo (2.3), de uma breve discussão. Na secção final (2.4), será apresentado um sumário desta experiência.

2.1 – Método

Esta experiência adaptou o paradigma experimental implementado por Gabriel *et al.* (2008) e Miserky *et al.* (2014) para a avaliação do género social de expressões nominais de línguas indo-europeias. Nesta secção, são caracterizados os itens avaliados por esta experiência (2.1.1), e é explicado o desenho experimental deste teste (2.1.2), o processo de pilotagem da experiência (2.1.3), e o procedimento experimental (2.1.4). Para além disso, também se caracteriza a amostra de participantes (2.1.5) e, por último, pormenoriza-se o tratamento dos dados recolhidos (2.1.6).

2.1.1 – Materiais

Para a construção do teste, foram considerados 125 nomes de papéis sociais²², dos quais 93 integraram a lista de itens avaliados (os critérios de exclusão são descritos na Secção 2.1.3). Esta lista foi composta tendo como referência as listas de itens avaliados por experiências prévias que pretendiam aferir o género social de certos nomes de papéis sociais de várias outras línguas indo-europeias (Gabriel *et al.*, 2008; Kennison & Trofe, 2003; Misersky *et al.*, 2014; Sastre *et al.*, 2000), embora tenhamos excluído os cognatos do PE classificáveis como nomes epicenos (por exemplo, “Mecânicos”) ou como nomes de dois géneros (por exemplo, “Dentistas”). Tal significa que os nomes (ou os núcleos das formas nominais) da lista que construímos são variáveis em género. Em vários casos, optámos por não fazer uma tradução literal dos itens, procurando adaptá-los a um contexto especificamente português. Recorremos à composição nominal sempre que o núcleo do composto necessitou de um modificador para desambiguar a sua interpretação: por exemplo, o item “Escritores” foi transformado em “Escritores Profissionais”. Para o fazer, socorremo-nos do *CETEMPúblico*²³, que nos permitiu, por um lado, tornar as formas nominais seleccionadas mais naturais à luz dos contextos sociocultural e linguístico do PE, e, por outro, acrescentar novas entradas à nossa lista. Estruturalmente, todos os itens da lista de nomes avaliados incluem-se numa de 3 categorias:

²² Entenda-se, por “nomes de papéis sociais”, nomes de atividades que identifiquem o referente humano da forma nominal de acordo com uma das suas funções na vida em sociedade. As formas nominais avaliadas nesta experiência estão listadas no Anexo I.

²³ Disponível online em: <https://www.linguateca.pt/CETEMPúblico/>.

Categoria 1) Nomes simples ($n = 64$), como por exemplo: “Ministros”, “Assassinos” ou “Merceeiros”.

Categoria 2) Compostos nominais endocêntricos do tipo N+Adj com núcleo à esquerda ($n = 7$), como por exemplo: “Funcionários Públicos”, “Atiradores Furtivos” ou “Patinadores Olímpicos”.

Categoria 3) Compostos nominais endocêntricos do tipo N+P+N com núcleo à esquerda²⁴ ($n = 22$), como por exemplo: “Gestores de Empresas”, “Secretários de Estado” ou “Mergulhadores da Marinha”.

2.1.2 – Estrutura da Experiência e Desenho Experimental

A nossa experiência divide-se em 5 secções, cujos conteúdos e ordem de apresentação eram os seguintes:

Secção 1 – Formulário de consentimento informado (preenchimento obrigatório).

Secção 2 – Formulário de construção de perfil sociodemográfico e linguístico (preenchimento obrigatório).

Secção 3 – Ficha de recolha de contactos (preenchimento facultativo).

Secção 4 – Secção de Teste (preenchimento obrigatório).

Secção 5 – Ficha de divulgação do teste (preenchimento facultativo).

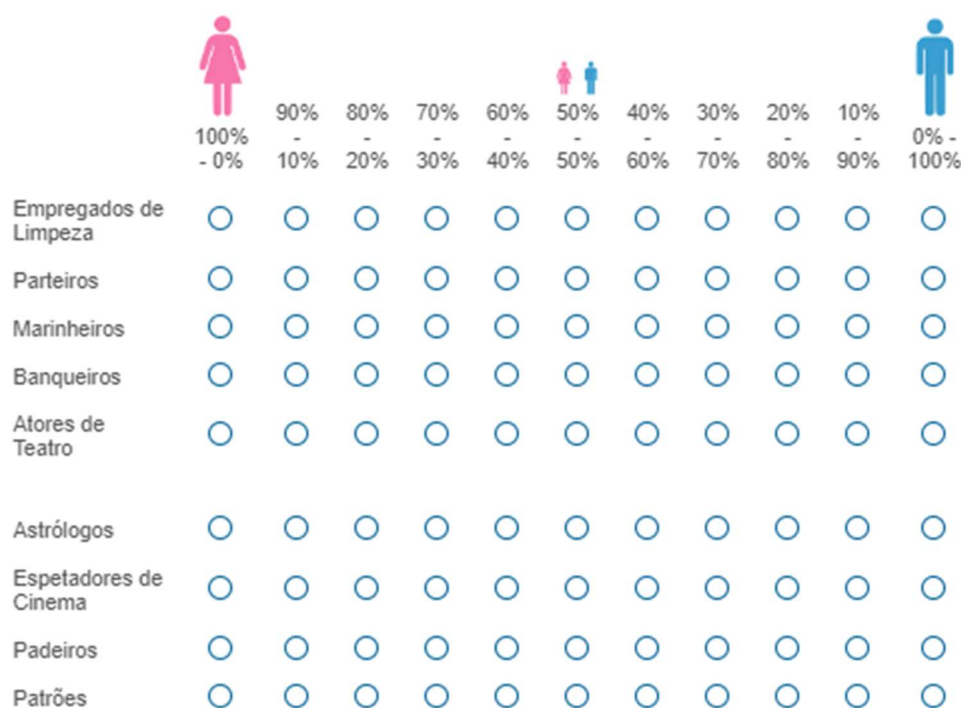
A Secção 4 inclui o Teste 1, que tinha como objetivo classificar o género social de várias formas nominais do PE. Este teste incluía os 93 itens da lista de nomes de papéis sociais descrita na Secção 2.1.1, distribuídos por 10 blocos de itens (7 blocos de 9 itens e 3 blocos de 10). A Figura 1 ilustra um desses blocos.

²⁴ A periferia direita de três dos itens que incluímos nesta categoria não é plenamente coincidente com a dos restantes: dois deles incorporam uma sigla (“Diretores da TVI” e “Investigadores da PJ”) e o outro integra um empréstimo lexicalizado do inglês (“Lutadores de Wrestling”).

Figura 1 - Exibição do Bloco 1 da Versão A1 do Teste 1



Classifique a percentagem de homens e de mulheres no conjunto da população composto por:



Embora o propósito desta experiência seja classificar o género social das formas nominais seleccionadas, procurou-se controlar a influência das duas variáveis psicolinguísticas que, de acordo com a literatura, poderão interferir na quantificação da distribuição de género concetual significada por estes nomes: a subida na hierarquia de relevância imputada ao primeiro item deste tipo de estruturas coordenadas (Kesebir, 2017), assim como as suas repercussões na interpretação de escalas de Likert (Gabriel *et al.*, 2008); e o facto de a leitura preferencial de MG poder ser concetualmente específica e não genérica (Gygax *et al.*, 2008; Gygax *et al.*, 2012; Horvath *et al.*, 2016). Assim, foram identificadas as duas condições que antecipamos poderem intervir na significação de género concetual destes nomes: a ordenação de significantes na escala e a informação gramatical presente nas formas nominais avaliadas nesta experiência.

Para que pudessem ser controladas num contexto experimental, discriminaram-se as variantes das condições acima descritas e manipulou-se:

- a ordem de significantes na escala do questionário: em duas das versões, o ponto da escala que significava uma população exclusivamente feminina estava na periferia esquerda da escala (escala ME, na qual M = Mulheres e E = à esquerda), e nas outras duas versões este ponto encontrava-se na periferia direita (escala MD, na qual M = Mulheres e D = à direita); e

- a informação gramatical presente nos nomes avaliados: em duas das versões, as formas nominiais avaliadas eram todas MG e nas outras duas havia um nome masculino plural no ponto da escala que significava uma população exclusivamente masculina e um nome feminino plural no ponto da escala que significava uma população exclusivamente feminina (cf. Figura 1 e Figura 2).

Foi a partir destas condições que se obteve as 4 variáveis independentes cruzadas em quadrado latino nas diferentes versões do questionário:

Versão A1: Teste com escala ME e com formas nominiais masculinas genéricas.

Versão A2: Teste com escala ME e com formas nominiais masculinas e femininas.

Versão B1: Teste com escala MD e com formas nominiais masculinas genéricas.

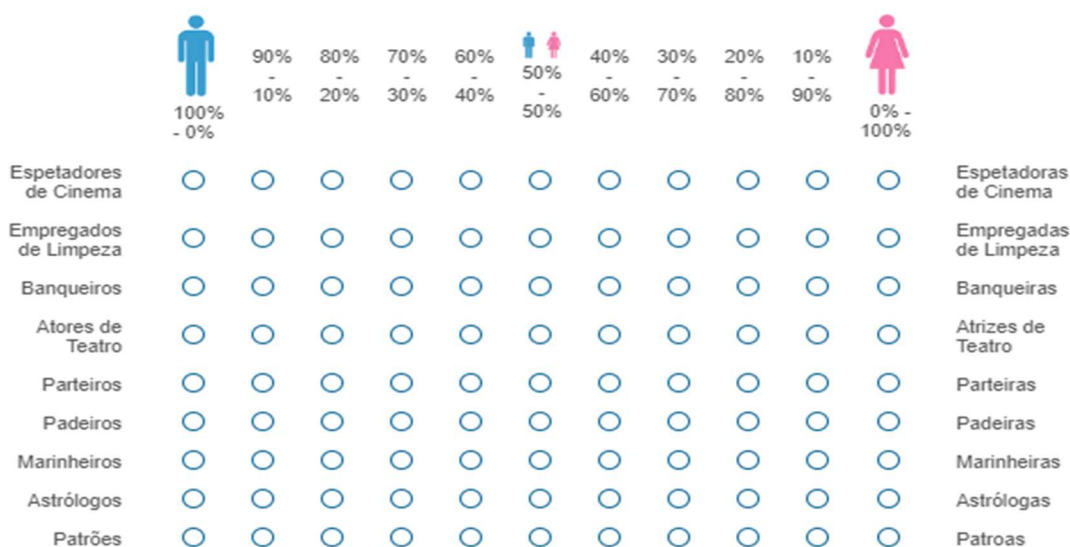
Versão B2: Teste com escala MD e com formas nominiais masculinas e femininas.

A influência que estas variáveis exerceram nas variáveis dependentes do nosso estudo (classificações médias de mulheres nas categorias analisadas) foi analisada *between-subjects*. Por isso, procurou-se certificar a representatividade da amostra de participantes nesta experiência, garantindo a sua extensão e a sua heterogeneidade.

Figura 2 - Exibição do Bloco 1 da Versão B2 do Teste 1



Classifique a percentagem de homens e de mulheres no conjunto da população composto por:



2.1.3 - Pilotagem

A experiência foi pilotada numa sessão única realizada durante o dia 9 de outubro de 2019, no *software* de execução de questionários *online Qualtrics*²⁵. Cronometrou-se o tempo de participação de cada participante. Após a sua conclusão, pediu-se um breve parecer relativo à participação na experiência de cada participante para se poder identificar e reformular eventuais constrangimentos provocados pela tarefa. No final, fizeram-se perguntas de interpretação sobre todos os itens da experiência, pedindo a cada participante que definisse cada um dos nomes avaliados.

Nesta sessão de pilotagem, participaram, no total, 5 pessoas entre os 22 e os 29 anos ($M = 24.2$, $DP \approx 3.56$). Destas, 4 identificavam-se como pertencendo ao género feminino e a outra como pertencendo ao género masculino; nenhuma delas se identificava como transgénero. Os tempos de participação (Tabela 1) permitiram estimar o tempo médio necessário para a conclusão do teste, assim como o tempo médio necessário para

²⁵ <https://www.qualtrics.com>.

a participação na totalidade da experiência. Estes valores possibilitaram antever que cada participante demoraria, em média, cerca de 15 minutos e 32 segundos (932 segundos) a concluir a sua participação da Experiência I, dos quais cerca de 76% seriam dedicados a responder ao Teste 1 (i.e., a Secção 4 da Experiência I). Foi com base nestes valores que se estimou que uma duração máxima de 30 minutos para a participação na experiência, valor esse que foi tomado como referência e que constou no formulário de consentimento informado (cujo preenchimento era obrigatório para a participação na experiência), assim como em todas as ações de comunicação e divulgação do questionário.

Tabela 1- Duração (em segundos) das participações na sessão de pilotagem da Experiência I

Participantes	1	2	3	4	5	Média
Teste	424	692	591	1064	754	705
Experiência	621	888	733	1452	968	932

As instruções da experiência foram reformuladas e completadas como resultado de certos comentários registados ao longo desta sessão. Por exemplo, uma participante comentou que utilizava o ponto central (PC) da escala para marcar *DK Answers* (Oppenheim, 1992: 128, 129) sempre que desconhecia o significado do item em causa, o que levou à reformulação das instruções para que ficasse explícito, por um lado, que o PC servia para assinalar uma distribuição perfeitamente paritária da categoria por géneros e, por outro, que se deveria responder sempre, independentemente do grau de segurança na resposta, com os valores considerados como representativos da realidade da categoria em questão.

Os itens da experiência também foram alterados em função de algumas observações feitas durante a fase de pilotagem da experiência. Estas alterações consistiram em: (1) acrescentar material lexical à forma nominal de modo a especificar as possibilidades da sua interpretação e (2) retirar itens da lista de nomes. Por exemplo, o item “Pintores” foi alterado para “Pintores Surrealistas” por suscitar dúvidas sobre o tipo de pintores que poderia referir (“Pintores de Paredes” vs. “Pintores de Quadros”) e o item “Curadores” foi reanalisado como referindo uma pessoa que cura outras, facto que motivou a modificação deste item para “Curadores de Museus”. Os itens “Cabeleireiros” e “Barbeiros” foram retirados por terem sido interpretados como equivalentes por

algumas pessoas e como distintos por outras, e o item “Operários” foi eliminado da lista por ter sido interpretado por uma participante como significando qualquer pessoa que receba um salário.

Todas as respostas recolhidas durante a sessão de pilotagem foram excluídas da base de dados devidos a restrições de comparabilidade de resultados, já que a versão da experiência apresentada nesta sessão não correspondia à versão final da mesma.

2.1.4 – Procedimento

A avaliação do género social dos itens avaliados pela Experiência I foi realizada através do preenchimento de um questionário *online*. Este questionário foi integralmente administrado utilizando o *software Qualtrics*.

O processo de recolha de dados desta experiência teve início no dia 10 de novembro de 2019, com um convite à participação enviado por correio eletrónico para uma amostra de conveniência, tendo sido, inicialmente, divulgada através do secretariado do CLUNL e, a partir do dia seguinte, divulgada também através de redes sociais. A recolha de dados terminou no dia 14 de dezembro de 2019, por via do bloqueio da ligação que estava a ser divulgada, impossibilitando, assim, qualquer tentativa de introdução de novas entradas na base de dados da experiência.

Na primeira secção da experiência, solicitou-se a cada participante que lesse atentamente as diretrizes de participação na experiência e que consentisse de modo esclarecido a recolha e o tratamento dos seus dados pessoais²⁶. Na Secção 2, foi recolhida a informação necessária para a construção de perfis de participantes tal como a escolaridade, área de formação, emprego, género, orientação sexual, L1 e L2 / outras línguas. Ainda que várias destas categorias não tenham sido mobilizadas para o tratamento de dados desta experiência, considerou-se fundamental associar as respostas a perfis de participantes com informação detalhada para que esta base de dados pudesse voltar a ser trabalhada e analisada no âmbito de futuras investigações. Todas as pessoas que, nesta secção, identificaram a sua L1 como sendo qualquer outra que não a variedade europeia do Português foram automaticamente encaminhadas para o final do questionário. Na terceira secção do questionário, interpelou-se cada participante sobre a

²⁶ O formulário de consentimento informado está disponível para consulta no Anexo II.

sua eventual disponibilidade para participar na experiência seguinte deste projeto. Caso a resposta fosse positiva, era pedido a cada participante o respetivo contacto com o intuito de facilitar o agendamento da sessão de recolha de dados para a Experiência II.

Na Secção 4, foi avaliado o género social dos itens constantes na lista de nomes de papéis sociais construída para o presente trabalho. Cada participante classificou cada um dos 93 itens da lista numa escala de Likert de 11 pontos, na qual cada ponto representava uma possibilidade da proporção da percentagem de homens para mulheres caracterizada pela forma nominal (vd. Figura 1). Ressalva-se que a utilização de uma escala radicada numa noção binária de género concetual não equaciona qualquer assunção implícita de que a masculinidade ou a feminilidade tenham um fundamento biológico ou que existam apenas duas categorias de género concetual (Hyde *et al.*, 2019): a escala utilizada reflete somente a circunscrição do objeto do nosso estudo à avaliação da percepção portuguesa do espaço social ocupado por homens e por mulheres na vida em sociedade.

Os nomes avaliados foram distribuídos por 10 blocos de itens cuja apresentação foi aleatoriamente sequenciada, assim como a de cada um dos itens em todos os blocos. As versões do teste foram automaticamente distribuídas entre participantes de forma aleatória. Conseguimos, através de *HTTP Cookies* disponibilizados pela plataforma, certificar-nos de que cada participante responderia uma única vez ao (e a uma única versão do) questionário, cruzando, para esse propósito, metadados como o endereço de IP e a geolocalização de cada participante; desta forma, garantimos, também, que o questionário poderia ser retomado a partir da última resposta concedida em qualquer momento (desde que anterior ao prazo de final da recolha) após a sua interrupção.

A secção 5 sondava a predisposição de cada participante para divulgar a experiência junto dos seus contactos e atribuía uma ligação de acesso direto à experiência que podia ser partilhada em diversas plataformas online tais como redes sociais, blogs, emails, entre várias outras.

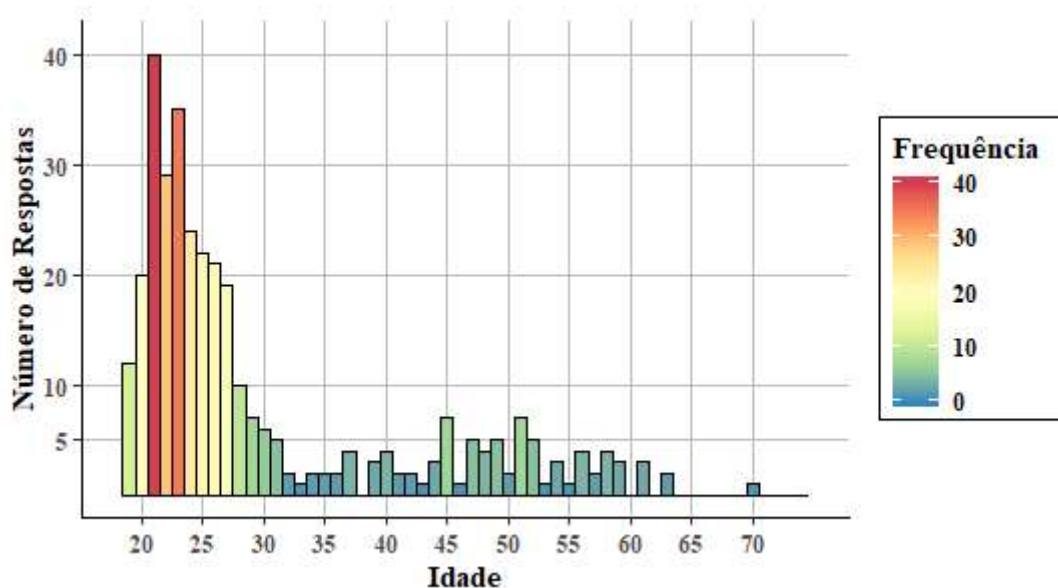
2.1.5 – Participantes

No total, foram recolhidas respostas de 516 participantes diferentes, embora apenas tenham sido incluídas as respostas de 342 participantes. Foram excluídas 174 respostas por (1) estarem incompletas ($n = 144$), (2) incluírem respostas inválidas na

Secção 2 do questionário ($n = 2$), (3) serem respostas de falantes que não tinham o Português Europeu como língua materna ($n = 14$), (4) serem respostas provenientes de participantes que se identificaram como transgénero²⁷ ($n = 10$), e (5) serem constituídas por um conjunto de valores cuja variância é nula²⁸ ($n = 4$).

A maioria das respostas incluídas na base de dados final tinham como origem participantes que se identificaram como mulheres (70.47%, $n = 241$) e as restantes 29.53% ($n = 101$) identificaram-se como homens. Os valores das idades registadas na base de dados final variam entre os 18 e os 70 anos ($M \approx 29.84$, $DP \approx 11.76$) e a sua distribuição pode ser consultada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Caracterização etária de participantes na Experiência I

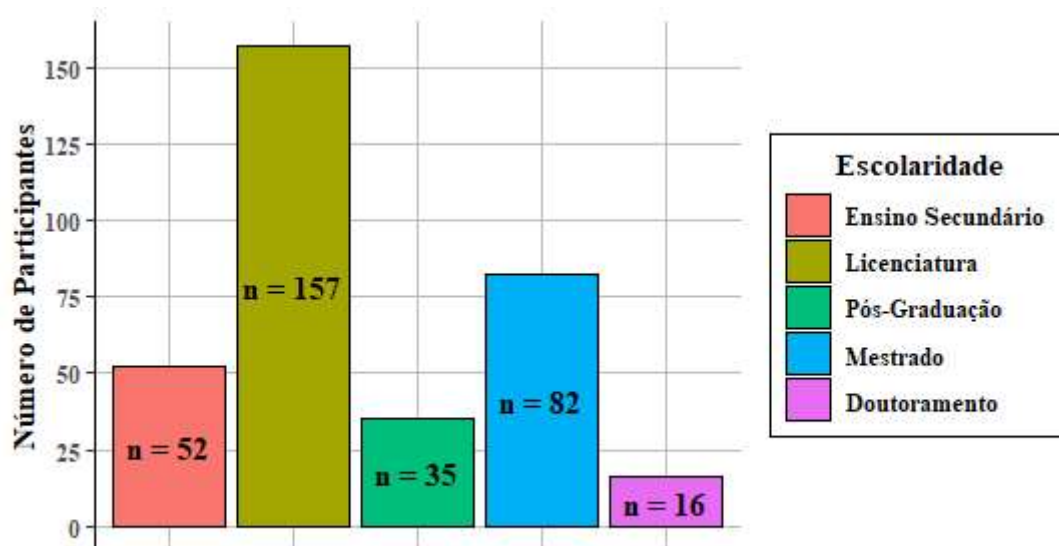


Os registos da nossa base de dados indicam que aproximadamente metade das pessoas (45.91%) que participaram nesta experiência eram licenciadas ($n = 157$). A percentagem de pessoas doutoradas era residual (4.68%), tendo sido este o grau académico menos frequentemente declarado. A distribuição do nível de escolaridade da população da população constituinte da nossa base de dados está representada pelo Gráfico 2.

²⁷ Estas respostas foram excluídas no processo de organização da base de dados por não existirem em número suficiente para poderem constituir uma categoria de análise autónoma.

²⁸ Estas pessoas responderam PC 93 vezes, pelo que se considerou que não compreenderam a tarefa.

Gráfico 2 - Caracterização da escolaridade de participantes na Experiência I



2.1.6 – Tratamento dos Dados

O tratamento e a análise de dados de ambas as experiências foi integralmente executado utilizando a versão 3.6.2 do *software open-source* de computação estatística *R* (R Core Team, 2019)²⁹, assim como todos os gráficos apresentados neste trabalho, recorrendo, para tal efeito, à versão 3.3.2 do pacote *ggplot2* (Wickham, 2016) do ecossistema de bibliotecas de computação *tidyverse*³⁰ (Wickham *et al.*, 2019).

As observações da presente experiência foram codificadas para que refletissem sempre a percentagem de mulheres que estava a ser avaliada, ou seja: observações que registassem a opção “10% de homens e 90% de mulheres” foram codificadas como “90”, tal como as observações que registasse a opção “90% de mulheres e 10% de homens”; observações que registassem as opções “70% de mulheres e 30% de homens” e “30% de homens e 70% de mulheres” foram codificadas como “70”; e observações que registassem PC foram codificadas como “50”. Desta maneira, conseguiu-se traduzir os resultados incorporados na nossa base de dados para que refletissem, numa escala de 0 a 100, o grau da perceção do enquadramento de mulheres no género social das formas nominais que avaliámos. Embora Gabriel *et al.* (2008) tenham codificado os seus

²⁹ <https://www.r-project.org/>.

³⁰ <https://ggplot2.tidyverse.org/>.

resultados para que refletissem a perceção da percentagem de homens que ocupam cada uma das categorias sociais avaliadas, a alteração que aqui fizemos procura destacar a perceção portuguesa do lugares que as mulheres ocupam no quotidiano social e laboral. Uma vez que a escala reflete apenas duas dimensões de género concetual (Mulheres vs. Homens), esta alteração não implicou qualquer constrangimento para a comparabilidade de resultados com o estudo referido e com outros que utilizam o mesmo paradigma experimental.

Para que pudesse ser atribuída uma categoria de estereotipicidade a cada um dos nomes avaliados, criámos uma escala de avaliação de género social. Os dados permitiram classificar a categoria do género social dos nomes avaliados em função da percentagem média de distribuição de género concetual estimada para cada um dos itens da base de dados. Assumindo que o critério crucial para a determinação destas categorias seria a equidistância entre si ao longo da escala de 100 pontos, planeou-se a catalogação de todas estas formas nominais em 3 categorias distintas: uma que classificasse itens mais próximos de 0 como masculinos, outra que classificasse os itens mais próximos de 100 como femininos e uma terceira que classificasse os itens mais próximos do PC como neutros. No entanto, apercebemo-nos de alguns problemas que este tipo de classificação poderia levantar: por um lado, estaríamos a ignorar o grau de pertença destes nomes a tais categorias ao tomá-las como critério absoluto para a qualificação do género social das formas avaliadas, ou seja, que seria importante compreender que um item X ao qual fosse, por exemplo, atribuída uma classificação média de 68 seria classificado como estereotipicamente feminino, embora não fosse tão estereotipicamente feminino quanto um item Y com uma classificação média de 86; por outro, estaríamos a ignorar a realidade de itens integrados nas zonas de fronteira mais distantes do PC, ou seja, que um item Z ao qual fosse, por exemplo, atribuída uma classificação média de 65 seria classificado como neutro, apesar de a sua classificação média estar muito mais próxima da classificação média do item X do que do PC.

Para que estas questões fossem contempladas no presente trabalho, decidiu-se que as classificações deveriam refletir um critério escalar, em vez um de critério categórico. Para o fazer, incorporámos duas categorias intermédias periféricas a PC (Masculino Neutro e Feminino Neutro), de forma a que os intervalos refletissem uma dimensão

escalar da estereotipicidade³¹. Assim, e embora a atribuição de uma categoria de género social a cada nome continuasse a ser relevante e necessária, considerámos preferível classificar os itens de acordo com um duplo critério de categorização: um critério quantitativo (o grau de estereotipicidade - G), e um critério qualitativo (a categoria de género social), sendo o segundo determinado pela classificação média (CM) dos itens avaliados. O valor do G é um índice proposto por nós, que equaciona a diferença entre o PC e CM, e que se traduz numa medida de equivalência que permite a comparabilidade dos resultados de itens incluídos nas diferentes categorias de género social. A qualificação do género social foi feita em função das seguintes categorias:

Categoria EF: compreende nomes classificados como estereotipicamente femininos, isto é, itens cuja classificação média fosse superior a 66.66.

Categoria FN: compreende nomes classificados como femininos neutros, isto é, itens cuja classificação média fosse superior a 55 e igual ou inferior a 66.66;

Categoria N: compreende nomes classificados como neutros, isto é, itens cuja classificação média fosse superior a 45 e igual ou inferior a 55;

Categoria MN: compreende nomes classificados como masculinos neutros, isto é, itens cuja classificação média fosse superior a 33.33 e igual ou inferior a 45;

Categoria EM: compreende nomes classificados como estereotipicamente masculinos, isto é, itens cuja classificação média fosse igual ou inferior a 33.33;

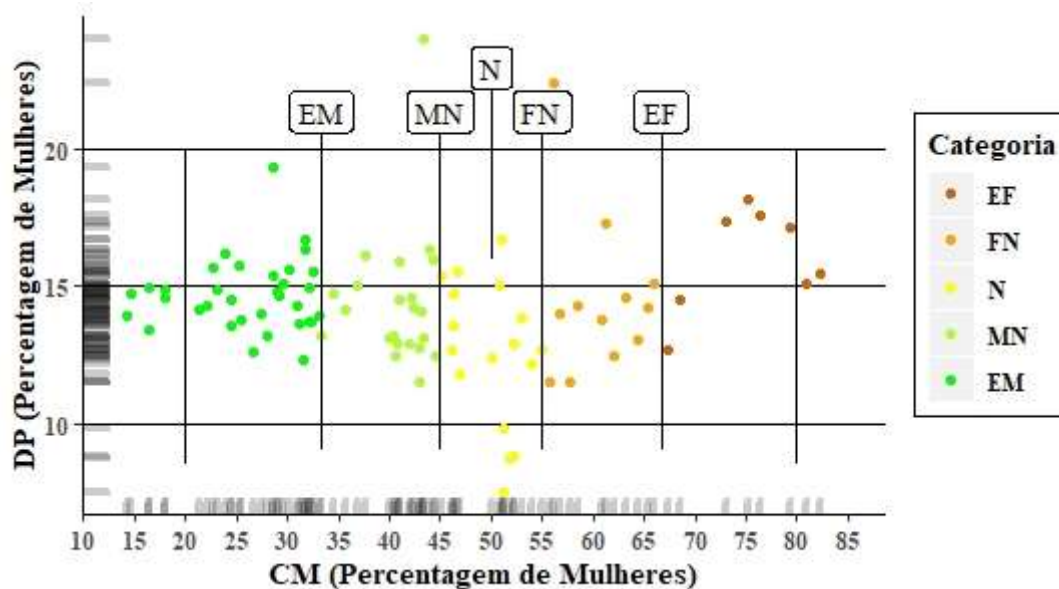
2.2 – Resultados

A Experiência I pretendia avaliar o género social de 93 expressões nominais do PE, ou, por outras palavras, a perceção portuguesa dos papéis sociais ocupados por homens e por mulheres na vida quotidiana. Os resultados³² da categorização de todos os nomes avaliados pela Experiência I podem ser consultados no Gráfico 3, que representa as Classificações Médias (CM) registadas no Teste 1, organizadas em função do Desvio Padrão (DP) das classificações de cada item.

³¹ Este processo de recategorização deveu-se, em parte, aos pertinentes comentários de Pascal Gyga, coautor dos estudos que procurámos, no âmbito deste projeto, adaptar ao PE.

³² A avaliação dos itens em cada uma das versões do Teste 1 pode ser consultada no Anexo III.

Gráfico 3 - Dispersão global dos itens do Teste 1 em função de CM e DP



Conforme a informação expressa pelo Gráfico 3, houve mais itens classificados como estereotipicamente masculinos ($n = 34$) do que itens classificados como estereotipicamente femininos ($n = 8$). Nos dados aqui recolhidos, apenas 20 dos 93 itens foram avaliados como FN ou EF. Tais diferenças estão quantificadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição de itens do Teste 1 por categoria de género social

Categoria	EM	MN	N	FN	EF
<i>n</i>	34	22	17	12	8

Como se pode observar no Gráfico 3 e na Tabela 3, abaixo, as diferenças de DP nas classificações atribuídas aos itens nas categorias EM e EF indicam que as classificações de itens estereotipicamente masculinos foram mais consensuais entre participantes do que as classificações de itens estereotipicamente femininos, facto que se repercute em valores de DP em itens EM inferiores aos de itens EF.

Tabela 3 - Caracterização do género social de itens EF e EM

Categoria	<i>n</i>	CM (G)	DP	Valor Máximo de G
EF (CM > 66.66)	8	75.41 (25.41)	16.01	32.34
EM (CM ≤ 33.33)	34	26.10 (23.90)	14.69	35.76

Embora o valor de G seja superior nos itens EF, tal não significa necessariamente que estes tenham sido classificados como mais estereotípicos: é necessário ter em conta que a frequência da sua ocorrência foi muito inferior do que a de itens EM. Efetivamente, a observação dos valores situados nos extremos da escala permite-nos concluir que foi atribuído um grau de estereotipicidade superior a itens EM em várias dimensões diferentes destas medidas, como por exemplo: (1) um valor máximo de G no grupo de itens EM superior ao valor máximo de G em itens EF, e (2) na muito maior frequência de itens EM nas extremidades da escala (cf. Tabela 3 e Tabela 4).

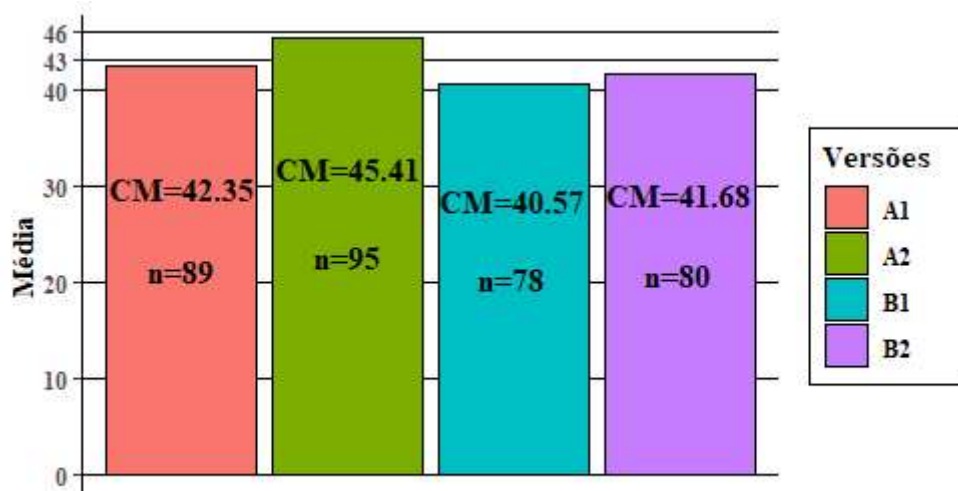
Tabela 4 - Caracterização de itens com maior grau de estereotipicidade (G > 30)

Categoria	<i>n</i>	CM (G)	DP	Valor Máximo de G
EF (CM > 80)	2	81.64 (31.64)	15.29	32.34
EM (CM < 20)	6	16.28 (33.72)	14.43	35.76

O Gráfico 4 evidencia a forma como as variáveis independentes que isolámos (ordem de significantes na escala e informação gramatical presente nos nomes avaliados) condicionaram a interpretação das formas nominais avaliadas. Este condicionamento repercute-se nas diferenças da CM global, que indica a média de todas as classificações atribuídas a todos os itens em cada versão do Teste 1. As versões do teste com escala ME (A1 e A2) produziram CM mais altas do que as versões com escala MD (B1 e B2); de igual forma, as versões com formas MG (A1 e B1) produziram CM mais baixas do que as versões do Teste 1 com expressões nominais masculinas e femininas (A2 e B2). Embora a presença de formas femininas tenha reforçado as CM de mulheres, a ordenação de significantes na escala parece ter condicionado mais as classificações do que a

informação gramatical presente na tarefa, como se poder observar através do facto de as CM de mulheres serem mais altas nas versões A1 e A2 do que nas versões B1 e B2.

Gráfico 4 - CM global de cada versão do Teste 1



Estes resultados indicam que a versão do teste que provocou leituras menos enviesadas foi a versão A2. Com efeito, esta foi a única versão cuja CM global não suscitou leituras enviesadamente masculinas das formas avaliadas, sendo única versão do Teste 1 cuja CM global é classificável, de acordo com a escala, como neutra ou menos estereotípica.

2.3 – Discussão

Os resultados obtidos na Experiência I estão em linha com os resultados reportados por Gabriel *et al.* (2008): as Tabelas 3 e 4 indicam que os itens estereotipicamente masculinos são mais frequentes, mais consensuais e mais estereotípicos dos que os itens estereotipicamente femininos. Os resultados aqui apresentados diferem parcialmente dos de Gabriel *et al.* (2008) e dos de Kennison & Trofé (2003) na avaliação dos efeitos da direcionalidade da escala: Kennison & Trofé (2003) reportam que escalas ME induzem classificações enviesadamente masculinas do género social das formas nominais; no entanto, os resultados da Experiência I indicam que as classificações enviesadamente masculinas foram produzidas pelas versões do Teste 1 com escalas MD.

Gabriel *et al.* (2008) só conseguiram reproduzir os resultados de Kennison & Trofe (2003) nas versões do teste que avaliavam MG. Efetivamente, Gabriel *et al.* (2008) reportam que, nas versões nas quais foram avaliados nomes gramaticalmente masculinos e femininos, o efeito observado, à semelhança dos resultados da Experiência I, era o oposto do efeito reportado por Kennison & Trofe (2003): escalas ME induzem classificações menos masculinas do gênero social dos nomes avaliados em tarefas nas quais constem formas gramaticalmente masculinas e femininas. Esta divergência nos resultados é justificada como sendo um efeito de *priming* induzido pela estrutura do teste, no qual a direcionalidade da escala estaria a ser confundida com as formas gramaticalmente masculinas e femininas dos nomes avaliados:

The Kennison and Trofe study used English role names without male or female specifications. Therefore, an explanation for the divergent scale effects could be that in our study, the scale direction effect is really a primacy effect: Scale direction here is confounded with the positions of the female and male versions of the role names. Since we typically read from left to right, the 100% male-left version of the questionnaire leads participants to read the masculine version of the role name first (resulting in higher male ratings), whereas the 100% male-right version leads participants to read the feminine version of the role names first, resulting in higher female ratings (i.e., lower male ratings).

(Gabriel *et al.*, 2008: 209)

A manifestação deste efeito de *priming*, é confirmada, em parte, pelos achados de Kesebir (2017), que validam o destaque concetual atribuído à periferia esquerda de um conjunto. No entanto, o efeito reportado por Gabriel *et al.* (2008) e Kennison & Trofe (2003) não foi observado nos resultados da Experiência I. Uma possível explicação para estas diferenças pode residir nas pistas semióticas incorporadas na escala da nossa tarefa: comparando a Figuras 1 e a Figura 3, exibida mais adiante, é evidente que as cores e as dimensões das figuras utilizadas para determinar a escala do Teste 1 diferem das cores e dimensões das figuras na tarefa executada por Gabriel *et al.* (2008) e ilustrada, abaixo, pela Figura 3. É provável que o destaque concetual dos elementos visuais da escala do












Teste 1 tenham cumprido um efeito semelhante ao efeito reportado por Gabriel *et al.* (2008): o impacto semiótico da cor e da forma das figuras pode ter forçado uma leitura concetualmente masculina ou feminina dos nomes avaliados em função da direcionalidade da escala, independentemente da informação gramatical presente nas formas nominais.

Figura 3 - Excerto do Questionário Utilizado por Gabriel *et al.* (2008)

Questionnaire « Composition de groupes »

Vous trouverez ci-dessous une liste de différents «groupes» de personnes (classes professionnelles, mais aussi d'autres groupes). Votre tâche est simplement d'estimer le pourcentage de femmes et d'hommes faisant partie de ces groupes *en général*. Par exemple: si vous associez uniquement des hommes avec le groupe des « acteurs» (au sens général), veuillez mettre une croix dans la case qui se situe tout à gauche (100% hommes). Si vous pensez que le groupe concerné se compose exclusivement de femmes, veuillez mettre une croix dans la case qui se situe tout à droite (100% femmes). Si vous pensez que le groupe concerné est composé d'un pourcentage d'hommes et de femmes égal, veuillez mettre une croix dans la case du milieu. Vous pouvez également nuancer votre réponse en mettant une croix dans une case se situant entre les possibilités susmentionnées.

Il n'y a pas de réponses justes ou fausses. Nous sommes intéressés à vos réponses spontanées. De ce fait veuillez s'il vous plaît répondre le plus rapidement possible, sans «sur-analyser» le sens de chaque groupe. Merci beaucoup de votre participation !

	 100/0	 90/10	 80/20	 70/30	 60/40	 50/50	 40/60	 30/70	 20/80	 10/90	 0/100
Acteurs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aides-cuisine	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amateurs de chocolat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amateurs de vin	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apprentis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

O destaque concetual caracterizado por Kesebir (2017) é consistente nas diferentes versões do Teste 1, repercutindo-se em CM globais superiores nas versões A1 e A2. Por outro lado, é evidente que a informação gramatical presente na tarefa condicionou, como reportado por Gabriel *et al.* (2008), os resultados da Experiência I. Este efeito é observável, por exemplo, na consistência da atribuição de CM globais mais baixas nas versões do teste que avaliaram apenas MG (A1 e B1) do que nas versões do teste que avaliaram formas gramaticalmente masculinas e femininas (A2 e B2). Por outro lado, este efeito também é notório no facto de a CM global da versão A2 ser consideravelmente superior à CM global das restantes versões da Experiência I; este facto

é previsível, já que esta versão reúne as duas condições identificadas pela literatura como contribuindo para o destaque concetual de mulheres na avaliação do género social das formas nominais. Apesar disso, o condicionamento provocado pela presença de informação gramatical nos nomes parece ser residual, tendo a ordenação de significantes contribuído em muito maior medida para o condicionamento concetual dos nomes avaliados.

De forma geral, os nossos resultados confirmam os resultados reportados por Gabriel *et al.* (2008), ainda que, ao contrário deste estudo, o nosso trabalho não tenha detetado diferenças substanciais nas CM condicionadas pela direccionalidade da escala utilizada: no Gráfico 3, estão representados o grau e a qualidade do género social de todas as formas nominais testadas nesta experiência, e o Gráfico 4 ilustra a forma como as variáveis independentes que isolámos neste estudo condicionaram a interpretação dos nomes avaliados. A experiência comprova que as inferências de Gabriel *et al.* (2008) estavam essencialmente corretas: os resultados indicam (1) que a referência gramaticalmente explícita a mulheres nas formas nominais aumenta a sua visibilidade concetual; e (2) que a colocação de tais nomes numa posição de saliência concetual (i.e., à esquerda) contribui para as destacar ainda mais.

2.4 – Sumário

Neste capítulo, descreveu-se a Experiência I deste trabalho, com a qual se avaliou o género social de 93 expressões nominais do PE. A avaliação foi feita através de um questionário *online* em que se pediu a cada participante que classificasse a percentagem de homens para mulheres no conjunto de pessoas que cada nome significava. Esta classificação foi feita numa escala de Likert de 11 pontos, na qual cada ponto representava um intervalo de 10%. Foram isoladas duas condições que se previu que pudessem influenciar as respostas a esta tarefa.

Globalmente, os resultados obtidos estão alinhados com os resultados reportados por Gabriel *et al.* (2008) e Kesebir (2017). No entanto, o presente estudo não produziu as diferenças nos efeitos da direcção da escala previstos por Kennison & Trofé (2003) e na secção relativa à interpretação de MG de Gabriel *et al.* (2008): ao contrário do que ambos os trabalhos reportam, neste estudo foram registadas CM mais elevadas em versões que avaliam MG quando a escala era ME. A informação gramatical presente nos nomes

avaliados também contribuiu para a construção do seu género social, ainda que de forma menos acentuada do que a direção da escala. São necessárias medidas mais finas para que se possa estudar em maior detalhe o impacto da informação gramatical na determinação de género concetual no PE.

CAPÍTULO 3: Experiência II (Testes 2 e 3)

When sexist language becomes conventionalized, it may be hidden to consciousness, and may become an attitude or mental disposition that is reinforced at the subconscious level.

(Martin & Papadelos, 2017: 40)

Neste capítulo, descreve-se a Experiência II. Esta experiência avaliou o impacto da informação gramatical e de estereótipos de gênero na compreensão de enunciados cujos sujeitos sintáticos eram MG. Para o fazer, foi implementado um paradigma de avaliação de sequências de enunciados: cada participante teve de avaliar a aceitabilidade de várias sequências de dois enunciados. Foi manipulado o gênero social do nome que ocupava a posição de sujeito sintático do primeiro enunciado da sequência e o gênero lexical do sujeito sintático do segundo enunciado da sequência (homens vs. mulheres). Foram examinadas as taxas de aceitabilidade das sequências de enunciados e a velocidade da sua aceitação. Caso a informação gramatical seja um fator determinante para a resolução de cadeias anafóricas do PE, espera-se que as taxas de aceitabilidade sejam superiores nas sequências que liguem os primeiros enunciados a nomes lexicalmente masculinos, e que as velocidades de aceitação sejam inferiores nesta mesma condição. Por conseguinte, tais observações validariam as hipóteses de que a leitura de MG do PE é específica (e não genérica) e de que a estrutura linguística do PE influencia aspetos da cognição humana.

Na primeira secção deste capítulo (3.1), descreve-se o método da experiência. Os resultados são apresentados na segunda secção (3.2), seguidos de uma breve discussão (3.3). Na última secção (3.4), consta um sumário dos temas abordados neste capítulo.

3.1 – Método

A nossa experiência adaptou o paradigma de avaliação de enunciados utilizado por Gygax *et al.* (2008) para avaliar a interpretação de MG do Inglês, do Francês e do Alemão, tal como a seguir se descreve. Esta secção contém uma breve descrição dos materiais utilizados (3.1.1), do desenho experimental (3.1.2), do processo de pilotagem

da experiência (3.1.3), assim como do seu processo de implementação (3.1.4). Faz-se, ainda, uma caracterização sociodemográfica da nossa amostra de participantes (3.1.5) e, por último, reporta-se o processo de tratamento e de análise dos dados (3.1.6).

3.1.1 – Materiais

Nesta experiência, cada participante avaliou a aceitabilidade de 164 sequências de dois enunciados, que adaptámos para o PE, controlando a sua morfossintaxe, tomando como base as sequências originalmente utilizadas por Gyga *et al.* (2008)³³. Todos os estímulos desta experiência estão disponíveis para consulta no Anexo V. A primeira frase (Frase A) da sequência introduzia um grupo de pessoas utilizando um dos nomes avaliados pela Experiência 1; este nome poderia ser um MG (AMG, sendo A = Frase A e MG = Masculino Genérico) ou um nome feminino plural (AFP, sendo A = Frase A e FP = Feminino Plural). Os predicados das Frases A descreviam 6 tipos de situações diferentes, todas elas triviais o suficiente para poderem ser aplicadas a grupos sociais bastante distintos: (1) sair de algum lugar, (2) esperar em algum lugar, (3) entrar em algum lugar, (4) estar em algum lugar, (5) passear por algum lugar, ou (6) atravessar algum lugar. A informação relativa aos lugares nos quais a ação ocorria foi completada frase a frase de forma a garantir que a avaliação das sequências não seria influenciada por eventuais julgamentos de implausibilidade das situações por elas descritas.

Todas as sequências introduziam cadeias anafóricas de correferência entre os sujeitos sintáticos de ambos os seus enunciados, sendo que o sujeito sintático da segunda frase da sequência (Frase B) especificava o género concetual de certos elementos (embora nunca da totalidade) do grupo introduzido pela Frase A. Esta especificação era introduzida por uma estrutura de quantificação existencial, cuja complementação podia ser um nome de género lexical masculino, “homens” (BHM, sendo B = Frase B e HM = Homens), ou um nome de género lexical feminino, “mulheres” (BML, sendo B = Frase B e ML = Mulheres). Uma vez que o género lexical das formas nominais não é variável (o termo “homens”, de género lexical masculino, não pode ser concetualmente feminino, e o termo “mulheres”, de género lexical feminino, não pode ser concetualmente

³³ Apesar de não terem sido publicadas conjuntamente com o artigo no qual a experiência foi reportada, as listas de todas as sequências originais foram-nos gentilmente cedidas por Pascal Gyga após requisição para reprodução adaptada do seu paradigma experimental.

masculino), acreditamos que o género lexical dos nomes pode ser considerado como uma medida estável para avaliar a compreensão dos MG do PE. Metade das Frases B que cada participante viu referia homens e a outra metade referia mulheres. O conteúdo semântico destas frases era relativo a meteorologia (destacando o facto de algumas pessoas terem consigo determinados objetos devido à condição meteorológica) ou ao aparente estado de espírito das pessoas em questão. Apesar de a oposição principal entre frases BHM e BML ser a referência explícita a homens ou a mulheres, é importante referir que as estruturas de quantificação existencial que ocupavam o lugar de sujeito sintático das Frases B também foram controladas e que estão listadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Lista de sujeitos sintáticos possíveis nas Frases B da Experiência II

BHM	BML
Alguns dos homens	Algumas das mulheres
Vários dos homens	Várias das mulheres
Um dos homens	Uma das mulheres
Dois dos homens	Duas das mulheres.

Os exemplos (1) e (2) ilustram alguns dos tipos de sequências utilizadas na Experiência II.

- (1) (AMG) Os educadores de infância esperaram nas traseiras da escola.
 (BHM) Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
- (2) (AMG) Os funcionários públicos atravessaram a ponte.
 (BML) Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.

Como já referido, todas as formas nominais utilizadas no decorrer desta experiência foram previamente selecionadas a partir da Experiência I. Escolhemos 8³⁴ nomes das categorias EF, EM e N (Tabela 6) utilizando, para tal, 2 critérios distintos: (1)

³⁴ Só pudemos escolher 8 porque esta foi a quantidade de itens categorizados como EF na Experiência I.

o grau de estereotipicidade de cada um dos nomes, procurando, para itens das categorias EF e EM, formas nominais cujo valor de G fosse equivalente ou aproximadamente igual entre si, e, para itens da categoria N, os itens com os valores de G mais baixos; e (2) a estrutura sintática dos nomes (4 nomes simples, 3 compostos N+P+N e 1 composto N+Adj em cada categoria de género social).

Tabela 6 - Nomes utilizados na Experiência II

Nome	CM	G	Nome	CM	G	Nome	CM	G
<u>Categoria EM</u>			<u>Categoria EF</u>			<u>Categoria N</u>		
Treinadores de Futebol	14.71	35.29	Empregados de Limpeza	82.34	32.34	Empregados de Mesa	50.01	0.01
Lutadores de Wrestling	22.02	27.98	Educadores de Infância	80.94	30.94	Atores de Teatro	51.75	1.75
Capitães de Equipa	31.73	18.37	Hospedeiros de Bordo	68.51	18.51	Empregados de Balcão	52.19	2.19
Atiradores Furtivos	17.95	32.05	Escravos Sexuais	79.42	29.42	Funcionários Públicos	53.89	3.89
Milionários	24.50	25.50	Costureiros	76.37	26.37	Coreógrafos	50.76	0.76
Governadores	24.53	25.47	Parteiros	75.21	25.21	Cozinheiros	51.08	1.08
Ministros	26.70	23.30	Prostitutos	73.13	23.13	Cantores	51.23	1.23
Agricultores	32.57	17.43	Enfermeiros	67.37	17.37	Vizinhos	52.19	2.19

3.1.2 – Estrutura da Experiência e Desenho Experimental

A nossa experiência pretende avaliar o impacto da informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados do PE cujos sujeitos sintáticos são

MG. Para o fazer, implementámos um paradigma de avaliação de sequências de enunciados com resposta binária: cada participante avaliou as sequências como uma resposta do tipo “Sim”, caso aceitasse a Frase B como uma continuação possível da Frase A, ou do tipo “Não”, caso não aceitasse. O paradigma experimental que aplicámos procura controlar dois fatores psicolinguísticos que a literatura menciona como cruciais para a determinação de género concetual em línguas de género gramatical: o género social dos sujeitos sintáticos (i.e., os estereótipos de género que a eles estão associados) dos enunciados avaliados e a informação gramatical (nomeadamente, o género gramatical) patente nas formas nominais presentes em tais enunciados. Na eventualidade de, como antecipado pela literatura, o peso da informação gramatical se sobrepor ao do género social na resolução das cadeias anafóricas nas sequências da nossa experiência, confirmando, assim, a hipótese de leitura preferencial específica de MG do PE, teremos, então, uma manifestação do PRL no contexto do PE; este fenómeno pode ser confirmado se verificarmos taxas mais altas na tarefa de juízos de aceitabilidade e mais rapidez nas respostas das sequências AMG-BHM do que nas sequências AMG-BML. Caso a leitura de MG do PE seja, realmente, genérica, esperamos, por um lado, que as taxas de aceitabilidade e de velocidade de processamento de sequências AMG-BHM sejam mais altas quando o sujeito sintático de A for EM e, por outro, que estas medidas sejam mais altas nas sequências AMG-BML quando o sujeito sintático de A for EF.

Esta experiência estava dividida em 5 blocos, ordenados da seguinte maneira:

Bloco 1 – Formulário de consentimento informado (disponível para consulta no Anexo IV) e instruções de participação.

Bloco 2 – Treino (6 sequências de treino + 6 itens distratores, totalizando 12 sequências de enunciados).

Os sujeitos sintáticos das Frases A neste bloco eram 8 nomes avaliados como MN ou FN selecionados a partir da Experiência I. Embora 4 deles se tenham repetido uma vez, esta repetição não provocou nenhum constrangimento nos nossos dados, uma vez que estes itens eram de treino e não de teste. Neste bloco foram apresentadas 2 sequências AMG-BHM, 2 sequências AMG-BML, 1 sequência AFP-BHM, 1 sequência AFP-BML e 6 itens distratores, totalizando, assim, 12 sequências de enunciados.

Os itens de treino reproduziram as condições de teste que iriam ser encontradas no decorrer da experiência, à exceção da categoria de género social do sujeito sintático da Frase A. Este condicionamento não foi feito nos itens de treino por uma questão pragmática relevante: como pretendíamos que os itens de teste fossem avaliados com um certo grau de novidade (motivo pelo qual não quisemos incluir formas nominais utilizadas nos itens de teste na secção de treino), e visto que apenas 8 das 93 formas nominais avaliadas pela Experiência I foram categorizadas como EF, tivemos de garantir que estes oito nomes ficariam reservados para os itens de teste da Experiência II. Uma vez que as respostas às perguntas de treino não seriam incluídas nas análises de resultados, decidimos utilizar formas nominais MN e FN nestas sequências. Desta forma, garantimos que as propriedades estruturais da morfossintaxe destas formas nominais eram consonantes com as dos nomes utilizados nos itens de teste, sem que nenhuma delas se repetisse em diferentes etapas da cronologia experimental.

Os itens distratores pretendiam provocar respostas negativas. O seu propósito era garantir que a participação na experiência implicava a leitura atenta dos seus enunciados. Estas respostas negativas foram induzidas com a introdução de um novo nome de papel social na cadeia anafórica que provocasse inconsistências semânticas no processamento da correferência destas formas nominais, como exemplificado em (3a) e (3b), ou com a introdução de incongruências pragmáticas relativas a condições meteorológicas, como em (4a), ou a estados de humor, como em (4b).

- (3a) (A) As notárias entraram no edifício.
(B) Devido ao bom tempo, uma das analfabetas tinha óculos escuros.
- (3b) (A) Os patinadores olímpicos estavam na estação de comboios.
(B) Percebia-se que vários dos camionistas estavam bastante calmos.
- (4a) (A) Os alunos de literatura esperaram à chuva.
(B) Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.
- (4b) (A) Os vegetarianos estavam visivelmente animados.
(B) Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.

Bloco 3 – Teste 2 (24 sequências de teste + 24 itens distratores, totalizando 48 sequências de enunciados).

Neste bloco foi apresentado o Teste 2, a partir do qual aferimos valores de referência para a interpretação de MG do PE. Este bloco consistia num total de 48 sequências de enunciados, das quais 12 eram sequências AMG-BHM, outras 12 eram sequências AMG-BML e as restantes 24 eram itens distratores. A ordem de apresentação de todos os itens em cada bloco foi aleatorizada. Introduzimos um ecrã de pausa após a avaliação da 12^a, da 24^a e da 36^a sequência apresentada no Bloco 3, para que fossem permitidas várias hipóteses de descanso ao longo da experiência. Para garantir que todas as Frases A dos itens de teste fossem seguidas por todos os tipos de Frase B possíveis na experiência, foram construídas quatro listas de itens: a Lista A, a Lista B, a Lista C e a Lista D. Cada participante respondeu aos itens de apenas uma das listas e foi garantida a paridade da distribuição do número de participantes por lista. Os exemplos (5a), (5b), (5c) e (5d) ilustram, respetivamente, o Item de Teste N°1 da Lista A, da Lista B, da Lista C e da Lista D:

- (5a) (A) Os empregados de limpeza saíram da sala.
(B) Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
- (5b) (A) Os empregados de limpeza saíram da sala.
(B) Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
- (5c) (A) Os empregados de limpeza saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
- (5d) (A) Os empregados de limpeza saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.

Bloco 4 – Teste 3 (48 sequências de teste + 48 itens distratores, totalizando 96 sequências de enunciados).

No Bloco 4 foi apresentado o Teste 3, cujo objetivo era compreender se a presença de itens no feminino plural condicionaria a interpretação dos MG. Por esse motivo, neste teste foram apresentadas 96 sequências de enunciados, das quais 12 eram sequências

AMG-BHM, 12 eram sequências AMG-BML, 12 eram sequências AFP-BHM, 12 eram sequências AFP-BML e 48 eram itens distratores. Baseámo-nos nos itens do Teste 2 para construir os itens do Teste 3. Mantivemos as Frases B de todas as sequências do Teste 2, embora tenhamos alterado os sujeitos sintáticos das Frase A (nas quais fizemos, ainda, pequenos ajustes de informação relativa aos locais nos quais a ação descrita pelos enunciados ocorria): os nomes EF foram substituídos por nomes EM, os nomes N foram substituídos por nomes EF e os nomes EM foram substituídos por nomes N. Desta forma, conseguimos garantir a semelhança estrutural das sequências de enunciados nos dois testes sem que nenhum item se repetisse. Os exemplos (6a), (6b), (6c) e (6d) ilustram o Item de Teste N° 25 (isto é, o primeiro item do Teste 3) nas várias Listas:

- (6a) (A) Os treinadores de futebol saíram da sala.
(B) Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
- (6b) (A) Os treinadores de futebol saíram da sala.
(B) Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
- (6c) (A) Os treinadores de futebol saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
- (6d) (A) Os treinadores de futebol saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.

Neste teste, para além de 24 sequências com Frases AMG, foram adicionadas outras 24 sequências com Frases AFP. Para a construção destas sequências, foi invertido o género (gramatical e lexical) de ambos os enunciados, mantendo a sua estrutura: uma sequência que, no Teste 2, fosse AMG-BHM, passaria, no Teste 3, a ser AFP-BML. Naturalmente, várias destas sequências induziram respostas negativas, já que a sequência AFP-BHM não é, de um ponto de vista estritamente normativo, uma cadeia anafórica possível do PE. Este facto não representou qualquer tipo de constrangimento para as análises que fizemos aos resultados da nossa experiência, já que, no Teste 3, foram consideradas para análise apenas as sequências AMG, uma vez que o objeto do nosso estudo era estudar a interpretação dos MG do PE. Os itens do Teste 3 foram, novamente,

apresentados de forma aleatória e os ecrãs de pausa foram apresentados em ciclos de 14 sequências. Os exemplos (7a), (7b), (7c) e (7d) ilustram o Item AFP N° 1 (ou seja, a primeira sequência com uma Frase AFP do Teste 3) nas várias Listas da Experiência II.

- (7a) (A) As treinadoras de futebol saíram da sala.
(B) Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
- (7b) (A) As treinadoras de futebol saíram da sala.
(B) Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
- (7c) (A) As treinadoras de futebol saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
- (7d) (A) As treinadoras de futebol saíram da sala.
(B) Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.

Controlámos as taxas de aceitabilidade e a velocidade de aceitação de todas as sequências, tomando-as como indicadores da facilidade de integração de informação no processo de resolução de cadeias anafóricas do PE. Se a leitura dos MG do PE for, como a literatura indica, específica (e não genérica), esperamos que o processo de resolução anafórica de cadeias correferenciais que liguem MG a formas lexicalmente femininas seja menos inteligível. Este facto repercutir-se-á em taxas de aceitabilidade mais baixas nestas sequências do que nas sequências nas quais estejam ligados MG a nomes lexicalmente masculinos. Além disso, se o processo de integração de informação de MG a nomes lexicalmente masculinos for mais simples, a velocidade de aceitação destas sequências deverá ser menor do que a velocidade de aceitação de sequências que liguem MG a nomes lexicalmente femininos. Caso verifiquemos estes efeitos, teremos dois indicadores consistentes de que a leitura preferencial dos MG do PE é específica e de que o género gramatical condiciona a significação do género concetual das formas nominais do PE. Caso, no entanto, a leitura dos MG do PE seja genérica, esperamos que as taxas de aceitabilidade e a velocidade de aceitação das sequências sejam condicionadas pelo género social (estereótipos de género) dos sujeitos sintáticos das Frases A. Tal observação

permitir-nos-ia concluir que a informação pragmática é mais relevante do que a informação gramatical para a significação linguística de género concetual no PE.

Bloco 5 – Perguntas de Controlo (8 sequências de enunciados de controlo).

Para garantir que as sequências estavam a ser interpretadas como era suposto, incluímos 8 perguntas de controlo, com a ordem de apresentação aleatorizada. Estas perguntas pretendiam testar cada uma das estruturas de quantificação inventariadas na Tabela 5. As perguntas de controlo eram em tudo iguais a certos itens de teste, exceto nos sujeitos sintáticos das Frases A, que foram substituídos por uma forma nominal lexicalmente neutra (“o grupo”). Desta forma, pudemos garantir que a interpretação do género concetual do sujeito sintático da Frase A estava a ser unicamente condicionado pela estrutura de quantificação introduzida pela Frase B. O exemplo (8) ilustra o Item de Controlo N° 2:

- (8) (A) O grupo esperou na paragem de autocarro.
(B) Por causa da chuva, várias das mulheres vestiam um impermeável.

Após a apresentação de cada um destes itens, foi perguntado a cada participante se o grupo era composto exclusivamente por homens, exclusivamente por mulheres ou por homens e por mulheres. Estas perguntas tinham como objetivo controlar o grau de exaustividade do género concetual induzido pelas estruturas de quantificação existencial dos enunciados. A necessidade deste controlo advém da ambiguidade semântica que é naturalmente desencadeada por este tipo de estruturas de quantificação existencial. Esta ambiguidade é ilustrada em (9), onde se reporta, como exemplo, o Item de Teste N°7 da Lista A:

- (9) (A) Os prostitutas saíram do hotel.
(B) Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.

Esta sequência pode ter duas leituras distintas:

1) pode significar um grupo de prostitutas composto por homens e por mulheres, sendo que uma das mulheres em tal grupo estava bastante triste; ou

2) pode significar um grupo de prostitutas composto exclusivamente por mulheres, sendo que uma delas estava bastante triste.

O nosso objetivo era garantir a leitura 1) de todas as sequências, ou seja, que o género concetual introduzido pela Frase B era compreendido como um subconjunto do sujeito sintático da Frase A. Caso a leitura 2) fosse recorrente, poderíamos depreender que o género concetual introduzido pela Frase B estaria a ser interpretado como coextensivo com o sujeito sintático da Frase A. Este tipo de leituras podem provocar constrangimentos nas análises que pretendemos desenvolver, pois impedir-nos-iam de assegurar a validade dos nossos resultados caso se verificassem recorrentes respostas negativas à sequência AMG-BML: se um grupo de mulheres estivesse a ser interpretado como coextensivo com o sujeito sintático da Frase A, tal sujeito não poderia ser MG – teria, necessariamente, de ser FP. Por esse motivo, uma resposta negativa poderia indicar o facto de que não estaria a ser aceite a utilização de um MG para significar um grupo composto exclusivamente por mulheres.

3.1.3 – Pilotagem

O processo de pilotagem desta experiência ocorreu em duas sessões: uma no dia 10 de fevereiro de 2020, e outra no dia 17 de fevereiro. A primeira sessão de pilotagem contou com a presença de uma pessoa que demorou pouco mais de 40 minutos a participar na experiência. Após concluir a sua participação, fizemos-lhe uma curta entrevista com o propósito de averiguar as dificuldades sentidas no decorrer da sua participação. A falta de naturalidade dos estímulos originais advinha do facto de todos os enunciados originais (quatro listas de 164 sequências de dois enunciados) terem sido compostos a partir de uma lista de 24 nomes, 12 verbos, 8 quantificadores, e 3 tipos de periferia esquerda possíveis, sendo que a extensão de todos eles variava entre os 55 e os 65 caracteres. A partir desta entrevista, conseguimos perceber que o controlo excessivo dos estímulos (isto é, as sequências de frases) originais da nossa experiência, em particular o muito restrito

limite de caracteres, provocou uma acentuada perda de naturalidade de todas estas frases, e que esse facto dificultava a compreensão da tarefa. Foi por este motivo que descartámos os estímulos originais e que decidimos voltar a construir de raiz todos os estímulos, com o intuito de os construir com o máximo de semelhança possível aos estímulos usados por Gygax *et al.* (2008). Todos os estímulos apresentados neste trabalho são provenientes das versões reconstruídas dos enunciados.

Para além disso, conseguimos perceber que as instruções da experiência eram claramente ambíguas: decidir se as Frases B seriam, ou não, “continuações possíveis” das Frases A poderia significar que estaríamos a pedir a participantes que avaliassem (1) a correção gramatical das sequências de um ponto de vista estritamente normativo, (2) aspetos puramente sintáticos relacionados com coesão interfrásica das sequências, (3) aspetos semânticos relacionados, como pretendíamos, com a compreensão das sequências de enunciados, ou (4) aspetos pragmáticos das sequências relacionados com a probabilidade de as ações descritas pelos enunciados poderem ser consideradas verdadeiras. Para nos certificarmos de que as instruções da experiência estavam a ser interpretadas corretamente, acrescentámos uma frase no ecrã das instruções que pedia para que cada participante informasse a pessoa responsável pela experiência de que as instruções tinham sido lidas e compreendidas.

Os efeitos destas alterações foram testados na segunda sessão de pilotagem, na qual participaram 12 pessoas. Falámos com cada pessoa antes e depois de participar na experiência. Para que os dados pudessem ser recolhidos de forma mais rápida, instalámos a experiência em dois computadores diferentes, tendo, previamente, ajustado as dimensões dos textos ao tamanho dos ecrãs. No final deste dia, os efeitos das alterações eram notórios: todas as pessoas que participaram na experiência indicaram não ter sentido dificuldades em compreender o que lhes estava a ser pedido na tarefa, e nenhum estímulo foi assinalado de forma consistente como problemático. Compreendemos, no entanto, que o facto de estarmos a utilizar dois computadores diferentes para recolher os dados poderia afetar as recolhas, já que a utilização de *hardwares* diferentes poderia comprometer a comparabilidade dos registos de tempos de reação. Por esse motivo, decidimos recolher todos os restantes dados num mesmo computador e descartar as restantes respostas da base de dados (vd. Secção 3.1.5).

3.1.4 – Procedimento

Esta experiência foi conduzida na versão 3.2.4 do *PsychoPy*³⁵ (Peirce & MacAskill, 2018; Peirce *et al.*, 2019), um *software open-source* especificamente construído para o suporte de experiências desenhadas para o estudo de ciências comportamentais como neurociências, psicologia, linguística, entre outras. A recolha de dados foi feita em 10 sessões diárias iniciadas no dia 17 de fevereiro de 2020 e terminadas no dia 28 de fevereiro de 2020 num gabinete do Departamento de Linguística da NOVA FCSH. A porta do gabinete esteve sempre fechada e procurámos manter o espaço em silêncio tendo, por exemplo, pedido a cada participante que usasse auscultadores com capacidade de cancelamento de ruído durante a sua participação na experiência, de forma a evitar que eventuais ruídos ou distrações pudessem interferir com o registo dos tempos de reação.

Pedimos a cada participante que julgasse a aceitabilidade de uma série de sequências de dois enunciados. A navegação na experiência foi feita utilizando 3 teclas do teclado de um computador, às quais colámos porções de cartolina de cores diferentes para as distinguir das restantes unidades do teclado: a tecla ‘P’ (tecla verde), a tecla ‘Q’ (tecla vermelha) e a barra de espaços (tecla azul). Foi pedido a cada participante que se sentasse diante do computador e que mantivesse o dedo indicador da mão dominante (direita) na tecla verde, o dedo indicador da mão não dominante (esquerda) na tecla vermelha, e os polegares de ambas as mãos na barra de espaços durante a sua participação na experiência, exceto durante os momentos de pausa³⁶. Uma vez que a experiência estava programada para medir as respostas “Sim” com o botão que estaria do lado direito do teclado, só aceitámos a participação de pessoas cuja mão dominante fosse a mão direita (vd. Secção 3.1.5). As instruções deixavam claro que iria ser apresentada uma série de sequências de duas frases, e que era esperado de cada participante que decidisse se a Frase B era uma continuação possível Frase A: “a sua tarefa consistirá em decidir se a segunda frase é (ou não) uma continuação possível da primeira frase em cada uma das sequências.”

Uma vez concluída a leitura da Frase A, era necessário pressionar a tecla azul para se poder ler a Frase B. De seguida, seria necessário ler a Frase B o mais depressa possível. Sublinhámos que as respostas necessitariam de ser tão intuitivas quanto possível, e que

³⁵ <https://www.psychopy.org/index.html>.

³⁶ Foi apresentado um ecrã de pausa entre cada bloco da experiência com a seguinte mensagem: “Aproveite para descansar um pouco. Pressione a tecla azul quando quiser retomar a sua participação na tarefa.”

não deveriam demorar mais do que 5 segundos. As respostas “Sim” eram assinaladas pressionando a tecla verde (tecla “P”, do lado direito do teclado) e as respostas “Não” eram assinaladas pressionando a tecla vermelha (tecla “Q”, do lado esquerdo do teclado). Programámos o *software* de implementação da experiência para que apresentasse um intervalo entre estímulos (uma estrela inclinada num dos cantos do ecrã) que desaparecia após a seleção de qualquer uma das teclas destacadas (a verde, a vermelha, ou a azul) e para que apresentasse um ecrã vazio durante 500 ms entre cada um dos enunciados da sequência.

Após a leitura das instruções, foi pedido a cada participante que falasse com a pessoa responsável pela experiência sobre as mesmas, caso tivesse alguma questão. Como percebemos no decorrer do processo de pilotagem da experiência, as instruções para a interpretação das frases na tarefa podiam ser ambíguas (vd. Secção 3.1.3). Por esse motivo, aproveitámos estes breves momentos de diálogo para esclarecer a noção de “continuação possível”, pedindo a cada participante que criasse uma imagem mental da Frase A e que, de seguida, confrontasse esta imagem com a imagem gerada pela Frase B; caso decidisse que a imagem mental da Frase B era compatível com a imagem gerada pela Frase A, esperava-se que seleccionasse a tecla verde. A escolha da tecla vermelha indicaria incongruências entre estas imagens.

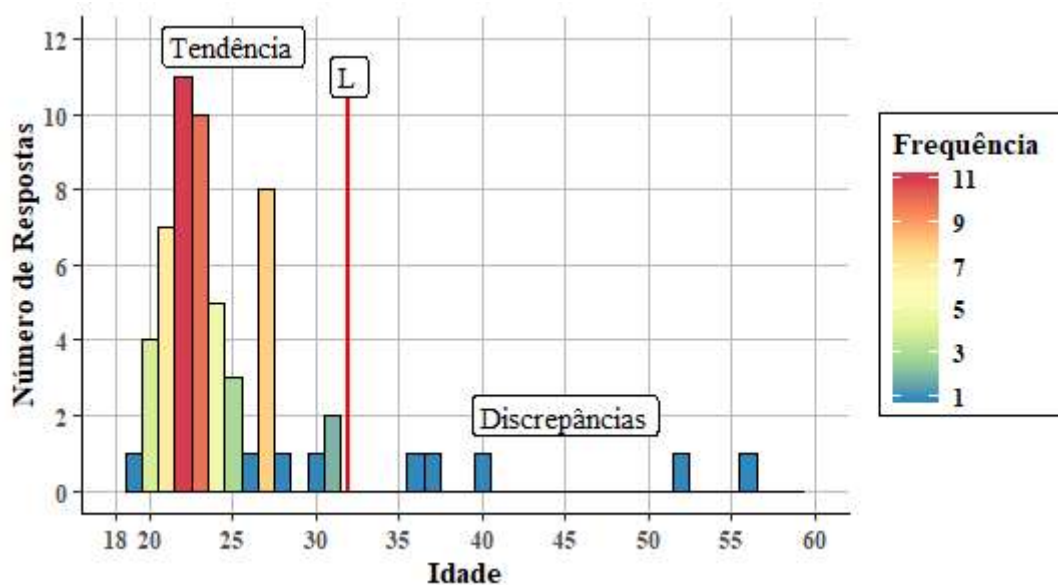
No Bloco 2, foram apresentadas as sequências de treino. Uma vez dispensado o ecrã de pausa ocorrente entre o segundo e o terceiro bloco da experiência, era iniciada a participação no Bloco 3. Após a conclusão do Bloco 3, dava-se início à participação no Bloco 4. Por último, no Bloco 5 foram apresentadas as perguntas de controlo.

Nas perguntas de controlo, foi pedido a cada participante que lesse com atenção ambos os enunciados de cada sequência. Tal como nos testes anteriores, era necessário, para que fosse apresentada a Frase A, seleccionar a tecla azul (barra de espaços) e voltar a premir a tecla azul para que se pudesse ler a Frase B. De seguida, cada participante teria de carregar uma terceira vez na tecla azul para que aparecesse um ecrã com a pergunta de interpretação da sequência. A pergunta de interpretação era: “Nesta sequência, «o grupo» é composto por: tecla vermelha - Só por homens; tecla verde - Só por mulheres; tecla azul - Por homens e por mulheres”.

3.1.5 – Participantes

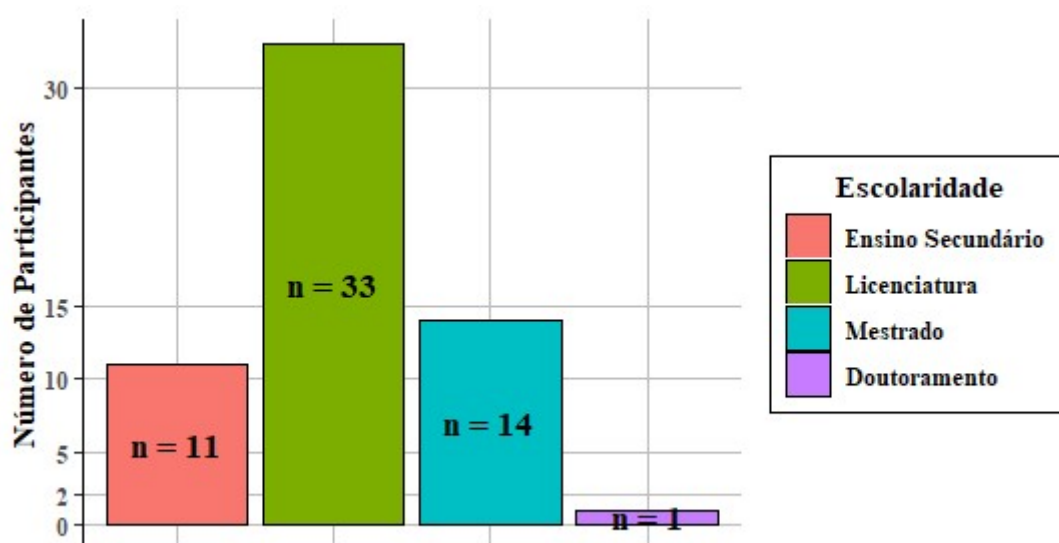
No total, 59 pessoas participaram nesta experiência. Numa primeira fase de observação da base de dados, concluiu-se que certos valores das idades dos elementos da mesma se dispersavam contrariando (como se pode observar no Gráfico 5) uma manifesta tendência dos restantes valores.

Gráfico 5 - Caracterização etária da amostra total da Experiência II



Assumindo que a aquisição e, por consequência, a facilidade de compreensão e produção de certos fenómenos linguísticos se estabiliza num determinado ponto da vida de cada falante (Tagliamonte & D'Arcy, 2007; Magué, 2006), e assumindo, ainda, que o desenvolvimento etário é um fator determinante na redução da velocidade de leitura e de processamento de informação (Chen *et al.*, 2019), concluímos que a idade deveria ser considerada como um fator de exclusão para a eliminação de participantes da base de dados. Por esse motivo, calculámos a média ($M \approx 25.36$) e o desvio padrão ($DP \approx 6.83$) dos valores das idades de participantes. O valor do limite de idades de participantes a considerar para análise (L) equaciona o produto da soma de M e DP ($L \approx 32$) arredondado a 0 casas decimais. A distribuição do nível de escolaridade de participantes está representada pelo Gráfico 6.

Gráfico 6 - Caracterização da escolaridade da amostra total da Experiência II



Foram estabelecidos 4 critérios de exclusão, cuja aplicação resultou na subtração das respostas de 9 participantes da base de dados: (1) utilização de computador diferente (cf. Secção 3.1.3) para participação na tarefa ($n = 3$), (2) utilização da mão esquerda como mão dominante ($n = 1$), (3) idade superior a L ($n = 3$) e (4) combinação dos critérios (1) e (3) ($n = 2$).

A base de dados analisada é constituída por respostas de 50 participantes diferentes, sendo que foi garantida a paridade da sua distribuição por listas de itens (Tabela 7).

Tabela 7 - Distribuição de participantes por lista de itens da Experiência II

Lista A	Lista B	Lista C	Lista D
13	12	12	13

Dessas 50 pessoas, 68% ($n = 34$) identificaram-se como mulheres, sendo que nenhuma delas se identificou como transgénero. A distribuição dos valores das idades (representada no Gráfico 7) situa-se entre os 18 e os 31 anos ($M = 23.74$, $DP \approx 2.87$). A exclusão de certas pessoas da amostra inicial implicou que, como demonstra o Gráfico 8, os graus de escolaridade representados passassem a ser apenas 3, embora a grande maioria (58%, $n = 29$) das pessoas continuasse a ser licenciada.

Gráfico 7 - Caracterização etária de participantes na Experiência II

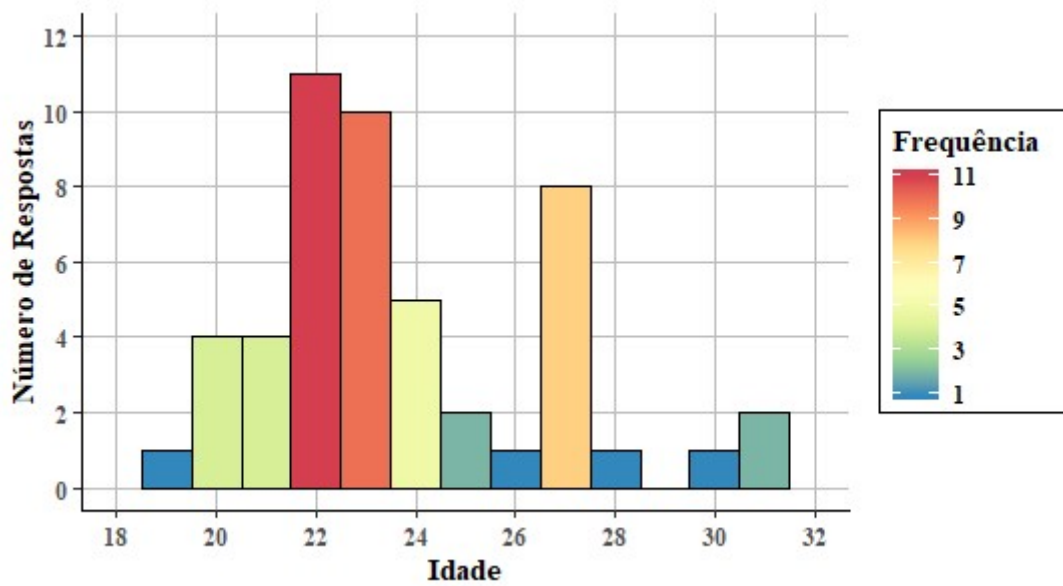
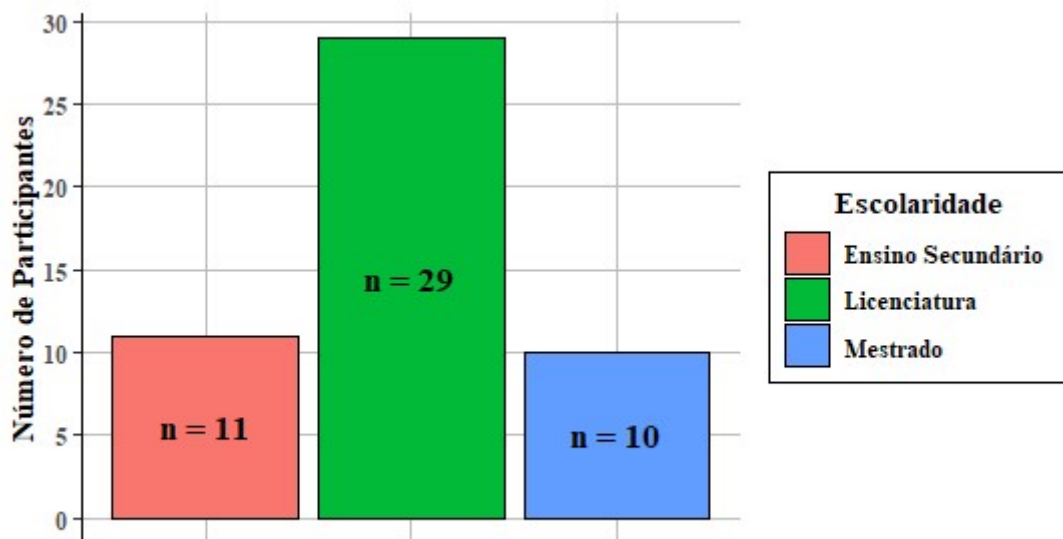


Gráfico 8 - Caracterização da escolaridade de participantes na Experiência II



3.1.6 – Tratamento e Análise dos Dados

Registámos todas as respostas (“Sim” ou “Não”) e o tempo que cada participante demorou a responder a cada item, e utilizámos ambas estas medidas (taxas de aceitabilidade e velocidade de aceitação) como variáveis dependentes da Experiência II. As variáveis independentes da nossa experiência eram:

- género social do sujeito sintático da Frase A (EM, EF ou N), previamente selecionado pela Experiência I; e

- género lexical (masculino ou feminino) do sujeito sintático da Frase B, podendo estes enunciados ser BHM ou BML.

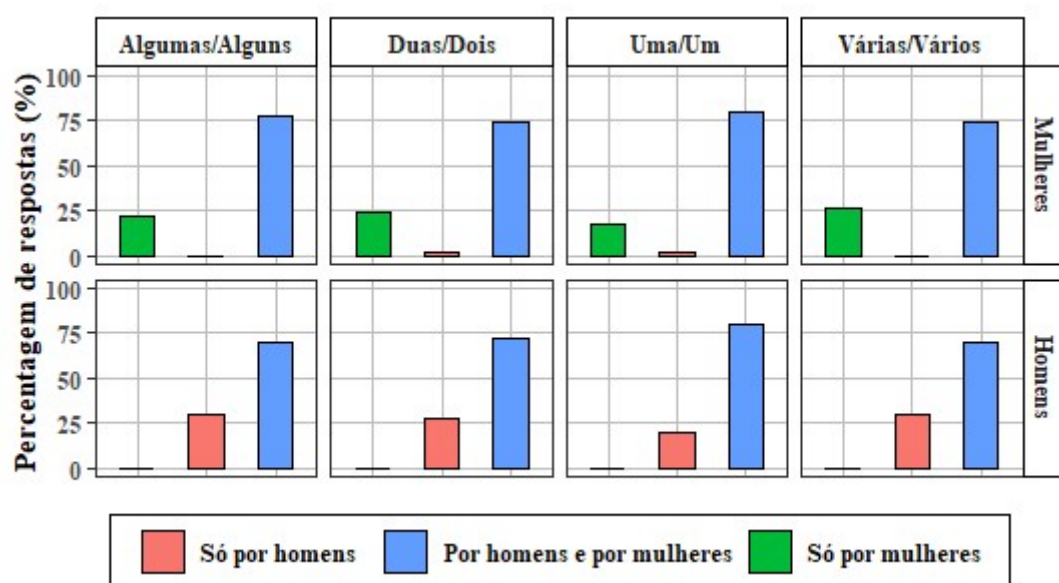
Tanto o tratamento como a análise dos resultados foram integralmente executados no *software* de computação estatística *R*. Os nossos dados foram analisados através de um modelo linear generalizado de efeitos mistos (*generalized linear mixed model*), utilizando, para tal efeito, as funções *glmer* (para a análise dos juízos de aceitabilidade) e *lmer* (para a análise dos tempos de reação) do pacote *lme4* (Bates *et al.*, 2015). A análise dos juízos de aceitabilidade foi feita com base em dados brutos (obtidos após a exclusão de 9 participantes, como explicado na secção 3.1.5), não tendo sido feita qualquer tipo de limpeza ou transformação destes dados.

Para a análise dos tempos de reação, foram considerados apenas os juízos positivos (i.e., respostas “Sim”). Numa fase exploratória do tratamento dos dados, verificámos que a velocidade de aceitação de uma parte das respostas excedia em muito aquela que parecia ser uma tendência na Experiência II: foram vários os casos os casos respostas que tinham demorado mais de 20 segundos a serem aceites, sendo que a tendência da nossa amostra era inferior a 5 segundos. Como tal, decidimos que, para a análise dos tempos de reação, deveria ser feita uma limpeza dos dados. De forma a evitar estabelecer critérios de natureza essencialmente arbitrária, decidimos fazer uma transformação logarítmica dos dados. Assim, foi-nos possível, por um lado, analisar em maior detalhe as tendências destes dados sem que estes fossem enviesados por *outliers*, e, por outro, ajustá-los ao modelo de análise estatística que utilizámos nas análises das velocidades de aceitação. Esta transformação logarítmica foi feita utilizando a função *log* que está incluída nas funções-base da versão 3.6.2 do *R*.

3.2 – Resultados

As perguntas de controlo tinham como objetivo monitorizar o grau de exaustividade do género concetual induzido pelas estruturas de quantificação existencial dos nossos itens de teste. As respostas às perguntas de controlo estão representadas pelo Gráfico 9.

Gráfico 9 - Respostas às perguntas de controlo da Experiência II



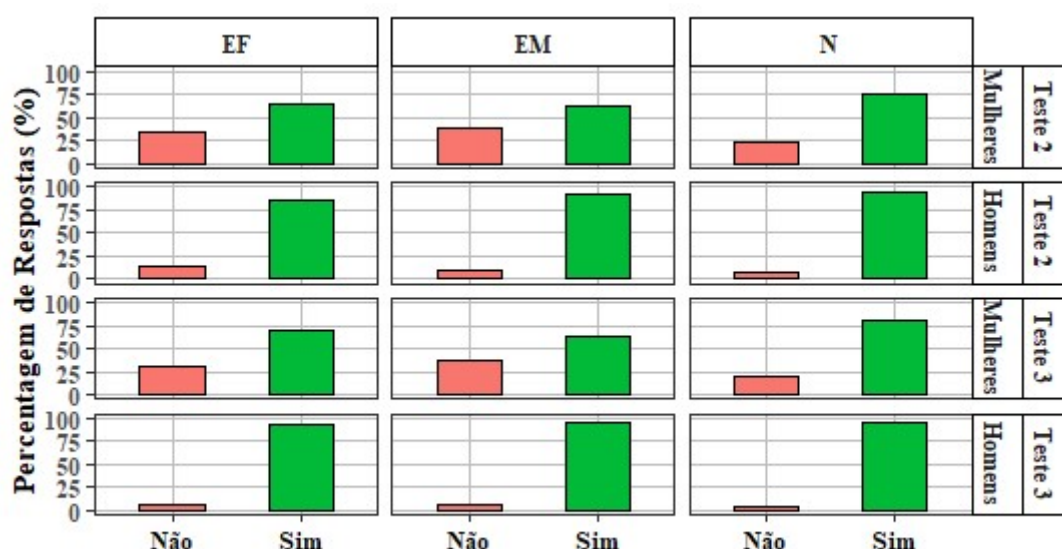
Os nossos dados indicam que foi feita uma leitura não exaustiva do género concetual do coletivo de pessoas significado pelos quantificadores existenciais na maioria (74.75%, $n = 299$) das respostas às perguntas de controlo. No entanto, a opção “Só por mulheres” foi selecionada 11.25% ($n = 45$) das vezes e a opção “Só por homens” foi selecionada em 14% ($n = 56$) das respostas.

O Teste 2 tinha como objetivo aferir valores de *baseline* para a interpretação dos MG do PE e o Teste 3 pretendia aferir se a introdução de formas nominais gramaticalmente femininas na tarefa poderia interferir na compreensão dos MG do PE. As taxas de aceitabilidade das sequências avaliadas pela Experiência II estão pormenorizadas na Tabela 8 e são ilustradas pelo Gráfico 10.

Tabela 8 - Taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II

Teste 2		Estereótipo		
		Feminino (EF)	Masculino (EM)	Neutro (N)
Frases B	Homens (BHM)	86.5%	91.5%	93.5%
	Mulheres (BML)	65.5%	62.0%	76.0%
Teste 3		Estereótipo		
		Feminino (EF)	Masculino (EM)	Neutro (N)
Frases B	Homens (BHM)	94.0%	94.5%	96.0%
	Mulheres (BML)	69.5%	64.0%	80.5%

Gráfico 10 - Taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II



Os nossos resultados exibem uma manifesta discrepância entre as taxas de aceitabilidade de sequências que ligam MG a nomes lexicalmente masculinos e as taxas de aceitabilidade de sequências que ligam MG a nomes lexicalmente femininos: o segundo tipo de sequências produziu muito mais respostas “Não” do que o primeiro. Este facto é evidenciado pelos resultados das nossas análises, apresentados nas tabelas que se seguem. Estes valores contemplam a análise das taxas de aceitabilidade de enunciados no Teste 2 (Tabela 9), no Teste 3 (Tabela 10) e em ambos os testes (Tabela 11). Os valores estatisticamente significativos estão destacados dos restantes (* = $p < 0.05$ | ** = $p < 0.01$ | *** = $p < 0.001$).

Tabela 9 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados do Teste 2

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
BML	-0.994	0.221	-4.496	< 0.001 ***
EM	-0.362	0.212	-1.707	0.0878
N	-0.177	0.216	-0.822	0.4111
BML × EM	0.188	0.185	1.016	0.3096
BML × N	-0.228	0.189	-1.206	0.2277

Tabela 10 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados do Teste 3

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
BML	-1.674	0.376	-4.448	< 0.001 ***
EM	-0.253	0.297	-0.850	0.3951
N	-0.266	0.302	-0.882	0.3775
BML × EM	0.057	0.175	0.327	0.7439
BML × N	-0.393	0.188	-2.092	0.0364 *

Tabela 11 - Análise das taxas de aceitabilidade de enunciados da Experiência II

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>z</i>	<i>p</i>
Teste 3	-0.418	0.143	-2.911	0.0036 **
BML	-1.188	0.186	-6.372	< 0.001 ***
EM	-0.282	0.168	-1.676	0.0937
N	-0.229	0.171	-1.339	0.1807
Teste 3 × BML	0.203	0.102	1.987	0.0469 *
Teste 3 × EM	-0.069	0.168	-0.413	0.6799
Teste 3 × N	0.061	0.171	0.357	0.7208
BML × EM	0.099	0.127	0.783	0.4338
BML × N	-0.275	0.131	-2.100	0.0358 *
Teste 3 × BML × EM	0.077	0.127	0.606	0.5446
Teste 3 × BML × N	0.037	0.130	0.281	0.7787

A análise do Teste 2 revelou um efeito principal do tipo de Frase B ($p < 0.001$), indicando que houve mais respostas “Não” quando a Frase B tinha um nome lexicalmente feminino como sujeito sintático (BML). Este efeito voltou a manifestar-se na análise do Teste 3 ($p < 0.001$). A análise do Teste 3 indicou, ainda, um efeito de interação entre tipo de Frase B e categoria de género social ($p = 0.0364$), evidenciando que, neste teste, houve mais aceitação de seqüências com frases BML quando o género social da Frase A era menos estereotípico (categoria N).

A análise comparativa dos dois testes verificou a consistência do efeito principal do tipo de Frase B acima mencionado ($p < 0.001$), sendo este, por isso, o efeito mais

consistente na Experiência II. Foi, também, detetado um efeito principal de tipo de teste ($p = 0.0036$), indicando que houve mais aceitação de sequências de enunciados (i.e., mais repostas “Sim”) no Teste 3. Para além disto, esta análise manifestou dois efeitos de interação: um efeito de interação entre tipo de teste e tipo de Frase B ($p = 0.0469$), expressando que houve mais aceitação de Frases BML no Teste 3; e um efeito de interação entre tipo de Frase B e categoria de género social ($p = 0.0358$), indicando que, na Experiência II, houve mais aceitação de sequências com frases BML quando o género social da Frase A era neutro.

Para além das taxas de aceitabilidade das sequências de enunciados, foi também avaliada a velocidade do processamento das respostas “Sim” aos itens de teste da Experiência II. O Gráfico 11 ilustra a média dos tempos de reação brutos (i.e., sem transformação logarítmica) no Teste 2 e no Teste 3. Estes valores, expressos em segundos, são apresentados em maior detalhe na Tabela 12, conjuntamente com o desvio padrão e o erro padrão dos tempos de reação não transformados. O Gráfico 12 ilustra os tempos de reação após a transformação logarítmica (log).

Gráfico 11 - Tempos de reação brutos na Experiência II

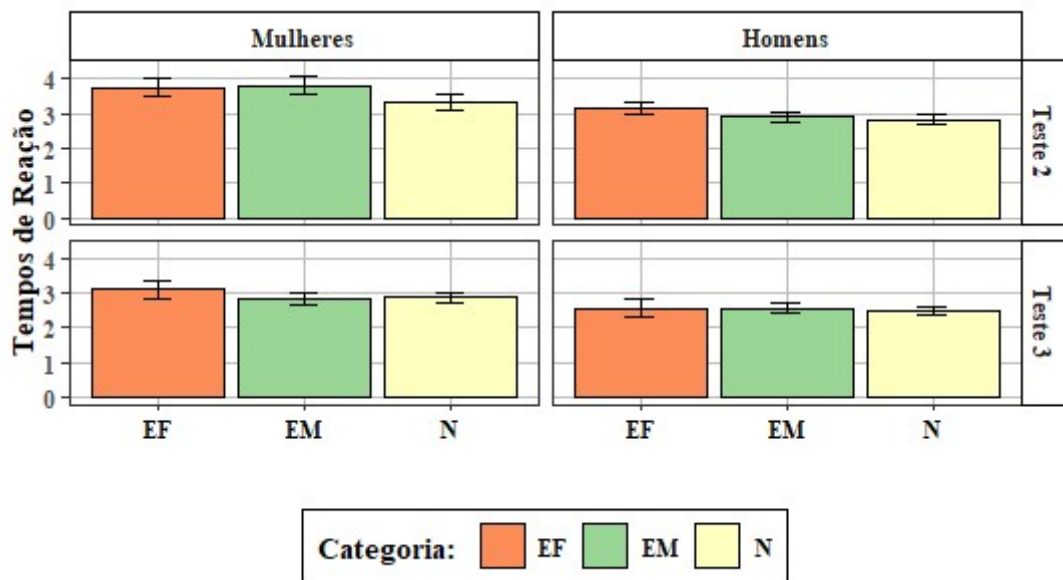
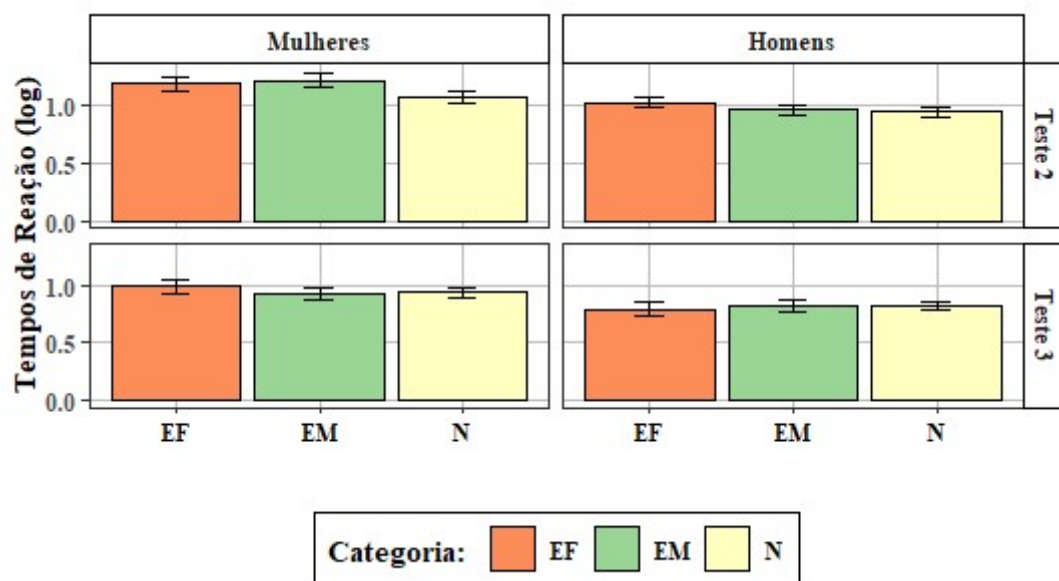


Tabela 12 - Tempos de reação brutos na Experiência II

	Frase B	Estereótipo	M	DP	SE
Teste 2	BML	EF	3.741	1.694	0.255
		EM	3.821	1.629	0.24
		N	3.337	1.613	0.235
	BHM	EF	3.151	1.269	0.179
		EM	2.906	0.964	0.136
		N	2.816	1.034	0.146
Teste 3	BML	EF	3.088	1.607	0.24
		EM	2.825	1.146	0.175
		N	2.862	0.984	0.145
	BHM	EF	2.566	1.763	0.249
		EM	2.566	1.047	0.15
		N	2.484	0.78	0.11

Gráfico 12 - Tempos de reação (log) na Experiência II



Os Gráficos 11 e 12 ilustram as diferenças na velocidade de aceitação de sequências de enunciados: as sequências AMG-BHM foram aceitas mais rapidamente do que as sequências AMG-BML nos dois testes. As análises que fizemos aos tempos de reação transformados do Teste 2 (Tabela 13), do Teste 3 (Tabela 14) e de ambos os testes (Tabela 15) confirmam esta afirmação.

Tabela 13 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados do Teste 2

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
BML	0.081	0.014	19.321	5.883	< 0.001 ***
EM	0.041	0.022	17.569	1.841	0.083
N	0.014	0.022	17.660	0.648	0.525
BML × EM	-0.004	0.017	21.575	-0.219	0.829
BML × N	0.026	0.017	21.604	1.494	0.150

Tabela 14 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados do Teste 3

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
BML	0.076	0.019	32.379	3.999	< 0.001 ***
EM	0.015	0.024	20.994	0.641	0.528
N	-0.012	0.024	21.726	-0.509	0.616
BML × EM	0.036	0.019	21.748	1.924	0.068
BML × N	-0.021	0.019	22.961	-1.093	0.286

Tabela 15 - Análise dos tempos de reação (log) em enunciados da Experiência II

	<i>Est</i>	<i>SE</i>	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Teste 3	0.093	0.011	39.440	8.266	< 0.001 ***
BML	0.084	0.014	44.500	6.114	< 0.001 ***
EM	0.028	0.016	40.040	1.771	0.084
N	0.001	0.016	40.920	0.036	0.971
Teste 3 × BML	0.003	0.009	1822.000	0.344	0.731
Teste 3 × EM	0.013	0.016	39.770	0.842	0.405
Teste 3 × N	0.013	0.016	40.400	0.836	0.408
BML × EM	0.016	0.012	1825.000	1.318	0.188
BML × N	0.002	0.012	1822.000	0.129	0.897
Teste 3 × BML × EM	-0.018	0.012	1821.000	-1.501	0.133
Teste 3 × BML × N	0.021	0.012	1812.000	1.747	0.081

A análise dos tempos de reação do Teste 2 revelou um efeito principal do tipo de Frase B ($p < 0.001$), indicando que as sequências AMG-BML demoraram mais tempo a ser aceites do que as sequências AMG-BHM. Este efeito também foi estatisticamente significativo na análise do Teste 3 ($p < 0.001$). À semelhança do observado nas análises das taxas de aceitabilidade, a análise dos dois testes atestou novamente um efeito principal de tipo de Frase B nos dois testes da Experiência II ($p < 0.001$). Para além disso, foi detetado um efeito principal de tipo de teste ($p < 0.001$), indicando que, de forma geral, as sequências do Teste 3 foram aceites mais rapidamente do que as sequências do Teste 2.

3.3 – Discussão

As respostas às perguntas de controlo (ilustradas pelo Gráfico 9) indicam que o género concetual introduzido pelas Frases B não foi, na maioria das sequências avaliadas (74.75%, $n = 299$), interpretado como coextensivo com o género concetual do grupo introduzido pela Frase A. No entanto, não podemos, com base nestes valores, afirmar que a possibilidade de uma leitura coextensiva dos conjuntos em questão está categoricamente excluída, já que foi esta a leitura em cerca de um quarto (25.25%, $n = 101$) das sequências testadas. Estes resultados estão distantes dos resultados reportados por Gygax *et al.* (2008), cujo estudo piloto garantiu uma interpretação não exclusiva do género concetual das Frases B em 89.9% das sequências avaliadas (Gygax *et al.*, 2008: 474). Para que o controlo das estruturas de quantificação da Experiência II tivesse sido verdadeiramente representativo, deveria ter sido feito um estudo de pilotagem que contemplasse uma amostra independente de participantes, já que não há como garantir que as respostas às perguntas de controlo não foram influenciadas pela participação na tarefa.

Ainda assim, os resultados desta secção da experiência confirmam a qualidade da construção dos estímulos, já que a leitura dos mesmos foi, na grande maioria dos casos, a pretendida. Além disso, se o género concetual dos grupos mencionados nos enunciados tivesse recebido uma interpretação exclusiva, as taxas de aceitabilidade das sequências AMG-BML seriam próximas de 0%. O facto de mais de metade destas sequências terem sido aceites contribui para a verificação de que o valor genérico dos MG do PE é um valor possível, e de que os sujeitos sintáticos das Frases BML não foram interpretados como sendo exclusivamente femininos.

O Teste 2 da Experiência II reproduziu as condições experimentais com que Gygax *et al.* (2008) testaram a interpretação de MG do Inglês, do Francês e do Alemão, sendo, por isso, com estes dados que os resultados do Teste 2 podem ser comparados. Gygax *et al.* (2008) reportam que, no Inglês, a aceitação de sequências BHM ou BML variam em função do género social do sujeito sintático da Frase A; este condicionamento foi confirmado pela deteção de um efeito de interação de tipo de Frase B e categoria de género social. Nas línguas de género gramatical avaliadas por este estudo (Francês e Alemão), registaram-se taxas de aceitabilidade inferiores nas sequências BML, independentemente do género social dos nomes das Frases A, tendo sido detetado um efeito principal de Tipo de Frase B nos resultados de ambas as línguas. Os resultados do Teste 2 demonstram que, no PE, e à semelhança do que acontece noutras línguas de género gramatical, as taxas de aceitabilidade de sequências que ligam MG a nomes lexicalmente masculinos ($M = 90.5\%$) são superiores às taxas de aceitabilidade de sequências que ligam MG a nomes lexicalmente femininos ($M \approx 67.83$), e que este efeito é estatisticamente significativo ($p < 0.001$) na análise do Teste 2, mas também na Análise da Experiência II.

A análise aos tempos de reação reportada em Gygax *et al.* (2008) indica que as sequências AMG-BHM do Francês e do Alemão foram processadas mais rapidamente, embora este efeito tenha sido apenas marginalmente significativo para o Francês, e consideravelmente robusto para o Alemão. A análise aos tempos de reação do Teste 2 revelam que as sequências AMG-BHM do PE são processadas, tal como acontece noutras línguas de género gramatical, mais rapidamente do que as sequências AMG-BML e que estes resultados são estatisticamente significativos ($p < 0.001$), facto confirmado pela análise da Experiência II ($p < 0.001$). Este facto permite-nos afirmar que a facilidade de integração de informação no processamento de cadeias anafóricas com estas características do PE tem propriedades semelhantes às do Alemão.

Embora as análises não tenham detetado nenhum efeito principal de categoria de género social, os valores numéricos das taxas de aceitabilidade indicam que houve menos aceitação de sequências quando o género social dos sujeitos sintáticos das Frases A era estereotipicamente feminino ($M \approx 78.88\%$) ou estereotipicamente masculino ($M = 78\%$) do que quando era menos estereotípico, ou neutro ($M = 86.5\%$) na Experiência II. Para além disso, houve mais aceitação de sequências AMG-BHM quando o género social da Frase A era EM (EF: $M = 90.25\%$ | EM: $M = 93\%$), e mais aceitação de sequências AMG-

BML quando o género social da Frase A era EF (EF: M = 67.5% | EM: M = 63%). Estes números permitem-nos inferir que as categorias de estereótipo afetam a interpretação dos MG do PE, ainda que não o façam de forma significativa: em ambos os testes, o peso da informação gramatical sobrepôs-se ao peso da informação pragmática na determinação do género concetual.

O Teste 3 introduziu uma nova variável na Experiência II (Frases AFP), com o intuito de aferir se (e de que forma é que) estas formas nominais interferem na compreensão de MG do PE. A análise do Teste 3 detetou, novamente, um efeito principal de tipo de Frase B ($p < 0.001$) nas taxas de aceitabilidade e o mesmo efeito ($p < 0.001$) na análise da velocidade de aceitação.

A leitura dos MG parece ter sido menos concetualmente específica no Teste 3 do que no Teste 2. Este facto é evidenciado pelo efeito de interação entre tipo de teste e tipo de Frase B ($p = 0.0469$) encontrado na análise das taxas de aceitabilidade de enunciados na Experiência II, que revela uma maior taxa de aceitabilidade de sequências AMG-BML no Teste 3. É, ainda, suportado pela análise das taxas de aceitabilidade dos enunciados da Experiência II, na qual foi detetado um efeito principal de tipo de teste ($p = 0.0036$) que indica que, no geral, foram dadas mais respostas “Sim” no Teste 3 do que no Teste 2. A análise dos tempos da reação da Experiência II também parece apontar para esta hipótese, já que nela se verificou um efeito principal de tipo de teste ($p < 0.001$). Estes dois efeitos mostram que no Teste 3 houve mais respostas “Sim”, e que estas respostas foram mais rápidas.

Um outro indicador do papel de menor relevância que a informação gramatical ocupa na determinação de género concetual de MG no Teste 3 é o facto de a informação pragmática ter assumido um papel de ligeiro maior destaque neste teste. Efetivamente, as análises das taxas de aceitabilidade evidenciam um efeito de interação entre tipo de Frase B e categoria de género social no Teste 3 ($p = 0.0364$) e na Experiência II ($p = 0.0358$), indicando taxas de aceitabilidade superiores de sequências AMG-BML quando o género social do nome da Frase A era N. Uma vez que este efeito não foi significativo na análise do Teste 2 ($p = 0.2277$), pode-se depreender que a aceitação de valores mais genéricos dos MG no Teste 3 pode ser o motivo pelo qual se pode observar um efeito de interação entre tipo de Frase B e categoria de género social na análise da Experiência II.

Os resultados do Teste 3 podem ser explicados por efeitos de habituação provocados pela tarefa: apesar de a ordem de apresentação dos itens em cada teste ter sido aleatorizada, os itens do Teste 2 foram avaliados sempre antes dos itens do Teste 3. Para além disso, não será implausível assumir que a presença de sequências com enunciados AFP tenha atenuado a leitura genérica dos MG: uma leitura possível destes resultados será assumir que o confronto com enunciados AFP induziu um reajuste ponderado dos juízos de aceitabilidade para uma postura mais gramaticalmente normativa, na qual o traço [-Feminino] poderia, assim, configurar valores concetualmente genéricos. Esta hipótese necessitaria, no entanto, de ser confirmada por um estudo conduzido numa amostra independente (i.e., administrado a participantes que não tenham contribuído para o Teste 2).

3.4 – Sumário

Neste capítulo foi reportada a Experiência II, que monitorizou o impacto da informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de enunciados do PE cujos sujeitos sintáticos eram MG. Foi implementado um paradigma de avaliação de sequências de enunciados com resposta dicotómica, no qual se pediu a cada participante que respondesse se aceitava, ou não, que a segunda frase da sequência era uma continuação possível da primeira. Para avaliar a influência das duas variáveis independentes (género social do sujeito sintático da Frase A e género lexical do sujeito sintático da Frase B) na compreensão dos enunciados, examinou-se as taxas de aceitabilidade das sequências, assim como a velocidade da sua aceitação.

A Experiência II atesta os resultados reportados em Gyax *et al.* (2008): nas línguas de género gramatical avaliadas - o Francês e o Alemão -, a indicação do género concetual foi determinada pela informação gramatical presente nas formas nominais, e não pela categoria de género social a que pertencem. O Teste 2 confirmou que estes resultados são generalizáveis para o PE, sendo o efeito deste condicionamento estatisticamente significativo nas análises das taxas de aceitabilidade de enunciados e dos tempos de aceitação do Teste 2, do Teste 3 e da totalidade da Experiência II.

Este efeito parece ter sido atenuado no Teste 3, no qual foram introduzidas sequências com enunciados AFP: os resultados do Teste 3 indicam, por um lado, uma maior influência do papel de estereótipos de género na aceitação das sequências, e, por

outro, maiores (e mais rápidas) taxas de aceitabilidade de sequências, independentemente do tipo de Frase B. Embora estes resultados pareçam indicar que a presença de formas nominais gramaticalmente femininas pode ativar valores mais genéricos dos MG do PE, as limitações do presente estudo não permitem confirmar esta hipótese.

CAPÍTULO 4: Discussão Geral dos Resultados

Belonging to the marked category is generally far more consequential for a person's life opportunities and sense of self than belonging to the often erased default category.

(Eckert & McConnell-Ginet, 2003: 250)

Neste capítulo, será apresentada uma discussão geral dos resultados das experiências conduzidas nesta tese. Este trabalho tem como objetivo estudar o impacto da informação gramatical e de estereótipos de gênero na compreensão de enunciados do PE cujos sujeitos sintáticos são MG. Para o fazer, executámos duas experiências com propósitos distintos. A Experiência I tem dois objetivos: o primeiro é normatizar o grau e a qualidade da estereotipicidade de gênero de 93 nomes de papéis sociais do PE; o segundo é explorar a forma como a variabilidade do desenho experimental pode condicionar este tipo de recolhas. A finalidade da Experiência II é avaliar o impacto do gênero social e do gênero gramatical de nomes de papéis sociais na semiotização de gênero concetual do PE.

Quanto ao primeiro objetivo da Experiência I, os nossos dados estão globalmente alinhados com os resultados reportados por Gabriel *et al.* (2008) e por Miserky *et al.* (2014) relativos ao Checo, Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Norueguês e Eslovaco. Os nossos resultados parecem ser consistentes com os resultados reportados por estes estudos, ao indicarem uma prevalência da estereotipicidade masculina nos nomes de papéis sociais. Com efeito, as semelhanças entre os vários estudos tornam-se evidentes uma vez que se comparem as CM globais nas várias línguas avaliadas por Miserky *et al.* (2014), que variam entre 42 e 45 (Miserky *et al.*, 2014: 846) e a CM global do Teste 1 (CM \approx 43), que avaliou apenas o PE.

Tomando estes dados como referência, obtivemos, a partir da Experiência I, indicadores para uma resposta à primeira questão de investigação do presente trabalho (vd. Secção 1.8): será a semântica das formas nominais do PE sensível ao contexto sociocultural da sua produção e circulação? A Hipótese 1.1 esclarece que uma maior quantidade de itens classificados como estereotipicamente masculinos é, na eventualidade de a semântica dos nomes do PE ser sensível ao contexto sociocultural da sua produção,

um reflexo do carácter patriarcal da sociedade portuguesa. Os nossos resultados confirmam a Hipótese 1.1, pois indicam que a generalidade das avaliações do Teste 1 resultaram numa perceção enviesadamente masculina do género concetual dos nomes avaliados, facto evidenciado por: (1) uma maior quantidade de itens classificados como EM; (2) classificações mais consensuais de itens EM; (3) uma clara tendência para a acumulação de valores de G superiores na categoria EM (vd. Secção 2.2); e, como já referido, (4) uma CM global do Teste 1 substancialmente inferior a 50. Estes dados atestam a importância do contexto sociopraxeológico da significação linguística para a construção do seu significado.

O primeiro objetivo da Experiência I foi alcançado: o nosso estudo produziu dados de referência sobre o género social de vários nomes do PE. Embora o escopo do nosso trabalho tenha limitado a aplicação destes dados, acreditamos que estes dados poderão ser relevantes para futuros trabalhos de investigação relativos a questões de género, cognição e linguagem no contexto das línguas indo-europeias e, em particular, do PE. Uma vez que foi replicada a metodologia utilizada em Gabriel *et al.* (2008) e Miserky *et al.* (2014), os nossos resultados podem, igualmente, ser comparados com dados do Checo, do Inglês, do Francês, do Alemão, do Italiano, do Norueguês e do Eslovaco, o que significa que podem ser utilizados para comparar a perceção das posições sociais ocupadas por mulheres em diversos contextos socioculturais; podem, ainda, ser utilizados em estudos longitudinais que avaliem o desenvolvimento de estereótipos de género.

O segundo objetivo da Experiência I foi monitorizar o impacto da variabilidade do desenho experimental na aferição do género concetual das formas nominais. Manipulámos a direção da escala (escala ME vs. escala MD) e a informação gramatical presente nos nomes avaliados (nomes MG vs. nomes masculinos e femininos) e observámos a consistência das classificações dos nomes nas várias versões do Teste 1. Os nossos resultados indicam que tanto a informação gramatical como a direção da escala influenciaram as classificações recolhidas.

À semelhança dos resultados reportados por Gabriel *et al.* (2008), o nosso estudo revelou que a marcação explícita de formas gramaticalmente femininas atenua o enviesamento masculino registado no decorrer da tarefa da aferição do género social dos nomes avaliados. Este fenómeno é evidenciado pelo facto de terem sido registadas CM globais mais altas nas versões do Teste 1 nas quais se apresentavam nomes gramaticalmente masculinos e femininos do que nas versões com o mesmo tipo de escala

nas quais se apresentavam apenas nomes MG (isto é, $A2 > A1$ e $B2 > B1$). Apesar disso, este efeito parece ter tido menos impacto do que a direcionalidade da escala: no nosso estudo, as versões com escala ME (A1 e A2) induziram classificações menos enviesadas do que as versões com escala MD (B1 e B2). A influência da direcionalidade da escala nas classificações do nosso estudo é análoga ao efeito observado no primeiro estudo de Gabriel *et al.* (2008) e em Miserky *et al.* (2014), nos quais foi controlada a direcionalidade da escala numa tarefa semelhante à nossa que avaliou nomes gramaticalmente masculinos e femininos. Segundo Kennison & Trofé (2003) e o segundo estudo de Gabriel *et al.* (2008), seria expectável que, nas versões do teste que avaliassem apenas MG, se obtivessem CM mais elevadas na versão com escala MD do que na versão com escala ME (Gabriel *et al.*, 2008: 211). É possível que, como já referido, a proeminência semiótica das figuras que utilizámos para marcar os extremos da nossa escala (cor e forma das figuras) tenha contrariado o efeito reportado por estes estudos e reforçado a influência das escalas ME na atenuação do enviesamento masculino nas classificações dos nomes, facto que justifica o elevado valor da CM global da versão A2 quando comparado com os valores das restantes versões do Teste 1. Embora o efeito de direcionalidade da escala que pretendemos estudar tenha sido reforçado por pistas visuais, não deixa de ser congruente com o efeito descrito por Gabriel *et al.* (2008) e por Miserky *et al.* (2014), o que nos leva a concluir que a hipótese avançada por Kesebir (2017) se confirma no contexto do PE: a leitura prévia de um termo numa coordenação de dois itens de géneros lexicais opostos resulta no destaque concetual do item posicionado na periferia esquerda do sintagma nominal.

Estes dados permitem-nos responder à segunda questão de investigação do nosso trabalho: será a ordenação de significantes um fator determinante para o destaque concetual de parte do seu significado? O efeito de direcionalidade da escala observado nos nossos dados verifica a atestação da Hipótese 2.1, que previa classificações menos enviesadamente masculinas nas versões do Teste 1 que utilizassem uma escala ME. Embora este tenha sido o fenómeno que mais influenciou a aferição do género social dos nomes avaliados, é importante destacar que, como já referido, a informação gramatical presente na tarefa também condicionou estas classificações. Por esse motivo, podemos antecipar uma possível resposta para a terceira questão de investigação deste trabalho: será a informação gramatical (género gramatical) mais relevante do que a informação pragmática (género social) para a determinação do género concetual das formas nominais

especificadas como [+Humano] variáveis em género do PE? Uma vez que a aferição do género social foi condicionada pela informação gramatical presente nos nomes avaliados, os nossos resultados confirmam parcialmente a Hipótese 3.1, com a qual se antecipa que a informação gramatical é mais relevante do que a informação pragmática para a determinação do género concetual dos nomes [+Humano] variáveis em género do PE. No entanto, já que a influência deste efeito na Experiência I foi marginal, e uma vez que estes valores carecem de significância estatística, esta questão será especificamente investigada pela Experiência II.

A Experiência I permitiu-nos avançar duas conclusões de particular relevância para a investigação do sistema de género gramatical do PE. A primeira é que a utilização de MG para significar mais do que um género concetual resulta em significações enviesadamente masculinas, embora a apresentação de nomes gramaticalmente masculinos e femininos possa reduzir este enviesamento. A segunda conclusão é que a redução deste enviesamento masculino é particularmente eficaz quando o termo lexicalmente feminino estiver situado na periferia esquerda do sintagma nominal. Estes achados confirmam que a utilização de linguagem inclusiva (por exemplo, utilizar a forma “alunos e alunas” em vez de “alunos”) contribui para reduzir a invisibilidade linguístico-cognitiva das mulheres, sendo esta redução particularmente eficaz se o termo lexicalmente feminino se localizar à esquerda da coordenação sintática (ou seja, que a forma “alunas e alunos” é mais inclusiva do que a forma “alunos e alunas”).

A Experiência II tinha como objetivo monitorizar a influência da informação gramatical e de estereótipos de género na compreensão de MG do PE. Para o fazer, adaptámos o paradigma de avaliação de sequências de enunciados utilizado por Gygax *et al.* (2008). O nosso trabalho, à semelhança do reportado por Gygax *et al.* (2008), confirma que, nas línguas indo-europeias de género gramatical, nas quais se inclui o PE, a informação gramatical é essencial para a determinação do género concetual de nomes [+Humano] variáveis em género.

Os resultados do Teste 2 da Experiência II pretendiam aferir valores de *baseline* para a interpretação de MG do PE, sendo, por isso também, comparáveis diretamente aos resultados reportados por Gygax *et al.* (2008). Tal como na experiência reportada em Gygax *et al.* (2008), nos dois testes da Experiência II registaram-se maiores taxas de aceitabilidade e maior rapidez na aceitação de sequências AMG-BHM. Estes dados indicam que a interpretação dos ME do PE é gramaticalmente determinada, corroborando

a conclusão principal de Gygas *et al.* (2008: 480): “(...) when a grammatical mark of gender is provided, the representation of gender is based on that mark of gender, and not on stereotype information.” No entanto, tal não significa que a informação pragmática não tenha qualquer tipo de influência na semiotização do gênero concetual: embora estes valores não tenham sido estatisticamente significativos, o nosso estudo registou maiores taxas de aceitabilidade de sequências AMG-BHM, como no exemplo (1) do Capítulo 3, quando o gênero social da Frase A era EM, mais aceitação de sequências AMG-BML, como no exemplo (2) do Capítulo 3, quando o gênero social da Frase A era EF, e, mais aceitação de sequências cujas frases A fossem AMG quando o gênero social da Frase A era menos estereotípico (N). Estes dados indicam a informação pragmática não é totalmente irrelevante na resolução de cadeias anafóricas, ainda que não seja tão importante quanto a informação gramatical para este processo. Tal conclusão é congruente com a análise de Gygas *et al.* (2008): ao estudarem duas línguas nas quais o gênero gramatical é marcado morfológicamente (Francês e Alemão) e uma língua na qual não é (Inglês), Gygas e colegas concluem que o gênero concetual de um nome é inferido através de informação pragmática (i.e., o gênero social dos nomes) patente nos enunciados na ausência de marcas morfológicas de gênero gramatical.

Efetivamente, a análise dos resultados do Teste 3 evidenciou que a introdução de sequências cujas Frases A eram AFP, como nos exemplos (7a-d) do Capítulo 3, influenciou a interpretação dos MG. Embora os principais efeitos estatisticamente significativos (maiores taxas de aceitabilidade e maior velocidade de aceitação de sequências AMG-BHM) tenham sido detetados também neste teste, a análise dos dois testes da Experiência II indica que foram registadas mais respostas “Sim” e respostas “Sim” mais rápidas no Teste 3 do que no Teste 2. Para além disso, a taxa de aceitabilidade de sequências AMG-BML do Teste 3 foi significativamente superior à do Teste 2 e foram detetadas taxas de aceitabilidade superiores de sequências AMG-BML quando o gênero social do nome da Frase A era N. Todos estes fatores indicam que, no Teste 3, a informação gramatical foi menos decisiva na resolução de cadeias anafóricas, e também que a informação pragmática se tornou mais importante neste processo. Embora seja provável que estes resultados advenham de efeitos de habituação, é plausível sugerir que a introdução de enunciados AFP na tarefa induziu uma adequação consciente dos juízos a uma postura mais gramaticalmente normativa, ou, ainda, que a presença de formas femininas contribuiu ativamente para a configuração concetualmente genérica de MG do

PE, ainda que inconscientemente. Os nossos dados não são conclusivos quanto a estas questões, pelo que poderão ser trabalhadas no futuro por outros estudos que se dediquem a explorar o mesmo tema.

O objetivo principal da Experiência II foi dar resposta à terceira questão de investigação do nosso trabalho que, como já referido, dizia respeito à importância da informação gramatical e da informação pragmática na aferição do género concetual de MG do PE. Levantámos três hipóteses referentes a esta pergunta. A primeira (Hipótese 3.1) antecipou que, na eventualidade de a informação gramatical ser mais importante do que a informação pragmática, o género gramatical dos MG avaliados seria o principal fator responsável pela resolução das cadeias anafóricas testadas pela Experiência II. Por sua vez, a segunda Hipótese (3.2) previu o oposto: caso a informação pragmática fosse mais relevante do que a informação gramatical, a resolução das cadeias anafóricas seria determinada pelo género social (estereótipos de género) do MG avaliado. Antecipando, ainda, a eventualidade de um e outro tipo de informação serem igualmente relevantes, a Hipótese 3.3 previa que um e outro tipo de informação se cancelassem mutuamente.

Os resultados da Experiência II confirmam a Hipótese 3.1: nas duas medidas monitorizadas (taxas de aceitabilidade e velocidade de aceitação de sequências), verificou-se uma maior facilidade de processamento de cadeias anafóricas que liguem MG a nomes lexicalmente masculinos. A confirmação desta hipótese contribui para responder à nossa quarta questão de investigação: terão os MG do PE uma leitura preferencial específica? Uma vez que a informação gramatical é mais relevante do que a informação pragmática para a aferição do género concetual dos MG do PE, como previsto pela Hipótese 3.1, o nosso trabalho produziu evidências robustas de que a leitura preferencial dos MG do PE, tal como antecipado pela Hipótese 4.1, é específica, e não genérica. Para além disso, conseguimos, ainda, avançar uma resposta concreta à nossa quinta, e última, questão de investigação: poderá a estrutura de uma língua natural (i.e., o PE) influenciar a cognição humana? Como antecipado pela Hipótese 5.1., e tal como se verifica na Experiência II, a predominância de traços gramaticais do PE na significação de género concetual é um indicador sólido, no quadro do PRL, de que a linguagem influencia a cognição humana.

A Experiência II permitiu-nos verificar uma série de achados relevantes para a semântica dos traços de género em várias línguas indo-europeias de género gramatical, e, em particular, no PE.

Em primeiro lugar, o nosso estudo demonstrou que, na ausência de informação gramatical, a informação pragmática pode contribuir para a determinação do género concetual. A evidência deste fenómeno advém do facto de a informação pragmática ter contribuído de forma significativa para a compreensão de MG no Teste 3 (no qual os traços gramaticais foram interpretados como menos concetualmente específicos), e, ainda, do facto de este contributo ter sido marginal na generalidade da Experiência II. Os nossos dados são consistentes com os resultados reportados por Cacciari *et al.* (2011), com os quais se conclui que falantes de línguas indo-europeias de género gramatical recorrem, numa primeira fase do processamento linguístico, à informação gramatical disponível nas formas nominais que compõem a cadeia anafórica para desambiguar o género concetual do nome avaliado e só posteriormente, na eventualidade de o primeiro tipo de informação não estar disponível (ou caso este seja ambíguo ou pouco relevante), é que recorrem à informação pragmática veiculada pelos enunciados. Esta tese é corroborada pelo estudo de Sato *et al.* (2013) com falantes bilingues, e, ainda, pelo facto de, em Gygax *et al.* (2008), a aferição do género concetual das formas nominais do Inglês (língua cujos nomes não apresentam marcas morfológicas de género gramatical) ter sido orientada exclusivamente pelo género social dos nomes avaliados, embora tal aferição tenha sido determinada pelo género gramatical nas línguas de género gramatical avaliadas por este estudo (Francês e Alemão).

Em segundo lugar, o nosso trabalho demonstrou que a aferição do género concetual dos nomes do PE é orientada pela informação gramaticamente codificada na morfologia nominal, não sendo, portanto, pragmaticamente inferida. A influência de traços gramaticais na semiotização do género concetual está atestada em várias línguas indo-europeias de género gramatical (Esaulova *et al.*, 2015; Flaherty, 2001; Gygax *et al.*, 2008; Gygax *et al.*, 2012; Hellinger & Bußmann, 2001-2003; Hellinger & Motschenbacher, 2015; Horvath *et al.*, 2016; Stahlberg *et al.*, 2007; Vervecken *et al.*, 2013), aos quais acrescem, agora, os dados de referência relativos ao PE que o nosso estudo produziu. A partir deste trabalho, é possível concluir que o PE, contrariamente ao que é normativamente sugerido pela análise do seu sistema de género gramatical, não é uma exceção no quadro das línguas indo-europeias: o seu sistema de género gramatical tem repercussões semânticas significativas. Uma vez enquadrados no âmbito do PRL, estes achados são reveladores da influência que a estrutura das línguas naturais pode exercer na cognição humana. Por este motivo, e ainda que, como tem vindo a ser

defendido, não se possa falar de uma relação de total isomorfia entre as categorias de género gramatical e de género concetual, o nosso trabalho verificou empiricamente que ambas as categorias de análise estão intrinsecamente ligadas de um ponto de vista linguístico-cognitivo.

Este fator é relevante, pois permite-nos avançar a terceira, e última, conclusão significativa dos resultados da Experiência II: que a leitura preferencial dos MG do PE é concetualmente específica, e não genérica. A partir dos dados da Experiência II (e, em particular, os do Teste 2), é possível concluir que o traço [-Feminino] em nomes [+Humano] variáveis em género é processado com maior facilidade em cadeias anafóricas que o liguem a nomes lexicalmente masculinos do que a nomes lexicalmente femininos. Este facto evidencia claramente que o traço semântico [-Feminino] introduz um viés concetualmente masculino nas leituras dos nomes no qual participa. Desta forma, demonstra-se que, mesmo quando são intencionalmente produzidos como genéricos, os MG do PE são interpretados como concetualmente específicos. Esta questão merece um destaque particular na presente discussão, já que é, a nosso ver, o principal contributo do presente trabalho. O facto de a leitura preferencial dos MG do PE ser preferencialmente específica tem repercussões sociais cruciais para a organização político-linguística da sociedade portuguesa, e, em particular, para o reconhecimento sociocultural do espaço cognitivo que é ocupado por mulheres em função das práticas linguísticas do quotidiano português: os nossos dados demonstram que a utilização de MG para significar o género concetual feminino contribui ativamente para a invisibilidade concetual das mulheres. Concluimos, assim, que esta é uma atividade de linguagem discriminatória, já que, tal como denunciado pela Linguística Feminista (Baron, 1986; Cameron, 1985; Meseguer, 1977; Pauwels, 1998), exclui a possibilidade de inclusão de mulheres na semântica nominal do PE. Falamos de *sexismo*³⁷ nas línguas naturais, na medida em que este é um problema essencialmente sociocultural, e não estritamente linguístico. Por um lado, é verdade que, como demonstrado, a estrutura linguística do PE (mais especificamente, os MG) provoca a invisibilidade concetual das mulheres. Mas por outro, como tem vindo a ser destacado, a significação linguística está dependente do contexto sociopraxeológico

³⁷ Não ignoramos que este termo pode ser considerado como problemático, uma vez que se refere a práticas discriminatórias em função do sexo, e que ignora, portanto, a dimensão intersubjetivamente performativa (Butler, 1990) do género concetual. Apesar disso, a utilização que aqui fazemos do termo não pretende, como já referido anteriormente, avançar qualquer tipo de assunção implícita de que a masculinidade ou a feminilidade tenham um fundamento biológico ou que existam apenas duas categorias de género concetual.

da sua produção; sendo o PE utilizado no contexto de uma sociedade patriarcal, não é surpreendente que as estruturas linguísticas disponíveis para a pluralização de referentes humanos resultem na invisibilidade concetual de mulheres. Apesar disso, como evidenciado pela Experiência I e pelo Teste 3, os efeitos discriminatórios deste tipo de práticas linguísticas podem ser contrariados. São necessários mais estudos que sistematizem e que aprofundem o impacto da introdução de políticas linguísticas de inclusão social em Portugal.

Por fim, é fundamental referir que o alcance do nosso estudo tem várias limitações. Uma das limitações metodológicas mais evidentes do nosso trabalho é o tipo de desenho experimental adotado na Experiência II. Como já referido, é provável que o facto de a Experiência II ter sido integralmente conduzida *within-subjects* se tenha repercutido nos resultados obtidos, já que as respostas ao Teste 3 e às perguntas de controlo foram influenciadas pela participação nas etapas anteriores da Experiência II. Para que estes resultados pudessem ser validados com segurança, seriam necessários outros dois estudos, com amostras independentes de participantes, para assegurar a consistência dos resultados do Teste 3 e das perguntas de controlo desta experiência. No entanto, acreditamos ter recolhido indicadores suficientes para atestar a consistência dos nossos resultados (vd. Secção 3.3).

Outra limitação metodológica do nosso trabalho diz respeito aos resultados da Experiência I. A nossa leitura dos resultados contemplou apenas estatísticas descritivas, não tendo sido feita nenhuma análise estatística inferencial. Tal significa que a segurança com que podemos afirmar que a nossa leitura dos fenómenos documentados não está garantida, uma vez que não foi estatisticamente corroborada. Apesar disso, temos motivos para crer que a nossa leitura dos dados está correta: em primeiro lugar, porque a influência de um dos efeitos monitorizados (a direcionalidade da escala) nos nossos dados foi robusta e consistente nas várias versões do questionário, pelo que nos parece improvável que se trate de uma coincidência estatisticamente irrelevante; em segundo lugar, porque o segundo efeito monitorizado (a informação gramatical presente na tarefa) foi analisado em detalhe pela Experiência II, que produziu resultados estatisticamente significativos.

Para além disso, nenhuma das experiências do nosso trabalho contemplou o género de participantes como variável independente na discussão dos seus resultados. Esta variável tem sido definida como relevante pela literatura para a análise de questões de género, cognição e linguagem: Khosroshahi (1989) conclui, através de uma tarefa que

monitorizou a interpretação de pronomes do inglês, que mulheres têm mais facilidade a identificar o género concetual feminino em processos de leitura de textos do que homens, e vice-versa. Este facto leva legítima a conclusão de que a interpretação do género concetual, na ausência de informação gramatical ou pragmática que o defina, pode ser guiada por um “bias towards one's own sex (...) analogous to ethnocentrism, the tendency to favor one's own ethnic group” (Khosroshahi, 1989: 519), ainda que não seja empreendido da mesma forma por homens e por mulheres: “(...) although both men and traditional-language women were androcentric, men's androcentrism was much more extreme” (Khosroshahi, 1989: 519). Há resultados análogos documentados no contexto do Inglês e do Alemão (Prentice, 1994; Heise, 2000). Outros trabalhos poderão, através dos dados que recolhemos, explorar esta questão no âmbito do PE.

Por último, a principal limitação do nosso estudo é o facto de não avaliar alternativas linguísticas para a inclusão semiótica de mulheres na significação linguística, apesar de ter detetado um efeito de discriminação cognitiva decorrente da utilização de MG para significar mulheres: embora os nossos dados indiquem que a referência morfológicamente explícita a mulheres na periferia esquerda do sintagma nominal (“alunas e alunos”) contribui para reduzir o viés concetualmente masculino destes nomes, o nosso estudo não foi, por exemplo, capaz de produzir nenhuma garantia de que esta será a forma menos discriminatória possível no PE. Tais tarefas terão de ser assumidas por futuros trabalhos que se dediquem a trabalhar estas questões. Apesar de tais limitações, acreditamos que o nosso trabalho contribui significativamente para o aprofundar da investigação relativa a questões de género, cognição e linguagem.

Considerações Finais

Although many people still disagree with the claim that there is a gender bias in language, or refuse to adopt non-sexist language changes, they have nevertheless been made aware of the problematic nature of language in this respect. A growing number of people display metalinguistic behavior which points toward a greater awareness of sexist language.

(Pauwels, 2003: 561)

O nosso trabalho tinha como objetivos normatizar estereótipos de género associados a estruturas nominais do PE e avaliar a interpretação preferencial dos MG do PE. Produzimos evidências empíricas de que, como tem vindo a ser discutido no quadro da Linguística Feminista (Baron, 1986; Cameron, 1985; Lakoff, 1973, 1975; Meseguer, 1977; Pauwels, 1998) e do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart *et al.*, 2004; Coutinho, 2016), as línguas naturais não são meros instrumentos de representação da realidade extralinguística, mas antes moderadores da organização sociocultural das sociedades humanas. Ignorar tais evidências equivale a ignorar que as línguas naturais não só refletem, mas também constroem a experiência humana. Mas como ignorar que o património linguístico da humanidade resulta do contacto e do acumular de experiências de um coletivo incontável de falantes? E como ignorar o poder que tal património exerce sobre cada falante ao impor-lhe estruturas simultaneamente cognitivas e socioculturais?

São questões sensíveis, e, como a maior parte dos assuntos politicamente sensíveis da contemporaneidade, parece-nos que os trabalhos que, como nosso, contribuem para o Neo-Whorfianismo, continuam a ser controversos, suscitando, na maior parte das vezes, imprudências por parte de quem os discute. Por um lado, há quem descreva as suas premissas como fundamentalmente erradas, mascarando a ortodoxia do seu funcionalismo com uma retórica que, embora iluminista na sua aparência, ignora conscientemente a realidade cognitiva e sociocultural de cada falante (Pinker, 1994, 2007). Nesta lógica, as línguas naturais são vistas como objetos “neutros”, isto é, independentes das suas comunidades de fala. A disseminação deste tipo de pensamento é tão profunda nas ciências da linguagem contemporâneas, que esta questão, até onde sabemos, nunca foi investigada no âmbito do PE. Efetivamente, nem parece merecer o

estatuto de questão no âmbito da Teoria Linguística: os poucos trabalhos (Costa *et al.*, 2015; Lopes & Choupina, 2018; Lopes & Morgado, 2020) que discutem o sistema de género gramatical do PE pertencem ao campo da didática e do ensino das línguas, e não necessariamente à Linguística. Assume-se, assim, que o género gramatical do PE é uma propriedade estritamente formal deste sistema linguístico, cuja única função é legitimar a concordância nominal, não tendo, por isso, qualquer repercussão semântica. O nosso trabalho demonstra que tal assunção, apesar de ser aceite por grande parte da comunidade de linguistas em Portugal, está fundamentalmente errada.

Por outro lado, há quem defenda as suas premissas como uma questão de natureza essencialmente moral, transferindo-a, como tal, do campo do debate científico para o campo do debate ético. No entanto, é necessário compreender a dificuldade de não moralizar uma questão que é, no seu âmago, essencialmente moral, visto que afeta desproporcionalmente um setor das sociedades patriarcais que é historicamente marginalizado. Talvez não seja descabido perguntar até que ponto é que a Linguística deve ser uma ciência eticamente descomprometida: afinal, a validação científica de vários fenómenos da psicologia evolutiva, como discutido exaustivamente por Ruti (2015), é orientada por interpretações de dados que são fundamentalmente sexistas. De forma análoga, a suposta “neutralidade” cognitiva das línguas naturais é uma construção ideológica particularmente útil para quem se recuse discutir as repercussões políticas da sua parcialidade.

Neste trabalho, relativizámos estas questões à luz de evidências empíricas: os achados que aqui reportamos atestam a indissociabilidade das propriedades das línguas naturais e das sociedades humanas. No nosso entender, o estudo das línguas naturais está intrinsecamente ligado ao estudo das culturas humanas porque o património linguístico da humanidade é um reflexo direto da experiência histórica dos seres humanos e, sobretudo, porque as línguas naturais são um elemento central nas culturas humanas. Não há línguas sem culturas, nem culturas sem línguas. Por esse motivo, consideramos ser fundamental ler os nossos resultados à luz da natureza patriarcal da sociedade portuguesa: que consequências poderá ter a utilização de MG em anúncios de emprego? Qual o seu impacto na definição da experiência feminina, uma vez que cognitivamente desprovida de autonomia ontológica? Quais as repercussões socioculturais e políticas de uma sociedade que decida investir ativamente na fomentação de práticas linguísticas de inclusão social?

Embora o nosso trabalho não consiga responder diretamente a tais questões, conseguimos reunir evidências de que, ao contribuir ativamente para a invisibilidade concetual das mulheres, os MG são formas linguísticas que devem ser desconsiderados da comunicação institucional visto que a sua interpretação preferencial não é nunca a genérica, mas a específica. Para além disso, e apesar das limitações do nosso trabalho, produzimos evidências de que esta invisibilidade concetual pode ser contrariada quando são apresentadas as formas gramaticalmente femininas dos nomes variáveis em género em conjunto com as formas gramaticalmente masculinas. Outros trabalhos necessitarão de explorar em maior detalhe as configurações linguísticas que melhor poderão significar conjuntos verdadeiramente inclusivos de géneros concetuais.

O quadro teórico e epistemológico que aqui avançámos poderá informar futuros trabalhos que investiguem questões de género, cognição e linguagem. De forma geral, acreditamos poder certificar a qualidade da nossa investigação relativa à interação entre fenómenos gramaticais, estereótipos de género e cognição humana. Este tipo de investigação assume um papel particularmente relevante na contemporaneidade, em particular no seio de sociedades que pretendam alcançar cada vez mais e melhores mecanismos de equalização de oportunidades entre os seus diferentes membros.

Bibliografia

Lista de Referências

- Baron, D. (1986). *Grammar and Gender*. New Haven, CT and London: Yale University Press.
- Beauvoir, S. (1953). *The second sex*. London: Jonathan Cape.
- Bengoechea, M. (2015). “Cuerpos hablados, cuerpos negados y el fascinante devenir del género gramatical”. *Bulletin of Hispanic Studies*, 92 (1): pp. 1-24.
- Benítez-Burraco, A.; Longa, V. (2010). “Evo-devo—of course, but which one? Some comments on chomsky’s analogies between the biolinguistic approach and evo-devo”. *Biolinguistics*, 4 (4): pp. 308–323. Disponível online em: <https://www.biolinguistics.eu/index.php/biolinguistics/article/view/175>.
- Berkum, J. J. A. van. (1996). *The psycholinguistics of grammatical gender*. Nijmegen: Nijmegen University Press.
- Blackless, M.; Charuvastra, A.; Derryck, A.; Fausto-Sterling, A.; Lauzanne, K.; Lee, E. (2000). “How Sexually Dimorphic Are We? Review and Synthesis”. *American Journal of Human Biology*, 12: pp. 151–166.
- Bodine, A. (1975). “Androcentrism in prescriptive grammar: Singular “they,” sex-indefinite “he” and “he or she””. *Language in Society*, 4: pp. 129–146.
- Boeckx, C. (2017). “Language evolution”. In: Kaas, Jon & Preuss, Todd. (Eds.). *Human brain evolution (evolution of nervous systems series)*. Vol. 4: pp. 325–339. Londres: Elsevier.
- Boroditsky, L. (2001). “Does language shape thought? Mandarin and English speakers' conceptions of time”. *Cognitive Psychology*, 43 (1): pp. 1–22.
- Boroditsky, L.; Gaby, A. (2010). “Remembrances of times East: absolute spatial representations of time in an Australian aboriginal community”. *Psychological science*, 21 (11): pp. 1635–1639.

- Botne, R.; Kershner, T. (2008). "Tense and cognitive space: On the organization of tense/aspect systems in Bantu languages and beyond". *Cognitive Linguistics*, 19 (2): pp. 145-218.
- Bronckart J.-P.; Bulea-Bronckart, E; Filliettaz, L.; Fristalon, I.; Giger, I. P., Revaz, F. (2004). *Agir et discourse en situation de travail*. Disponível online em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:18578>.
- Bulea-Bronckart, E. (2009). "Types de Discours et Interpretation de l'Agir: le Potentiel Developpemental des Figures d'Action". *Linguistic Studies / Estudos Linguísticos*, 3: pp. 135-152.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London: Routledge.
- Butler, J. (2017). *Problemas de Género: Feminismo e Subversão da Identidade*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Cacciari, C.; Padovani, R. (2007). "Further evidence on gender stereotype priming in language: semantic facilitation and inhibition on Italian role nouns". *Applied Psycholinguistics*, 28: pp. 277–293.
- Cacciari, C.; Corradini, P.; Padovani, R.; Carreiras, M. (2011). "Pronoun resolution in Italian: The role of grammatical gender and context". *Journal of Cognitive Psychology*, 23 (4): pp. 416-434.
- Cameron, D. (1985). *Feminism and Linguistic Theory*. London: Palgrave Macmillan UK.
- Cameron, D. (1998). *The Feminist Critique of Language: A Reader*. London: Routledge.
- Carreiras, M.; Garnham, A.; Oakhill, J.; Cain, K. (1996). "The Use of stereotypical gender information in constructing a mental model: evidence from English and Spanish". *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 49: pp. 639–66.
- Carroll J. (1956). "Introduction," In: Whorf, B. L. *Language, Thought and Reality*, pp. 1–35. Cambridge, MA: MIT Press.
- Casasanto, D. (2008). "Who's Afraid of the Big Bad Whorf? Crosslinguistic Differences in Temporal Language and Thought". *Language Learning*, 58: pp. 63-79.
- Casasanto, D.; Boroditsky, L. (2008). "Time in the mind: using space to think about time". *Cognition*, 106 (2): 579–593.

- Chatard, A., Guimond, S., and Martinot, D. (2005). “Impact de la féminisation lexicale des professions sur l’auto-efficacité des élèves: une remise en cause de l’universalisme masculin?” *L’Année Psychologique*, 105: pp. 249–272.
- Chen, A.-H.; Khalid, N. M.; Buari, N. H. (2019). “Age factor affects reading acuity and reading speed in attaining text information”. *International Journal of Ophthalmology*, 12 (7): pp. 1170-1176.
- Chomsky, N. (2009). *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Choupina, C. M. (2011). “Reflexões sobre o Género em Português Europeu e em Tétum”. *eLingUP*, 3 (1): pp. 64-77.
- Coletivo Acordo Queerográfico. (2012). “Acordo Queerográfico”, *e-cadernos CES* [Online], 18. Disponível online em: <http://journals.openedition.org/eces/1539>.
- Corbett, G. (1991). *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, J. A.; Choupina, C.; Baptista, A.; Oliveira, I.; Querido, J. (2015). “Género gramatical: a complexidade do conteúdo e a sua abordagem nos documentos reguladores do ensino do Português no 1ºCiclo EB”. *Exedra: Revista Científica. Didática do Português. Investigação e práticas, número temático*, 1: pp. 321-352.
- Coutinho, M. A. (2016). “Texto e representação: alguns comentários.” *Cadernos WGT*. Disponível online em: <http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/M.-A.-Coutinho.pdf>.
- Dennett, D. (1991). *Consciousness Explained*. Nova Iorque: Back Bay Books.
- Dreger, A. D. (1998). *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Cambridge: Harvard University Press.
- Duffy, S.A.; Keir, J.A. (2004). “Violating stereotypes: Eye movements and comprehension processes when text conflicts with world knowledge”. *Memory & Cognition* 32: pp- 551–559.
- Eckert, P.; McConnel-Ginet, S. (2003). *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ellis, J. M. (1993). *Language, Thought, and Logic*. Evanston: Northwestern University Press.

- Esaulova, Y., and von Stockhausen, L. (2015). "Cross-linguistic evidence for gender as a prominence feature". *Frontiers in Psychology*, 6: 1356. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01356.
- Esaulova, Y., Reali, C., & von Stockhausen, L. (2014). "Influences of grammatical and stereotypical gender during reading: Eye movements in pronominal and noun phrase anaphor resolution". *Language, Cognition and Neuroscience*, 29 (7): pp. 781–803.
- Evans, N.; Levinson, S. (2009). "The myth of language universals: language diversity and its importance for cognitive science." *The Behavioral and brain sciences*, 32 (5): pp. 448-494.
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books.
- Flaherty, M. (2001). "How a Language Gender System Creeps into Perception". *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32 (1): pp. 18–31.
- Gabriel, U.; Gygax, P.; Sarrasin, O.; Garnham, A.; Oakhill, J. (2008). "Au pairs are rarely male. Norms on the gender perception of role names across English, French, and German". *Behavior Research Methods*, 40 (1): pp. 206–212.
- Gabriel, U.; Gygax, P.; Kuhn, E. (2018). "Neutralizing linguistic sexism: promising but cumbersome?" *Group Processes & Intergroup Relations*, 21: pp. 844-858.
- Garnham, A., Oakhill, J. V., and Reynolds, D. J. (2002). "Are inferences from stereotyped role names to characters' gender made elaboratively?". *Memory & Cognition*, 30: pp. 439–446.
- Garnham, A.; Gabriel, U.; Sarrasin, O.; Gygax, P.; Oakhill, J. (2012). "Gender Representation in Different Languages and Grammatical Marking on Pronouns: When Beauticians, Musicians, and Mechanics Remain Men". *Discourse Processes*, 49 (6): pp. 481-500.
- Garrod, S. C.; Sanford, A. J. (1990). "Referential processing in reading: Focusing on roles and individuals. In: Balota, D. A.; Flores d'Arcais, G. B.; Rayner, K. (Eds.). *Comprehension processes in reading*: pp. 465-486. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

- Gentner D., Goldin-Meadow S. (2003). *Language in Mind: Advances in the Study of Language and Thought*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Gygax, P., Gabriel, U., Sarrasin, O., Oakhill, J., Garnham, A. (2008). «Generically intended, but specifically interpreted: when beauticians, musicians and mechanics are all men». *Language and Cognitive Processes*, 23 (3): pp. 464-485.
- Gygax, P.; Gabriel, U.; Sarrasin, O.; Oakhill, J.; Garnham, A. (2008). “Generically intended, but specifically interpreted: when beauticians, musicians and mechanics are all men”. *Language and Cognitive Processes*, 23 (3): pp. 464-485.
- Gygax, P., Gabriel, U., Lévy, A., Pool, E., Grivel, M., Pedrazzini, E. (2012). «The masculine form and its competing interpretations in French. When linking grammatically masculine role names to female referents is difficult». *Journal of Cognitive Psychology*, 24 (4): pp. 395–408.
- Gygax, P; Garnham, A; Doehren, S. (2016). “What Do True Gender Ratios and Stereotype Norms Really Tell Us?” *Frontiers in Psychology*, 7: 1036. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.01036.
- Hegarty, P.; Mollin, S.; Foels, R. (2016). “Binomial word order and social status”. In: H. Giles & A. Maass. (Eds.). *Language as social action: Advances in intergroup communication*. Vol. 21: pp. 119–135. Nova Iorque: Peter Lang Publishing.
- Heise, E. (2000). “Sind Frauen mitgemeint? Eine empirische Untersuchung zum Verständnis des generischen Maskulinums und seiner Alternativen” [Are women included? An empirical study of the generic masculine and its alternatives]. *Sprache & Kognition*, 19 (1-2): pp. 3–13.
- Hellinger, M.; Bußmann, H. (2001-2003). *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. Volumes 1 a 3. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Hellinger, M.; Motschenbacher, H. (2015). *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. 4^o Volume. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Heynick, F. (1983). “From Einstein to Whorf: Space, time, matter, and reference frames in physical and linguistic relativity”. *Semiotica*, 45 (1-2): pp. 35-64.

- Horvath, L. K.; Merkel, E. F.; Maass, A.; Sczesny, S. (2016). “Does Gender-Fair Language Pay Off? The Social Perception of Professions from a Cross-Linguistic Perspective”. *Frontiers in Psychology*, 6: 2018. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.02018.
- Hyde, J. S.; Bigler, R. S.; Joel, D.; Tate, C. C.; van Anders, S. M. (2019). “The future of sex and gender in psychology: Five challenges to the gender binary”. *American Psychologist*, 74 (2): pp. 171-193.
- Irmen, L. (2007). “What’s in a (role) name? Formal and conceptual aspects of comprehending personal nouns”. *Journal of Psycholinguistic Research*, 36: pp. 431–456.
- Irmen, L.; Rossberg, N. (2004). “Gender markedness of language. The impact of grammatical and nonlinguistic information on the mental representation of person information”. *Journal of Language and Social Psychology*, 23: pp. 272–307.
- Kennison, S. M.; Trofe, L. (2003). «Comprehending Pronouns: a Role for Word-Specific Gender Stereotype Information». *Journal of Psycholinguistic Research*, 32: pp. 355-378.
- Kerr, J.S.; Underwood, G. (1984). “Fixation time on anaphoric pronouns decreases with congruity of reference”. In: Gale, A.G; Johnson, F. (Eds.). *Theoretical and applied aspects of eye movement research*: pp. 195–202. Amsterdão: Elsevier.
- Kesebir, S. (2017). “Word order denotes relevance differences: the case of conjoined phrases with lexical gender”. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113: pp. 262–279.
- Kessler, S. (1990). “The Medical Construction of Gender: Case Management of Intersex Infants”. *Signs*, 16 (1): pp. 3-26.
- Khosroshahi, F. (1989). “Penguins don't care, but women do: A social identity analysis of a Whorfian problem”. *Language in Society*, 18 (4): pp. 505-525.
- Kramer, E. (2016). “Feminist Linguistics and Linguistic Feminisms”. In: Lewin, Ellen; Silverstein, Leni (Eds.). *Mapping Feminist Anthropology in the Twenty-First Century*. New Jersey: Rutgers University Press, pp. 65-83.
- Labov, W. (2006). *The social stratification of English in New York*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics.

- Lakoff, R. (1973). "Language and woman's place". *Language in Society* 2 (1): pp. 45–79.
- Lakoff, R. (1975). *Language and woman's place*. New York: Harper.
- Litosseliti, L. (2006). *Gender and language: theory and practice*. New York: Routledge.
- Lopes, A. S.; Choupina, C. (2018). "A problemática do género no Português europeu: análise de documentos legais e de manuais escolares do 1.º Ciclo do ensino básico". *Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral*: pp. 560-567.
- Lopes, A.; Morgado, C. (2020). "O género gramatical no nome: dos documentos normativos aos manuais escolares de português do 1.º CEB." *Da Investigação às Práticas*, 10 (1): pp. 62 - 77.
- Lupyan, G. (2012). "Linguistically modulated perception and cognition: the label-feedback hypothesis". *Frontiers in psychology*, 3: 54. DOI: 10.3389/fpsyg.2012.00054.
- Magué, J.-P. (2006). "Semantic Changes in Apparent Time". *Proceedings of the 32nd Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*: pp. 227-235.
- Meseguer, Á. G. (1977). *Lenguaje y discriminacion sexual*. Madrid: Editorial Cuadernos para el Dialogo, S. A. Edicusa.
- Meyer-Bahlburg, H. F. L. (2002). "Gender assignment and reassignment in intersexuality: controversies, data, and guidelines for research". In: Zderic, S. A.; Canning, D. A.; Carr, M. C.; Snyder, H. M. (Eds.). *Pediatric Gender Assignment. Advances in Experimental Medicine and Biology*. Volume 511. Boston: Springer.
- Misersky, J.; Gygax, P.; Canal, P.; Gabriel, U.; Garnham, A.; Braun, F.; Chiarini, T.; Englund, K.; Hanulikova, A.; Öttl, A.; Valdrova, J.; Stockhausen, L.; Sczesny, S. (2014). "Norms on the gender perception of role nouns in Czech, English, French, German, Italian, Norwegian, and Slovak." *Behavior Research Methods*, 46: pp. 841–871.
- Oppenheim, A. N. (1992). *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. New York: Basic Books.
- Osterhout, L., Bersick, M. & Mclaughlin, J. (1997). "Brain potentials reflect violations of gender stereotypes". *Memory & Cognition*, 25: pp. 273–285.

- Pauwels, A. (1998). *Women Changing Language*. London and New York: Addison Wesley Longman.
- Pauwels, A. (2003). "Linguistic sexism and feminist linguistic activism." In: Holmes, J., Meyerhoff, M. (Eds.) *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, pp. 550-570.
- Peirce, J. W.; Gray, J. R.; Simpson, S.; MacAskill, M. R.; Höchenberger, R.; Sogo, H.; Kastman, E.; Lindeløv, J. (2019). "PsychoPy2: experiments in behavior made easy". *Behavior Research Methods*, 51: pp. 195-203.
- Peirce, J. W.; MacAskill, M. R. (2018). *Building Experiments in PsychoPy*. Londres: Sage.
- Pinker, S. (1994). *The Language Instinct: How the Mind Creates Language*. Nova Iorque: Harper Perennial Modern Classics.
- Pinker, S. (2007). *The Stuff of Thought: Language as a Window into Human Nature*. Nova Iorque: Penguin Books.
- Pleyer, M.; Hartmann, S. (2019). "Constructing a Consensus on Language Evolution? Convergences and Differences Between Biolinguistic and Usage-Based Approaches". *Frontiers in Psychology*, 10: 2537. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.02537
- Prentice, D. A. (1994). "Do Language Reforms Change Our Way of Thinking?" *Journal of Language and Social Psychology*, 13 (1): pp. 3–19.
- Prewitt-Freilino, J. L.; Caswell, T. A.; Laakso, E. K. (2012). "The gendering of language: a comparison of gender equality in countries with gendered, natural gender, and genderless languages". *Sex Roles*, 66: pp. 268–281.
- R Core Team. (2019). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL: <https://www.R-project.org/>
- Raposo, E. B. P.; Nascimento, M. F. B.; Mota, M. A. C.; Segura, L.; Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. 1º e 2º Volumes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Reali, C., Esaulova, Y. & von Stockhausen, L. (2014). "Isolating stereotypical gender in a grammatical gender language: Evidence from eye movements". *Applied Psycholinguistics*, 36 (4): pp. 977-1006.
- Reali C, Esaulova Y, Öttl A and von Stockhausen L. (2015). "Role descriptions induce gender mismatch effects in eye movements during reading". *Frontiers in Psychology*, 6: 1607. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01607.
- Roughgarden, J. (2004). *Evolution's Rainbow: Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People*. Berkeley: University of California Press.
- Ruti, M. (2015). *The Age of Scientific Sexism: How Evolutionary Psychology Promotes Gender Profiling and Fans the Battle of the Sexes*. New York: Bloomsbury Academic.
- Sastre, M. T., Fouquereau, E., Igier, V., Salvatore, N., Mullet, E. (2000). «Perception of Occupational Gender Typing: A Replication on European Samples of Shinar's (1975) and Beggs and Doolittle's (1993) Studies». *Journal of Applied Psychology*, 30: pp. 430-441.
- Sato, S., Gygax, P., & Gabriel, U. (2013). "Gender inferences: Grammatical features and their impact on the representation of gender in bilinguals". *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (4): pp. 792-807.
- Saussure, F. (1916). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.
- Saussure, F. (2002). *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard
- Schmeller, J. A. (2008) [1872-1877]. *Bayerisches Wörterbuch*. 2 Tomos. Disponible online em: <http://publikationen.badw.de/de/022964277/pdf/CC%20BY>.
- Schwab, K. (2020). *The Global Gender Gap Report 2020*. Geneva: World Economic Forum.
- Szczesny S; Formanowicz, M; Moser, F. (2016). "Can Gender-Fair Language Reduce Gender Stereotyping and Discrimination?" *Frontiers in Psychology*, 7 :25. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.00025.
- Szczesny, S.; Nater, C.; Eagly, A. H. (2019). "Agency and communion: Their implications for gender stereotypes and gender identities". In: Abele, A. E.; Wojciszke, B.

- (Eds.). *Agency and Communion in Social Psychology. Current Issues in Social Psychology*. Londres: Routledge, pp. 103-116.
- Siyanova-Chanturia, A.; Pesciarelli, F.; Cacciari, C. (2012). “The Electrophysiological Underpinnings of Processing Gender Stereotypes in Language”. *PLoS ONE*, 7 (12): e48712. DOI: 10.1371/journal.pone.0048712.
- Spender, D. (1990). *Man Made Language*. London: Pandora Press.
- Stahlberg, D.; Sczesny, S.; Braun, F.. (2001). “Name your favorite musician: Effects of masculine generics and of their alternatives in German”. *Journal of Language and Social Psychology*, 20 (4): pp. 464-469.
- Stahlberg, D.; Braun, F.; Irmen, L.; Sczesny, S.. (2007). “Representation of the Sexes in Language”. In: Fiedler, K. (Ed.). *Social Communication. A Volume in the Series Frontiers of Social Psychology*. New York: Psychology Press, pp. 163-187.
- Tagliamonte, S.; D'Arcy, A. (2007). "Frequency and variation in the community grammar: Tracking a new change through the generations". *Language Variation and Change*, 19: pp. 199–217.
- Vervecken, D.; Hannover, B.; Wolter, I. (2013). “Changing (S)expectations: How gender fair job descriptions impact children's perceptions and interest regarding traditionally male occupations”. *Journal of Vocational Behavior*, 82 (3): pp. 208-220.
- Vervecken, D., Gygax, P., Gabriel, U., Guillod, M., and Hannover, B. (2015). “Warm businessmen, cold housewives? Effects of gender-fair language on adolescents' perceptions of occupations”. *Frontiers in Psychology*, 6: 1437. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01437.
- West, C.; Zimmerman, D. H. (1987). «Doing Gender». *Gender and Society*, 1 (2): pp. 125-151.
- Whorf, B. L. (1956). *Language, Thought and Reality*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Wickham, H. (2016). *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. Nova Iorque: Springer-Verlag.
- Wickham, H.; Averick, M.; Bryan, J.; Chang, W.; McGowan, L.; François, R.; Grolemund, G.; Hayes, A.; Henry, L.; Hester, J.; Kuhn, M.; Pedersen, T. L.;

Miller, E.; Bache, S. M.; Müller, K.; Ooms, J.; Robinson, D.; Seidel, D. P.; Spinu, V.; Takahashi, K.; Vaughan, D.; Wilke, C.; Woo, K.; Yutani, H. (2019). “Welcome to the tidyverse”. *Journal of Open Source Software*, 4 (43): 1686. DOI: <https://doi.org/10.21105/joss.01686>.

Wolff, P.; Holmes, K. (2011). “Linguistic relativity”. *WIREs Cognitive Science*, 2 (3): pp. 253-265.

Wright, J. (1898-1905). *The English Dialect Dictionary*. Volumes 1 a 6. Oxford: Henry Frowde.

Zlatev, J.; Blomberg, J. (2015). “Language may indeed influence thought.” *Frontiers in Psychology*, 6: 1631. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01631.

**ANEXO I – Lista de nomes de categorias sociais avaliados pela
Experiência**

Código	Item
Bloco 1	
1_1	Atores de Teatro
1_2	Astrólogos
1_3	Banqueiros
1_4	Padeiros
1_5	Parteiros
1_6	Patrões
1_7	Marinheiros
1_8	Espetadores de Cinema
1_9	Empregados de Limpeza
Bloco 2	
2_1	Sociólogos
2_2	Lutadores de Wrestling
2_3	Cantautores
2_4	Diretores da TVI
2_5	Bailarinos
2_6	Funcionários Públicos
2_7	Curadores de Museus
2_8	Artesãos
2_9	Cozinheiros
Bloco 3	
3_1	Médicos
3_2	Costureiros
3_3	Engenheiros
3_4	Gestores de Empresas
3_5	Agricultores
3_6	Pescadores
3_7	Hospedeiros de Bordo
3_8	Treinadores de Futebol
3_9	Jogadores de Golfe
Bloco 4	
4_1	Arqueólogos
4_2	Alunos de Literatura
4_3	Bibliotecários
4_4	Juízes
4_5	Patinadores Olímpicos

4_6	Caçadores
4_7	Historiadores
4_8	Governadores
4_9	Merceeiros
Bloco 5	
5_1	Advogados
5_2	Assassinos
5_3	Vizinhos
5_4	Enfermeiros
5_5	Pintores Surrealistas
5_6	Católicos
5_7	Professores
5_8	Deputados
5_9	Alunos de Engenharia
Bloco 6	
6_1	Alcoólicos
6_2	Cirurgiões
6_3	Compositores
6_4	Jogadores de Tênis
6_5	Empregados de Mesa
6_6	Escritores Profissionais
6_7	Cantores
6_8	Museólogos
6_9	Procuradores
Bloco 7	
7_1	Educadores de Infância
7_2	Capitães de Equipa
7_3	Arquitetos
7_4	Secretários de Estado
7_5	Ministros
7_6	Vegetarianos
7_7	Enólogos
7_8	Carpinteiros
7_9	Milionários
Bloco 8	
8_1	Porteiros
8_2	Pasteleiros
8_3	Coreógrafos
8_4	Prostitutos
8_5	Programadores Televisivos
8_6	Heroinómanos
8_7	Bombeiros

8_8	Geólogos
8_9	Atiradores Furtivos
8_10	Magistrados
Bloco 9	
9_1	Reitores
9_2	Notários
9_3	Oceanógrafos
9_4	Fotógrafos
9_5	Canalizadores
9_6	Escravos Sexuais
9_7	Reclusos
9_8	Tradutores
9_9	Zoólogos
9_10	Investigadores da PJ
Bloco 10	
10_1	Escultores
10_2	Mergulhadores da Marinha
10_3	Sexólogos
10_4	Empregados de Balcão
10_5	Psicólogos
10_6	Veterinários
10_7	Apicultores
10_8	Operadores de Câmara
10_9	Decoradores de Interiores
10_10	Egiptólogos

ANEXO II – Formulário de Consentimento da Experiência I



Car@ Participante,

Muito obrigado pela sua participação no meu estudo. Este trabalho, enquadrado num projeto de dissertação de mestrado, tem como objetivo avaliar intuições de falantes de Português Europeu sobre a quantidade de homens e de mulheres que representam determinadas categorias sociais. Todos os dados que me fornecer serão anonimizados, tratados de forma confidencial e serão utilizados apenas no âmbito da investigação que estou a desenvolver. Poderá interromper a sua participação neste estudo a qualquer momento. O tempo de resposta a este questionário não deverá exceder os 30 minutos.

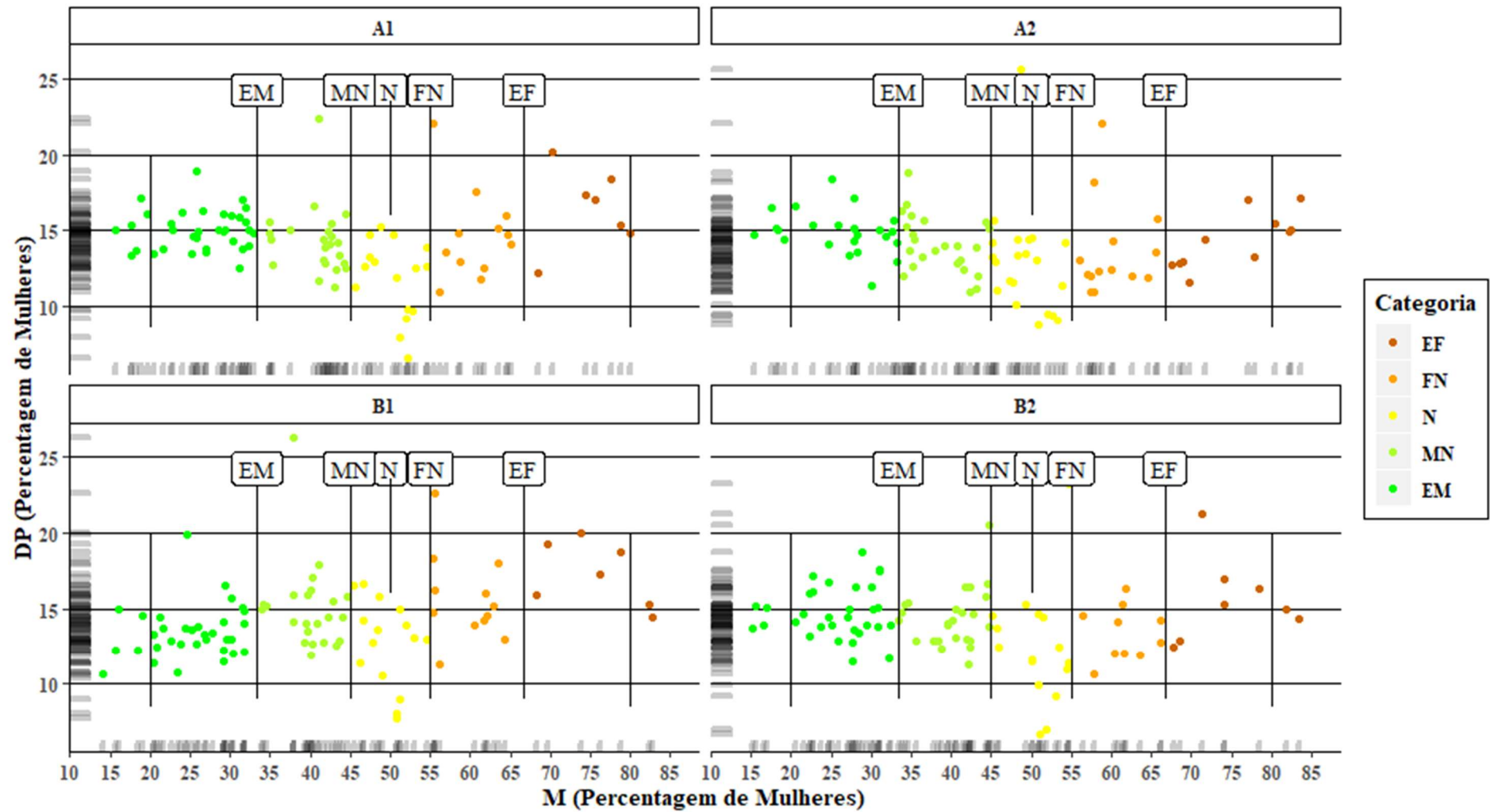
Certifique-se de que está a responder a este questionário num computador portátil ou de secretária.
Algumas funcionalidades do questionário não são compatíveis com dispositivos móveis.

Ao selecionar o botão abaixo, estará a reconhecer que tem 18 (ou mais) anos de idade, que a sua participação neste estudo é voluntária, que conhece a natureza e a finalidade deste estudo e, por último, que me autoriza a utilizar as suas respostas na minha dissertação.

Dou o meu consentimento informado e desejo iniciar a minha participação neste estudo.



ANEXO III – Dispersão de Itens em cada uma das Versões do Teste 1 em Função de CM e DP



ANEXO IV – Formulário de Consentimento da Experiência II

Car@ Participante,

Muito obrigado pela sua participação no meu estudo.

Este trabalho, enquadrado num projeto de dissertação de mestrado, tem como objetivo avaliar a compreensão e a aceitabilidade de uma série de sequências de frases do Português Europeu.

Todos os dados que me fornecer serão anonimizados, tratados de forma confidencial e serão utilizados apenas no âmbito da investigação que estou a desenvolver.

Poderá interromper a sua participação neste estudo a qualquer momento.

Ao carregar na barra de espaços, estará a reconhecer que tem 18 (ou mais) anos de idade, que a sua participação neste estudo é voluntária, que conhece a natureza e a finalidade deste estudo e, por último, que me autoriza a utilizar as suas respostas na minha dissertação.

ANEXO V – Estímulos da Experiência II

Item Nº	Enunciado A	Enunciado B
Treino		
1	Os jogadores de ténis saíram do hospital.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
2	Os patinadores olímpicos esperaram na paragem de autocarro.	Por causa da chuva, várias das mulheres vestiam um impermeável.
3	As advogadas entraram no escritório.	Prevendo um dia de calor, um dos homens não vestia casaco.
4	As alunas de literatura passearam pelo jardim.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante animadas.
5	Os escritores profissionais atravessaram a avenida.	Prevendo um dia de calor, algumas das caçadoras não vestiam casaco.
6	Os vegetarianos estavam visivelmente animados.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
7	As notárias entraram no edifício.	Devido ao bom tempo, uma das analfabetas tinha óculos escuros.
8	As astrólogas passearam pela praia ao sol.	Por causa da chuva, dois dos homens vestiam um impermeável.
9	Os jogadores de ténis estavam à porta do estádio.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
10	Os patinadores olímpicos estavam na estação de comboios.	Percebia-se que vários dos camionistas estavam bastante calmos.
11	Os advogados saíram do tribunal.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
12	Os alunos de literatura esperaram à chuva.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.
Controlo		
1	O grupo saiu do hospital.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
2	O grupo esperou na paragem de autocarro.	Por causa da chuva, várias das mulheres vestiam um impermeável.
3	O grupo entrou no escritório.	Prevendo um dia de calor, um dos homens não vestia casaco.
4	O grupo passeou pelo jardim.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante animadas.
5	O grupo atravessou a avenida.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
6	O grupo estava no restaurante.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
7	O grupo entrou no edifício.	Devido ao bom tempo, uma das mulheres tinha óculos escuros.
8	O grupo passeou pela cidade.	Por causa da chuva, dois dos homens vestiam um impermeável.

Lista A (Teste 2)		
1	Os empregados de limpeza saíram da sala.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
2	Os educadores de infância esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
3	Os hospedeiros de bordo entraram no elevador.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
4	Os escravos sexuais estavam no supermercado.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
5	Os costureiros passearam pela floresta.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
6	Os parteiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
7	Os prostitutas saíram do hotel.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
8	Os enfermeiros esperaram perto da fonte.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
9	Os empregados de mesa entraram no edifício.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
10	Os atores de teatro estavam perto do mar.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	Os empregados de balcão passearam pelo jardim.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
12	Os funcionários públicos atravessaram a ponte.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.
13	Os coreógrafos saíram do armazém.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
14	Os cozinheiros esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
15	Os cantores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
16	Os vizinhos estavam à porta do prédio.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
17	Os treinadores de futebol passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
18	Os lutadores de wrestling atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
19	Os capitães de equipa saíram do café.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
20	Os atiradores furtivos esperaram na estação do metro.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
21	Os milionários entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	Os governadores estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	Os ministros passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
24	Os agricultores atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.

Lista A (Teste 3)		
25	Os treinadores de futebol saíram da sala.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
26	Os lutadores de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
27	Os capitães de equipa entraram no elevador.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
28	Os atiradores furtivos estavam no supermercado.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
29	Os milionários passearam pela floresta.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
30	Os governadores atravessaram a avenida.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
31	Os ministros saíram do parlamento.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
32	Os agricultores esperaram perto da fonte.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
33	Os empregados de limpeza entraram no edifício.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
34	Os educadores de infância estavam perto do mar.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
35	Os hospedeiros de bordo passearam pelo jardim.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
36	Os escravos sexuais atravessaram a ponte.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.
37	Os costureiros saíram do armazém.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
38	Os parteiros esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
39	Os prostitutas entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
40	Os enfermeiros estavam à porta do hospital.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
41	Os empregados de mesa passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
42	Os atores de teatro atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
43	Os empregados de balcão saíram do café.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
44	Os funcionários públicos esperaram na estação de metro.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
45	Os coreógrafos entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
46	Os cozinheiros estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
47	Os cantores passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
48	Os vizinhos atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.

Itens AFP da Lista A (Teste 3)		
1	As treinadoras de futebol saíram da sala.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
2	As lutadoras de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
3	As capitãs de equipa entraram no elevador.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
4	As atiradoras furtivas estavam no supermercado.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
5	As milionárias passearam pela floresta.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
6	As governadoras atravessaram a avenida.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
7	As ministras saíram do parlamento.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
8	As agricultoras esperaram perto da fonte.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
9	As empregadas de limpeza entraram no edifício.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
10	As educadoras de infância estavam perto do mar.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	As hospedeiras de bordo passearam pelo jardim.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
12	As escravas sexuais atravessaram a ponte.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.
13	As costureiras saíram do armazém.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
14	As parteiras esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
15	As prostitutas entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
16	As enfermeiras estavam à porta do hospital.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
17	As empregadas de mesa passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
18	As atrizes de teatro atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
19	As empregadas de balcão saíram do café.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
20	As funcionárias públicas esperaram na estação de metro.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	As coreógrafas entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
22	As cozinheiras estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	As cantoras passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
24	As vizinhas atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.

Fillers da Lista A (Teste 2)		
1	Os professores de física saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
2	Os encarregados de educação esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
3	Os administradores de empresas entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
4	Os operários metalúrgicos estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
5	Os biólogos passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
6	Os cabeleireiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
7	Os geógrafos estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
8	Os antropólogos festejaram a publicação.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
9	Os supervisores de contas estavam muito felizes.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
10	Os instrutores de dança irritaram-se no treino.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	Os engenheiros de som estavam irritados.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
12	Os empregados domésticos enervaram-se no supermercado.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
13	Os filósofos saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
14	Os estagiários esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
15	Os tatuadores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
16	Os navegadores estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
17	Os produtores de música passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
18	Os apresentadores de televisão atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
19	Os revisores de texto saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
20	Os vendedores ambulantes esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
21	Os merceeiros entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	Os veganos estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	Os fuzileiros passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
24	Os ilustradores atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

Fillers da Lista A (Teste 3)		
25	Os supervisores de contas saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
26	Os instrutores de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
27	Os engenheiros de som entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
28	Os empregados domésticos estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
29	Os filósofos passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
30	Os estagiários atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
31	Os tatuadores estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
32	Os navegadores festejaram a descoberta.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
33	Os produtores de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
34	Os apresentadores de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
35	Os revisores de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
36	Os vendedores ambulantes estavam irritados.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
37	Os merceeiros saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
38	Os veganos esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
39	Os fuzileiros entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
40	Os ilustradores estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
41	Os professores de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
42	Os encarregados de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
43	Os administradores de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
44	Os operários metalúrgicos esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
45	Os biólogos entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
46	Os cabeleireiros estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
47	Os geógrafos passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
48	Os antropólogos atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

Fillers AFP da Lista A (Teste 3)		
1	As supervisoras de contas saíram da sala.	Era evidente que algumas das camionistas estavam bastante zangadas.
2	As instrutoras de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
3	As engenheiras de som entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
4	As empregadas domésticas estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
5	As filósofas passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
6	As estagiárias atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
7	As tatuadoras estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
8	As navegadoras festejaram a descoberta.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
9	As produtoras de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
10	As apresentadoras de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	As revisoras de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
12	As vendedoras ambulantes estavam irritadas.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
13	As merceeiras saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
14	As veganas esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
15	As fuzileiras entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
16	As ilustradoras estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
17	As professoras de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
18	As encarregadas de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
19	As administradoras de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
20	As operárias metalúrgicas esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	As biólogas entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
22	As cabeleireiras estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	As geógrafas passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
24	As antropólogas atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.

Lista B (Teste 2)		
1	Os empregados de limpeza saíram da sala.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
2	Os educadores de infância esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
3	Os hospedeiros de bordo entraram no elevador.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
4	Os escravos sexuais estavam no supermercado.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
5	Os costureiros passearam pela floresta.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
6	Os parteiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
7	Os prostitutas saíram do hotel.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
8	Os enfermeiros esperaram perto da fonte.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
9	Os empregados de mesa entraram no edifício.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
10	Os atores de teatro estavam perto do mar.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	Os empregados de balcão passearam pelo jardim.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
12	Os funcionários públicos atravessaram a ponte.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.
13	Os coreógrafos saíram do armazém.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
14	Os cozinheiros esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
15	Os cantores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
16	Os vizinhos estavam à porta do prédio.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
17	Os treinadores de futebol passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
18	Os lutadores de wrestling atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
19	Os capitães de equipa saíram do café.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
20	Os atiradores furtivos esperaram na estação do metro.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	Os milionários entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
22	Os governadores estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	Os ministros passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
24	Os agricultores atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.

Lista B (Teste 3)		
25	Os treinadores de futebol saíram da sala.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
26	Os lutadores de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
27	Os capitães de equipa entraram no elevador.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
28	Os atiradores furtivos estavam no supermercado.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
29	Os milionários passearam pela floresta.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
30	Os governadores atravessaram a avenida.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
31	Os ministros saíram do parlamento.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
32	Os agricultores esperaram perto da fonte.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
33	Os empregados de limpeza entraram no edifício.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
34	Os educadores de infância estavam perto do mar.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
35	Os hospedeiros de bordo passearam pelo jardim.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
36	Os escravos sexuais atravessaram a ponte.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.
37	Os costureiros saíram do armazém.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
38	Os parteiros esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
39	Os prostitutas entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
40	Os enfermeiros estavam à porta do hospital.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
41	Os empregados de mesa passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
42	Os atores de teatro atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
43	Os empregados de balcão saíram do café.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
44	Os funcionários públicos esperaram na estação de metro.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
45	Os coreógrafos entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
46	Os cozinheiros estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
47	Os cantores passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
48	Os vizinhos atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.

Itens AFP da Lista B (Teste 3)		
1	As treinadoras de futebol saíram da sala.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
2	As lutadoras de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
3	As capitãs de equipa entraram no elevador.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
4	As atiradoras furtivas estavam no supermercado.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
5	As milionárias passearam pela floresta.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
6	As governadoras atravessaram a avenida.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
7	As ministras saíram do parlamento.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
8	As agricultoras esperaram perto da fonte.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
9	As empregadas de limpeza entraram no edifício.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
10	As educadoras de infância estavam perto do mar.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	As hospedeiras de bordo passearam pelo jardim.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
12	As escravas sexuais atravessaram a ponte.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.
13	As costureiras saíram do armazém.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
14	As parteiras esperaram na paragem do autocarro.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
15	As prostitutas entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
16	As enfermeiras estavam à porta do hospital.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
17	As empregadas de mesa passearam pelo bosque.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
18	As atrizes de teatro atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
19	As empregadas de balcão saíram do café.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
20	As funcionárias públicas esperaram na estação de metro.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
21	As coreógrafas entraram no aeroporto.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	As cozinheiras estavam à porta do restaurante.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	As cantoras passearam pela cidade.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
24	As vizinhas atravessaram a praça.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.

Fillers da Lista B (Teste 2)		
1	Os professores de física saíram da sala.	Era evidente que algumas das camionistas estavam bastante zangadas.
2	Os encarregados de educação esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
3	Os administradores de empresas entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
4	Os operários metalúrgicos estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
5	Os biólogos passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
6	Os cabeleireiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
7	Os geógrafos estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
8	Os antropólogos festejaram a publicação.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
9	Os supervisores de contas estavam muito felizes.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
10	Os instrutores de dança irritaram-se no treino.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	Os engenheiros de som estavam irritados.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
12	Os empregados domésticos enervaram-se no supermercado.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
13	Os filósofos saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
14	Os estagiários esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
15	Os tatuadores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
16	Os navegadores estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
17	Os produtores de música passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
18	Os apresentadores de televisão atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
19	Os revisores de texto saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
20	Os vendedores ambulantes esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	Os merceiros entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
22	Os veganos estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	Os fuzileiros passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
24	Os ilustradores atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.

Fillers da Lista B (Teste 3)		
25	Os supervisores de contas saíram da sala.	Era evidente que algumas das camionistas estavam bastante zangadas.
26	Os instrutores de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
27	Os engenheiros de som entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
28	Os empregados domésticos estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
29	Os filósofos passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
30	Os estagiários atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
31	Os tatuadores estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
32	Os navegadores festejaram a descoberta.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
33	Os produtores de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
34	Os apresentadores de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
35	Os revisores de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
36	Os vendedores ambulantes estavam irritados.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
37	Os merceeiros saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
38	Os veganos esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
39	Os fuzileiros entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
40	Os ilustradores estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
41	Os professores de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
42	Os encarregados de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
43	Os administradores de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
44	Os operários metalúrgicos esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
45	Os biólogos entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
46	Os cabeleireiros estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
47	Os geógrafos passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
48	Os antropólogos atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.

Fillers AFP da Lista B (Teste 3)		
1	As supervisoras de contas saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
2	As instrutoras de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
3	As engenheiras de som entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
4	As empregadas domésticas estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
5	As filósofas passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
6	As estagiárias atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
7	As tatuadoras estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
8	As navegadoras festejaram a descoberta.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
9	As produtoras de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
10	As apresentadoras de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	As revisoras de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
12	As vendedoras ambulantes estavam irritadas.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
13	As merceeiras saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
14	As veganas esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
15	As fuzileiras entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
16	As ilustradoras estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
17	As professoras de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
18	As encarregadas de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
19	As administradoras de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
20	As operárias metalúrgicas esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
21	As biólogas entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	As cabeleireiras estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	As geógrafas passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
24	As antropólogas atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

Lista C (Teste 2)		
1	Os empregados de limpeza saíram da sala.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
2	Os educadores de infância esperaram nas traseiras da escola.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
3	Os hospedeiros de bordo entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
4	Os escravos sexuais estavam no supermercado.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
5	Os costureiros passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
6	Os parteiros atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
7	Os prostitutas saíram do hotel.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
8	Os enfermeiros esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
9	Os empregados de mesa entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
10	Os atores de teatro estavam perto do mar.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
11	Os empregados de balcão passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
12	Os funcionários públicos atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.
13	Os coreógrafos saíram do armazém.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
14	Os cozinheiros esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
15	Os cantores entraram no parque.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
16	Os vizinhos estavam à porta do prédio.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
17	Os treinadores de futebol passearam pelo bosque.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
18	Os lutadores de wrestling atravessaram a estrada.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
19	Os capitães de equipa saíram do café.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
20	Os atiradores furtivos esperaram na estação do metro.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
21	Os milionários entraram no aeroporto.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
22	Os governadores estavam à porta do restaurante.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
23	Os ministros passearam pela cidade.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
24	Os agricultores atravessaram a praça.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.

Lista C (Teste 3)		
25	Os treinadores de futebol saíram da sala.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
26	Os lutadores de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
27	Os capitães de equipa entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
28	Os atiradores furtivos estavam no supermercado.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
29	Os milionários passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
30	Os governadores atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
31	Os ministros saíram do parlamento.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
32	Os agricultores esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
33	Os empregados de limpeza entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
34	Os educadores de infância estavam perto do mar.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
35	Os hospedeiros de bordo passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
36	Os escravos sexuais atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.
37	Os costureiros saíram do armazém.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
38	Os parteiros esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
39	Os prostitutas entraram no parque.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
40	Os enfermeiros estavam à porta do hospital.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
41	Os empregados de mesa passearam pelo bosque.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
42	Os atores de teatro atravessaram a estrada.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
43	Os empregados de balcão saíram do café.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
44	Os funcionários públicos esperaram na estação de metro.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
45	Os coreógrafos entraram no aeroporto.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
46	Os cozinheiros estavam à porta do restaurante.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
47	Os cantores passearam pela cidade.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
48	Os vizinhos atravessaram a praça.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.

Itens AFP da Lista C (Teste 3)		
1	As treinadoras de futebol saíram da sala.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
2	As lutadoras de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
3	As capitãs de equipa entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
4	As atiradoras furtivas estavam no supermercado.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
5	As milionárias passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
6	As governadoras atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
7	As ministras saíram do parlamento.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
8	As agricultoras esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
9	As empregadas de limpeza entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
10	As educadoras de infância estavam perto do mar.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
11	As hospedeiras de bordo passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
12	As escravas sexuais atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.
13	As costureiras saíram do armazém.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
14	As parteiras esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
15	As prostitutas entraram no parque.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
16	As enfermeiras estavam à porta do hospital.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
17	As empregadas de mesa passearam pelo bosque.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
18	As atrizes de teatro atravessaram a estrada.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
19	As empregadas de balcão saíram do café.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
20	As funcionárias públicas esperaram na estação de metro.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
21	As coreógrafas entraram no aeroporto.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
22	As cozinheiras estavam à porta do restaurante.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
23	As cantoras passearam pela cidade.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
24	As vizinhas atravessaram a praça.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.

Fillers da Lista C (Teste 2)		
1	Os professores de física saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
2	Os encarregados de educação esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
3	Os administradores de empresas entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
4	Os operários metalúrgicos estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
5	Os biólogos passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
6	Os cabeleireiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
7	Os geógrafos estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
8	Os antropólogos festejaram a publicação.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
9	Os supervisores de contas estavam muito felizes.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
10	Os instrutores de dança irritaram-se no treino.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	Os engenheiros de som estavam irritados.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
12	Os empregados domésticos enervaram-se no supermercado.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
13	Os filósofos saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
14	Os estagiários esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
15	Os tatuadores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
16	Os navegadores estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
17	Os produtores de música passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
18	Os apresentadores de televisão atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
19	Os revisores de texto saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
20	Os vendedores ambulantes esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
21	Os merceiros entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	Os veganos estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	Os fuzileiros passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
24	Os ilustradores atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

<i>Fillers da Lista C (Teste 3)</i>		
25	Os supervisores de contas saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
26	Os instrutores de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
27	Os engenheiros de som entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
28	Os empregados domésticos estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
29	Os filósofos passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
30	Os estagiários atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
31	Os tatuadores estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
32	Os navegadores festejaram a descoberta.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
33	Os produtores de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
34	Os apresentadores de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
35	Os revisores de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
36	Os vendedores ambulantes estavam irritados.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
37	Os merceeiros saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
38	Os veganos esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
39	Os fuzileiros entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
40	Os ilustradores estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
41	Os professores de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
42	Os encarregados de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
43	Os administradores de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
44	Os operários metalúrgicos esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
45	Os biólogos entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
46	Os cabeleireiros estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
47	Os geógrafos passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
48	Os antropólogos atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

Fillers AFP da Lista C (Teste 3)		
1	As supervisoras de contas saíram da sala.	Era evidente que algumas das camionistas estavam bastante zangadas.
2	As instrutoras de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
3	As engenheiras de som entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
4	As empregadas domésticas estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
5	As filósofas passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
6	As estagiárias atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
7	As tatuadoras estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
8	As navegadoras festejaram a descoberta.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
9	As produtoras de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
10	As apresentadoras de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	As revisoras de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
12	As vendedoras ambulantes estavam irritadas.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
13	As merceiras saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
14	As veganas esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
15	As fuzileiras entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
16	As ilustradoras estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
17	As professoras de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
18	As encarregadas de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
19	As administradoras de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
20	As operárias metalúrgicas esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	As biólogas entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
22	As cabeleireiras estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	As geógrafas passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
24	As antropólogas atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.

Lista D (Teste 2)		
1	Os empregados de limpeza saíram da sala.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
2	Os educadores de infância esperaram nas traseiras da escola.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
3	Os hospedeiros de bordo entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
4	Os escravos sexuais estavam no supermercado.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
5	Os costureiros passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
6	Os parteiros atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
7	Os prostitutas saíram do hotel.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
8	Os enfermeiros esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
9	Os empregados de mesa entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
10	Os atores de teatro estavam perto do mar.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
11	Os empregados de balcão passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
12	Os funcionários públicos atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.
13	Os coreógrafos saíram do armazém.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
14	Os cozinheiros esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
15	Os cantores entraram no parque.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
16	Os vizinhos estavam à porta do prédio.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
17	Os treinadores de futebol passearam pelo bosque.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
18	Os lutadores de wrestling atravessaram a estrada.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
19	Os capitães de equipa saíram do café.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
20	Os atiradores furtivos esperaram na estação do metro.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
21	Os milionários entraram no aeroporto.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
22	Os governadores estavam à porta do restaurante.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
23	Os ministros passearam pela cidade.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
24	Os agricultores atravessaram a praça.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.

Lista D (Teste 3)		
25	Os treinadores de futebol saíram da sala.	Por causa da chuva, algumas das mulheres vestiam um impermeável.
26	Os lutadores de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres vestiam um impermeável.
27	Os capitães de equipa entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, uma das mulheres vestia um impermeável.
28	Os atiradores furtivos estavam no supermercado.	Por causa do calor, duas das mulheres não vestiam casaco.
29	Os milionários passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, alguns dos homens não vestiam casaco.
30	Os governadores atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, vários dos homens não vestiam casaco.
31	Os ministros saíram do parlamento.	Por causa da chuva, um dos homens tinha um guarda-chuva.
32	Os agricultores esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, dois dos homens tinham um guarda-chuva.
33	Os empregados de limpeza entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, algumas das mulheres tinham um guarda-chuva.
34	Os educadores de infância estavam perto do mar.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
35	Os hospedeiros de bordo passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, uma das mulheres tinha óculos escuros.
36	Os escravos sexuais atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, duas das mulheres tinham óculos escuros.
37	Os costureiros saíram do armazém.	Era evidente que alguns dos homens estavam bastante zangados.
38	Os parteiros esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que vários dos homens estavam bastante zangados.
39	Os prostitutas entraram no parque.	Percebia-se que um dos homens estava bastante zangado.
40	Os enfermeiros estavam à porta do hospital.	Era evidente que dois dos homens estavam bastante animados.
41	Os empregados de mesa passearam pelo bosque.	Via-se que algumas das mulheres estavam bastante animadas.
42	Os atores de teatro atravessaram a estrada.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante animadas.
43	Os empregados de balcão saíram do café.	Era evidente que uma das mulheres estava bastante triste.
44	Os funcionários públicos esperaram na estação de metro.	Via-se que duas das mulheres estavam bastante tristes.
45	Os coreógrafos entraram no aeroporto.	Percebia-se que alguns dos homens estavam bastante tristes.
46	Os cozinheiros estavam à porta do restaurante.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
47	Os cantores passearam pela cidade.	Via-se que um dos homens estava bastante calmo.
48	Os vizinhos atravessaram a praça.	Percebia-se que dois dos homens estavam bastante calmos.

Itens AFP da Lista D (Teste 3)		
1	As treinadoras de futebol saíram da sala.	Por causa da chuva, alguns dos homens vestiam um impermeável.
2	As lutadoras de wrestling esperaram nas traseiras do hotel.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens vestiam um impermeável.
3	As capitãs de equipa entraram no elevador.	Devido ao mau tempo, um dos homens vestia um impermeável.
4	As atiradoras furtivas estavam no supermercado.	Por causa do calor, dois dos homens não vestiam casaco.
5	As milionárias passearam pela floresta.	Prevendo um dia de calor, algumas das mulheres não vestiam casaco.
6	As governadoras atravessaram a avenida.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres não vestiam casaco.
7	As ministras saíram do parlamento.	Por causa da chuva, uma das mulheres tinha um guarda-chuva.
8	As agricultoras esperaram perto da fonte.	Prevendo um dia chuvoso, duas das mulheres tinham um guarda-chuva.
9	As empregadas de limpeza entraram no edifício.	Devido ao mau tempo, alguns dos homens tinham um guarda-chuva.
10	As educadoras de infância estavam perto do mar.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
11	As hospedeiras de bordo passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, um dos homens tinha óculos escuros.
12	As escravas sexuais atravessaram a ponte.	Devido ao bom tempo, dois dos homens tinham óculos escuros.
13	As costureiras saíram do armazém.	Era evidente que algumas das mulheres estavam bastante zangadas.
14	As parteiras esperaram na paragem do autocarro.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante zangadas.
15	As prostitutas entraram no parque.	Percebia-se que uma das mulheres estava bastante zangada.
16	As enfermeiras estavam à porta do hospital.	Era evidente que duas das mulheres estavam bastante animadas.
17	As empregadas de mesa passearam pelo bosque.	Via-se que alguns dos homens estavam bastante animados.
18	As atrizes de teatro atravessaram a estrada.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante animados.
19	As empregadas de balcão saíram do café.	Era evidente que um dos homens estava bastante triste.
20	As funcionárias públicas esperaram na estação de metro.	Via-se que dois dos homens estavam bastante tristes.
21	As coreógrafas entraram no aeroporto.	Percebia-se que algumas das mulheres estavam bastante tristes.
22	As cozinheiras estavam à porta do restaurante.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
23	As cantoras passearam pela cidade.	Via-se que uma das mulheres estava bastante calma.
24	As vizinhas atravessaram a praça.	Percebia-se que duas das mulheres estavam bastante calmas.

Fillers da Lista D (Teste 2)		
1	Os professores de física saíram da sala.	Era evidente que algumas das camionistas estavam bastante zangadas.
2	Os encarregados de educação esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
3	Os administradores de empresas entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
4	Os operários metalúrgicos estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
5	Os biólogos passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
6	Os cabeleireiros atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
7	Os geógrafos estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
8	Os antropólogos festejaram a publicação.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
9	Os supervisores de contas estavam muito felizes.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
10	Os instrutores de dança irritaram-se no treino.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
11	Os engenheiros de som estavam irritados.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
12	Os empregados domésticos enervaram-se no supermercado.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
13	Os filósofos saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
14	Os estagiários esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
15	Os tatuadores entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
16	Os navegadores estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
17	Os produtores de música passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
18	Os apresentadores de televisão atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
19	Os revisores de texto saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
20	Os vendedores ambulantes esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
21	Os merceeiros entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
22	Os veganos estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
23	Os fuzileiros passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
24	Os ilustradores atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.

Fillers da Lista D (Teste 3)		
25	Os instrutores de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.
26	Os engenheiros de som entraram no elevador.	Percebia-se que uma das sindicalistas estava bastante zangada.
27	Os empregados domésticos estavam perto da praia.	Era evidente que uma das médicas estava bastante animada.
28	Os filósofos passearam pela floresta.	Via-se que dois dos sem-abrigo estavam bastante animados.
29	Os estagiários atravessaram a avenida.	Percebia-se que dois dos pediatras estavam bastante animados.
30	Os tatuadores estavam muito felizes.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante tristes.
31	Os navegadores festejaram a descoberta.	Via-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
32	Os produtores de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
33	Os apresentadores de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante calmas.
34	Os revisores de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
35	Os vendedores ambulantes estavam irritados.	Percebia-se que várias das mulheres estavam bastante calmas.
36	Os merceiros saíram do café.	Por causa da chuva, alguns dos videntes vestiam um impermeável.
37	Os veganos esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, alguns dos analfabetos vestiam um impermeável.
38	Os fuzileiros entraram no parque.	Devido ao mau tempo, um dos jornalistas vestia um impermeável.
39	Os ilustradores estavam perto do mar.	Por causa do calor, um dos malabaristas não vestia casaco.
40	Os professores de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, duas das caçadoras não vestiam casaco.
41	Os encarregados de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, duas das apicultoras não vestiam casaco.
42	Os administradores de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
43	Os operários metalúrgicos esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
44	Os biólogos entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
45	Os cabeleireiros estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
46	Os geógrafos passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, vários dos homens tinham óculos escuros.
47	Os antropólogos atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, vários dos homens tinham óculos escuros.
48	Os instrutores de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que algumas das presidentes estavam bastante zangadas.

Fillers AFP da Lista D (Teste 3)		
1	As supervisoras de contas saíram da sala.	Era evidente que alguns dos camionistas estavam bastante zangados.
2	As instrutoras de dança esperaram nas traseiras da escola.	Via-se que alguns dos presidentes estavam bastante zangados.
3	As engenheiras de som entraram no elevador.	Percebia-se que um dos sindicalistas estava bastante zangado.
4	As empregadas domésticas estavam perto da praia.	Era evidente que um dos médicos estava bastante animado.
5	As filósofas passearam pela floresta.	Via-se que duas das sem-abrigo estavam bastante animadas.
6	As estagiárias atravessaram a avenida.	Percebia-se que duas das pediatras estavam bastante animadas.
7	As tatuadoras estavam muito felizes.	Era evidente que várias das mulheres estavam bastante tristes.
8	As navegadoras festejaram a descoberta.	Via-se que várias das mulheres estavam bastante tristes.
9	As produtoras de música comemoraram o contrato com alegria.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante tristes.
10	As apresentadoras de televisão irritaram-se nos ensaios.	Era evidente que vários dos homens estavam bastante calmos.
11	As revisoras de texto enervaram-se durante a reunião.	Via-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
12	As vendedoras ambulantes estavam irritadas.	Percebia-se que vários dos homens estavam bastante calmos.
13	As merceeiras saíram do café.	Por causa da chuva, algumas das videntes vestiam um impermeável.
14	As veganas esperaram na paragem do elétrico.	Prevendo um dia chuvoso, algumas das analfabetas vestiam um impermeável.
15	As fuzileiras entraram no parque.	Devido ao mau tempo, uma das jornalistas vestia um impermeável.
16	As ilustradoras estavam perto do mar.	Por causa do calor, uma das malabaristas não vestia casaco.
17	As professoras de física passearam pelo jardim.	Prevendo um dia de calor, dois dos caçadores não vestiam casaco.
18	As encarregadas de educação atravessaram a estrada.	Devido ao bom tempo, dois dos apicultores não vestiam casaco.
19	As administradoras de empresas saíram para aproveitar o sol.	Por causa da chuva, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
20	As operárias metalúrgicas esperaram ao sol na rua.	Prevendo um dia chuvoso, vários dos homens tinham um guarda-chuva.
21	As biólogas entraram no mar devido ao calor.	Devido ao mau tempo, várias das mulheres tinham um guarda-chuva.
22	As cabeleireiras estavam com medo da tempestade.	Por causa do calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
23	As geógrafas passearam pela cidade coberta de neve.	Prevendo um dia de calor, várias das mulheres tinham óculos escuros.
24	As antropólogas atravessaram o bosque à chuva.	Devido ao bom tempo, várias das mulheres tinham óculos escuros.

